

Ana Flores Reis

**OS EMBRIAGADOS DE VIDA, SER JOVEM NO PALCO DA CIDADE: UM
ESTUDO ETNOGRÁFICO EXPLORATÓRIO SOBRE A CONSTRUÇÃO
IDENTITÁRIA NUM CONCENTRADOR JUVENIL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
201

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Os embriagados de vida, ser jovem no palco da cidade: um estudo etnográfico
exploratório sobre a construção identitária num concentrador juvenil**

Ana Flores Reis

Junho 2011

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto para prestação de provas de Mestrado Integrado em Psicologia, na área de Comportamento Desviante e da Justiça, realizada sob orientação do Professor Doutor Luís Fernandes (FPCEUP)

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Luís Fernandes, por me ter ajudado nesta volta de 180° da prisão à liberdade, por ter confiado em mim e no meu trabalho, e por me ter mostrado que a escrita desta Dissertação poderia ser um autêntico processo de auto-descoberta.

Aos meus pais. Sem vocês, não estaria aqui. Obrigada por terem seguido sempre tão de perto o meu percurso, por me encorajarem e promoverem sempre as melhores oportunidades. Obrigada pelo carinho, pela dedicação e pela segurança que sempre me transmitiram.

A todos aqueles que colaboraram comigo neste projecto e que disponibilizaram o seu tempo para serem entrevistados e acompanhados nas minhas incursões ao terreno. Obrigada pelos momentos de reflexão e aprendizagem.

À Xana, à Cátia, à Mary, à Pi e à Filipa, os meus pilares neste caminho. Não o trilhei sozinha, por isso esta construção é também vossa. Obrigada por serem tudo aquilo que eu não sei dizer.

Às minhas madrinhas – Marlene, Raquel e Carla. Por terem sido uma verdadeira Casa, pela entrega genuína, por acreditarem em mim mesmo quando eu não acreditei em mim mesma.

Aos meus afilhados: por me deixarem ser *Naturalis* com vocês, incondicionalmente.

A todos os meus amigos que estiveram comigo durante este processo. Obrigada por ousarem ser comigo.

Ao “meu” João. Obrigada por seres sempre perfeitamente imperfeito comigo.

Resumo

O discurso mediático e o discurso científico têm veiculado a associação das culturas juvenis ao tema do desvio e, mais recentemente, caracterizado a apropriação do espaço pelos jovens como ameaça à ordem pública. Assim, considerámos pertinente aceder à perspectiva dos actores sociais e desconstruir discursos dominantes em torno do movimento que se tem gerado na Baixa do Porto, do qual os jovens são os principais protagonistas. Por um lado, pretendemos perceber como é que as formas de ocupação do tempo neste concentrador juvenil se ligam ao processo de construção identitária dos jovens, visando aceder às suas significações sobre as mesmas; por outro, visámos alcançar a compreensão do processo inverso – da forma como os jovens ajudam à produção da cidade. Tendo como base estas questões de investigação, realizámos um estudo exploratório de cariz etnográfico com jovens que frequentam o concentrador supra-referido nos seus tempos de lazer nocturno. No mesmo sentido, foi elaborado um diário de campo relativo às nossas incursões ao terreno. Para além das entrevistas semi-estruturadas realizadas com jovens, realizámos também entrevistas com estudantes que efectuaram um período de mobilidade no estrangeiro, de forma a comparar o fenómeno com a noite de outras cidades europeias. Por fim, conduzimos entrevistas com trabalhadores e moradores da cidade, visando comparar e contrastar os sentidos atribuídos.

Da nossa investigação realçamos o facto de os jovens co-construírem e experimentarem activamente identidades no contexto da cidade, identidades essas que, por sua vez, têm o poder de transformar o espaço, ao apropriarem-no e investirem-no de significados.

Palavras-chave: Culturas juvenis, identidade, cidade, Baixa do Porto, concentrador juvenil, apropriação do espaço, etnografia.

Abstract

Journalistic and scientific discourses have conveyed the association between youth cultures and the topic of deviation and, more recently, characterized space appropriation by young people as a threat to public order. Therefore, we considered it pertinent to gain access to the perspective of the social actors and to deconstruct the dominant discourses around the movement that has emerged in Oporto's downtown, in which young people are the leading characters. On the one hand, we intend to understand how the ways of spending time in this youth gathering place are connected to the process of youth identity construction, with the aim of reaching their significations about that matter. On the other hand, we tried to understand the reverse process – the way how young people contribute to the way the city is made. Based on these investigation questions we performed an exploratory study of ethnographic nature with youngsters that go regularly to the place above mentioned during their night leisure times. We also took field notes concerning our observations in context. Besides the semi-structured interviews performed with young people, we also carried out some interviews with students who had been abroad completing a mobility programme, in order to compare this phenomenon to the night life of other European cities. At last, we conducted interviews with city workers and city dwellers, in order to compare and contrast the significations that were attributed to the aforementioned phenomenon.

From this investigation, we highlight the fact that young people actively co-construct and experiment identities in the context of the city, identities that in turn have the power to transform the space, by appropriating it and investing it with meanings.

Key words: Youth cultures, identity, city, Oporto's downtown, youth gathering place, space appropriation, ethnography.

Resumen

El discurso mediático y el discurso científico han vehiculado la asociación de las culturas juveniles al tema del desvío y, más recientemente, han caracterizado la apropiación del espacio por los jóvenes como amenaza al orden público. Así, consideramos pertinente acceder a la perspectiva de los actores sociales y desconstruir discursos dominantes en torno al movimiento que se ha generado en la Baixa de Oporto, del cual, los jóvenes son los principales protagonistas. Por un lado, pretendemos entender cómo las formas de ocupación del tiempo en este aglutinador juvenil, se conectan al proceso de construcción de la identidad de los jóvenes, teniendo como objetivo acceder a las significaciones que ellos les dan; por otro lado, queremos comprender el proceso inverso, la forma en que los jóvenes ayudan a la producción de la ciudad. Basándonos en estas premisas de investigación, realizamos un estudio de exploración de cariz etnográfico con jóvenes que frecuentan el aglutinador arriba referido en su tiempo libre nocturno. En el mismo sentido, fue elaborado un diario de campo sobre nuestras incursiones en el terreno. Además de las entrevistas semi-estructuradas realizadas a los jóvenes, hicimos también entrevistas a estudiantes que habían pasado por un periodo de movilidad en el extranjero, para poder comparar el fenómeno con otras ciudades europeas. Finalmente, realizamos entrevistas a trabajadores y residentes de la ciudad para comparar y contrastar los sentidos atribuidos.

De nuestra investigación destacamos el hecho de que los jóvenes co-construyen y experimentan activamente identidades en el contexto de la ciudad, identidades esas que, a su vez, tienen el poder de transformar el espacio al apropiarse de él y envolverlo de significados.

Palabras-clave: Culturas juveniles, identidad, ciudad, Baixa de Oporto, aglutinador juvenil, apropiación del espacio, etnografía.

Índice

Prólogo	1
Capítulo I – Enquadramento teórico	2
1. Incurções teóricas: um incessante processo de descoberta.....	3
1.1 Elementos para o recortar da cidade enquanto objecto	3
1.2 Porto: a história (in)certa de uma cidade de futuros.....	4
1.2.1 Porto: um passado conjugado para além das muralhas medievais	4
1.2.2 Porto: um clássico conjugado no presente	5
1.3 Em cada não-lugar da cidade, há um lugar para (re)descobrir.....	7
1.4 Culturas juvenis: objecto de discursos, sujeito de construções.....	9
1.4.1 A construção social do conceito de juventude: condições de emergência e con(tra)dições da sua problematização.....	9
1.4.2 Existe uma cultura juvenil?	11
1.4.3 Compasso de espera ou passos na apropriação?.....	14
1.4.4 Ambientes recreativos nocturnos: comportamentos problemáticos ou problematização de comportamentos?	16
1.5 Identidade: um bilhete de apresentação dos jovens.....	19
1.5.1 Impressão idiossincrática ou pressão para a diluição?.....	19
1.5.2 De como o espaço terá sempre de ser lugar: a (re)produção de identidades urbanas	21
Capítulo II – Metodologia	27
2. Metodologia: o confronto com uma nova racionalidade em ciência	28
2.1 Do recorte do objecto e da emergência das questões de investigação.....	28
2.2 ... às incurções epistemológicas.....	29
2.3 ... e à descoberta de marcos teóricos	29
2.4 Criar métodos para os problemas: os métodos qualitativos e a pesquisa de terreno.....	31
2.5 A mobilização das técnicas: a observação participante e a condução de entrevistas	34
2.5.1 Observação participante.....	34
2.5.2 A condução de entrevistas.....	35
2.6 Nos cafés da “juventude perdida”, com os actores do agora.....	36
2.7 A análise de conteúdo e a produção de inferências.....	37
3. Concentradores juvenis – convergências e divergências.....	39
3.1 Frequência – “ <i>Nesses dias é todo o dia São João!</i> ”	39
3.2 Actores – “ <i>A Baixa é muito eclética em termos de idades, em termos de segmento cultural e económico</i> ”, ou de como “ <i>Aqui consegue-se encontrar de tudo</i> ”	40
3.3 Companhia – “ <i>A questão não é bem com que pessoas é que vais, é quase com que pessoas é que acabas a noite</i> ”	41
3.4 Concentradores – “ <i>No fundo é quase o supermercado de sair à noite</i> ”	41
3.4.1 Tipos de concentradores – “ <i>Há sempre um circuito</i> ”	41

3.4.1.1 A rua – “ <i>é tipo... uma paragem nas boxes, okay?</i> ”	42
3.4.1.2 Os restaurantes – “ <i>Tem que haver jantarada num dos tascos da Cordoaria!</i> ”	44
3.4.1.3 Os espaços fechados – “ <i>O que faz um bom sítio são as pessoas com quem estou</i> ”	45
3.4.2 Atractividade – “ <i>Faz parte da rotina da des-rotina</i> ”	47
3.4.3 Apropriação do espaço – “ <i>os sítios perderam a identidade</i> ”	50
3.5 Ocupação do tempo – “ <i>há uma série de experiências muito conotadas com essa fase da tua vida</i> ”	51
3.6 – Cidade – do esquecimento à revitalização, da revitalização à descartabilidade	55
3.6.1 Apropriação do espaço – de como “ <i>o Piolho às 3 da manhã é um freak show</i> ” e de como “ <i>cada área está mais ligada a um certo tipo de... quase questões sociais</i> ”	55
3.6.2 Percepção de mudanças – “ <i>Nota-se mais a cidade a mexer-se aqui</i> ”	57
3.6.3 Papel dos jovens na revitalização – “ <i>Se daqui a 50 anos falarem dos anos 2000, a Baixa era nossa</i> ”	58
3.7 Comparação com outras cidades – um percurso pelas noites da Europa: semelhanças e diferenças	60
3.8 Percepção do fenómeno – “ <i>Eu penso que será uma moda</i> ”	62
3.8.1 Para os trabalhadores-moradores enquanto pessoas – “ <i>mal consigo dormir!</i> ”	62
3.8.2 Cidade – de como “ <i>há uns anos atrás não se via nada disto</i> ” ao “ <i>a cidade não prende as pessoas</i> ”	63
3.8.3 Jovens: conduta, papel e significado – da liberdade nas expressividades ao “ <i>marimbarem-se completamente para a situação</i> ”	64
3.8.4 Alternativas e medidas – “ <i>Reabilitar o comércio tradicional, criar postos de trabalho e ter aqui pessoas a morar</i> ”	67
3.9 Diminuição da atractividade: problemas e outras questões – “ <i>Muito lixo, muito barulho, muita desordem</i> ”	67
3.10 A emergência de uma nova forma de pensar as culturas juvenis na apropriação da Baixa do Porto	69
Capítulo IV – Reflexões finais	72
4. Epílogo	73
Capítulo V – Referências bibliográficas	75
Capítulo VI – Anexos	84

Índice de anexos

Anexo 1 – Unidade de estudo seleccionada para a nossa investigação

Anexo 2 – A Baixa, concentrador juvenil: pequena reportagem fotográfica

Anexo 3 – Guião das entrevistas conduzidas com jovens frequentadores da Baixa

Anexo 4 – Guião das entrevistas conduzidas com jovens frequentadores da Baixa e que efectuaram um período de mobilidade no estrangeiro

Anexo 5 – Guião das entrevistas conduzidas com moradores/trabalhadores da cidade

Anexo 6 – Grelha de análise de conteúdo respeitante às categorias que emergiram das entrevistas com jovens e respectivos indicadores

Anexo 7 – Grelha de análise de conteúdo respeitante às categorias que emergiram das entrevistas com jovens que efectuaram um período de mobilidade e respectivos indicadores

Anexo 8 – Grelha de análise de conteúdo respeitante às categorias que emergiram das entrevistas com moradores-trabalhadores da cidade e respectivos indicadores

Prólogo

Embora as culturas juvenis e o espaço urbano sejam objectos que têm sido normalmente abordados a partir de explicações doutros ramos científicos (e.g. Sociologia), a juventude e a construção identitária são conceitos intimamente ligados e que se inscrevem na área da Psicologia. Esta tem-se interessado pelo estudo das transformações desenvolvimentais que ocorrem nesta etapa e, no caso mais concreto da Psicologia do Comportamento Desviante, pelas funções que os fenómenos e dinâmicas associados com a transgressão cumprem nesta fase (Carvalho, 2004).

Os meios de comunicação social e os discursos dominantes têm veiculado a associação desta etapa ao tema do desvio. O discurso jornalístico e o próprio discurso científico têm construído uma imagem das culturas juvenis pautada por condutas delinquentiais e violentas, por consumos exagerados de álcool e drogas e por comportamentos sexuais e rodoviários de risco. A frequência de espaços recreativos nocturnos pelos jovens é vista como tendo sempre algo de boémio e de divergente, proporcionando uma ruptura com os valores da cultura dominante. Esta construção discursiva do campo mediático e do campo científico parece, por sua vez, legitimar a nova preocupação com o controlo social no espaço urbano.

É neste contexto e, tendo como base estes discursos – mas pretendendo desconstruí-los – que encontramos a pertinência da nossa investigação.

Após a constatação empírica de que alguns espaços da Baixa do Porto servem agora funções de concentrador juvenil, e de termos demarcado a nossa área de estudo (cf. Anexos 1 e 2), visámos dar conta das perspectivas dos actores sociais sobre as suas significações no modo de vida urbano, por contraste às visões dominantes que descrevem as culturas juvenis como sendo problemáticas, passivas e anómicas. Pretendemos ainda caracterizar este concentrador em profundidade, procurando descobrir o que nele atrai e que funções gratifica na vida dos jovens, nomeadamente no que diz respeito aos processos de construção identitária individual e grupal. Por fim, procurámos dar conta do papel dos jovens na produção da cidade, considerando que estes têm poder na transformação do espaço físico através da produção de significados, passando estes espaços, por sua vez, a funcionar como suporte de identidades tipicamente juvenis.

Capítulo I – Enquadramento teórico

1. Incursões teóricas: um incessante processo de descoberta

Nada se passa na alma que não se passe na cidade.

(Platão, séc. V a.C.)

1.1 Elementos para o recortar da cidade enquanto objecto

As cidades nunca foram meros sítios, sempre significaram algo. Assim, não podemos conceber a cidade de forma simplista; há duas cidades, a cidade descritiva e a cidade interpretativa (Rémy & Voyé, 1992). A primeira prende-se com as suas características físicas, a segunda considera-a lugar estruturante das actividades sociais, transportando-a assim para o nosso domínio do saber, o da Psicologia.

Na Antiguidade e no seu ressurgimento na Idade Média, as cidades eram metáfora de ordem. A sua planificação, hierarquização e funções específicas serviam como espelho daquilo a que se devia assemelhar a realidade social (Rémy & Voyé, 1992). Assim, o centro histórico comporta desde sempre uma forte carga simbólica (Fernandes, 2004c, 2007d), conferindo à cidade a sua identidade e historicidade (Rémy & Voyé, 1992). É um espaço densamente construído, com ruas, praças e construções com passado extenso de vários séculos, justapondo-se a uma centralidade administrativa e económica. Em muitos casos, é um espaço que se convencionou delimitar pela muralha medieval, muito embora siga um processo de expansão para fora das mesmas (Fernandes, 2004c, 2007d).

No entanto, a cidade também foi utilizada para construir outras metáforas. Na época da Revolução Industrial, a cidade foi sinónimo de problema, de forma de perversão por si mesma. Nessa altura, construiu-se uma imagem da vida urbana que ainda persiste: a cidade deixou de ser imaginada como lugar de ordem, civilização e progresso, passando a ser conotada com características como a impessoalidade, a segmentação, a degradação e a anomia (Cohen, 1988). Wirth (s.d, *cit in* Lopes, 2000) concebe a cidade como ambiente de anonimato, de relações impessoais, superficiais, transitórias, utilitárias. Simmel (1903) realça como características da cidade moderna o intelectualismo, o calculismo, a atitude *blasé* e a reserva mental, atributos que estariam ligados a uma reacção adaptativa a condições exteriores, visando a protecção da personalidade (Neves, 2004). De acordo com este autor, a metrópole eliminaria todas as

características da pessoa (Simmel, 1903). Paralelamente, a cidade moderna congregou em si condições específicas para a concentração de uma série de figuras desviantes, representadas como perigosas e ameaçadoras da ordem social existente (Chevalier, 1978, *cit in* Magnani, 2003).

1.2 Porto: a história (in)certa de uma cidade de futuros

1.2.1 Porto: um passado conjugado para além das muralhas medievais

Vivemos um período marcado por alterações substanciais a diversos níveis – social, cultural, económico, político. Estas alterações têm obviamente uma expressão importante no território das grandes metrópoles, importando então considerar a história da cidade do Porto para que, à luz da mesma, possamos obter uma compreensão mais aprofundada do fenómeno na actualidade.

O Porto nasce com a conquista cristã aos Muçulmanos no séc. XII, remontando a sua importância como pólo de desenvolvimento à Idade Média. No séc. XIV, a cidade cresce para fora das suas muralhas. No entanto, é no século XVIII, com a ascensão da burguesia, que o crescimento se acentua (Fernandes, 1990). Se nesta altura a Ribeira se torna o pólo da actividade comercial, no séc. XIX perde parte da sua importância, nomeadamente para a actual Baixa (Fernandes, 1990). O Porto de Oitocentos assiste a uma separação entre um centro de comércio, na zona da actual Praça da Liberdade, e um aro fabril em torno do que era então a cidade. Com a chegada do comboio e com a abertura da Ponte D.Luís I, o Porto terá então a sua “Baixa”, espaço de comércio e serviços, de encontro social e de manifestação política, sede de administração municipal e centro incontestável da cidade industrial, que a abertura da Avenida dos Aliados, em 1916, consagra (Fernandes, 2001b). A cidade fervilha também em termos culturais, com a proliferação de cafés e botequins como pontos de encontro da burguesia e de outros espaços, como museus, bibliotecas e teatros (Lopes, 2000). Os mais desfavorecidos, por outro lado, fazem da rua o seu local de eleição, prolongando o espaço doméstico. O processo de concentração populacional decorrente da industrialização e do êxodo rural leva a uma densificação da área central, conduzindo à adopção de soluções de tipo “ilha” (Fernandes, 1998a), gerando problemas habitacionais. No séc. XX, a cidade continua a ver a sua população aumentada, cada vez mais à custa da urbanização dos seus arredores e da desindustrialização da cidade, com expansão do emprego e de novas

oportunidades na periferia (e.g. Boavista), perdendo o centro densidade populacional (Fernandes, 1998a, 2001b).

1.2.2 Porto: um clássico conjugado no presente

Entre os anos 30 e os anos 70 assistem-se a algumas transformações na cidade. No entanto, a maior parte das propostas depara-se com falta de capacidade política e económica. Após o 25 de Abril, a intervenção na cidade restringe-se à Ribeira-Barredo, tornando-a o pólo atractivo da *movida* nocturna (Fernandes, 1990), alargando ao longo do tempo a sua área de incidência.

Nada faria prever, até ao final dos anos 70, qualquer possibilidade de contestação à supremacia da “Baixa” como centro do Porto (Fernandes, 1997, *cit in* Fernandes, 2001b). No entanto, nos anos 70 e 80, a Baixa assistiria a um processo de exaustão da sua capacidade regenerativa, sendo cada vez menos lugar privilegiado para acolher manifestações políticas, sociais e culturais. Se os usos da cidade são pautados por uma forte heterogeneidade, ainda assim, no centro histórico do Porto, são muitos os prédios que evidenciam sinais de decadência e degradação, podendo falar-se paralelamente num despovoamento e num envelhecimento da população. No campo económico fala-se de estagnação e perda, com o crescimento do desemprego, a desindustrialização da cidade e a desvitalização do comércio tradicional (Fernandes, 2004c; Pereira, 2005b). Durante a noite, a cidade está deserta, sendo percebida com lugar de insegurança e perdendo significado no dia-a-dia dos cidadãos. Rémy e Voyé (1992) concebem a cidade urbanizada como induzindo uma apropriação que se faz a partir de uma multiplicidade de lugares dispersos, não sendo já o centro que estrutura a percepção do espaço. Este terá perdido as suas actividades maiores, deslocadas para a periferia e, simultaneamente, o seu significado. Paralelamente, o cosmopolitismo e a funcionalização do espaço público transformaram as praças e as ruas das cidades em lugares de passagem, espaços desvitalizados (Lopes, 2000).

Por oposição a algumas perspectivas valorizadoras do modernismo, o tecido antigo é hoje visto como necessitando de protecção e conservação, atravessando sérios riscos de se tornar mais visitado que vivido (Fernandes, 2004c). Após as eleições de 2001, e significativamente favorecida pela Condição de Capital Europeia da Cultura no mesmo ano, assiste-se a uma significativa modificação da política para a cidade, nomeadamente com a criação da Sociedade de Reabilitação Urbana.

Assim, a cidade faz-se e desfaz-se. O centro vai-se desconfigurando e reconfigurando, sendo que, actualmente, a cidade se tem estruturado como referência material e simbólica para vastos conjuntos populacionais (Pereira, 2005b), como é o caso dos jovens que agora frequentam a Baixa do Porto. O surgir desta “nova noite” na Baixa terá de ser enquadrado no surgir de novos projectos no centro, no definhar da noite da Ribeira e na decadência da zona industrial (Lameiras et al., 2009). Nos últimos anos, tem-se assistido ao despertar de uma nova noite na Baixa, feita de deambulações nocturnas e caracterizada por uma apropriação do espaço público, verificada anteriormente na Ribeira (Fernandes, 1990; Lameiras et al., 2009). Esta nova *movida* nocturna deu o pontapé de saída para transformar uma zona em decadência num vértice central de animação nocturna. O espaço público sempre foi uma tradição da vida nocturna portuense, seria inevitável que voltasse a existir esta ocupação da rua. No entanto, “o Porto anima-se, desanima-se, e agora bebe, para atenuar a depressão” (Pires, 2011). A comunicação social e a Sociologia clamam que o processo de reabilitação está apenas relacionado com a lógica criativa e de dinamização cultural (Queiroz, s.d., *cit in* Lameiras et al., 2009), assistindo-se deste modo a uma forma de pensar a cidade sem partir dos problemas com que esta se confronta. Esta revitalização assentaria então numa lógica económica, sem que o aumento do consumo da noite no centro e esta forma de fruir e viver a cidade se traduzissem necessariamente num compromisso com aquele espaço (Martins, s.d., *cit in* Lameiras et al., 2009)

Consequentemente, enfatiza-se a necessidade de se reabilitar o comércio tradicional e a habitação, de se promover o emprego, de se prevenir a gentrificação (ocupação exclusiva por intelectuais jovens de classe média/alta), de se facilitar a acessibilidade e de se atentar à segurança, limpeza e iluminação (Fernandes, 2001b, 2007d).

Se por um lado o surgir desta *movida* é visto como possível impulsionador de um novo olhar sobre a cidade, por outro são já apontados uma série de problemas, como o ruído, o estacionamento selvagem, o incumprimento de regras e o lixo (Jornal Público, 2010), que podem originar medidas para conter este fenómeno.

1.3 Em cada não-lugar da cidade, há um lugar para (re)descobrir

Conhecer a cultura da cidade, o modo de vida urbano, é uma preocupação que vem já dos trabalhos da Escola de Chicago (Neves, 2004). A Escola de Chicago conceberia a cidade como mais do que uma mistura de indivíduos, produtora da sua própria cultura. A existência de uma cultura urbana assentaria em duas teses fundamentais: por um lado, a especificidade do sistema cultural das sociedades modernas, industriais e capitalistas e, por outro, a produção desse sistema em territórios particulares – as cidades (Neves, 2004).

A cidade foi muitas vezes pensada como território de correrias, de “não lugares” (Auge, 1994, *cit in* Pais, 2010) por escassear o tempo para nos conectarmos a eles. No entanto, a cidade é pólo de criação e produção cultural, justificando a pertinência de atentarmos às práticas culturais que se desenvolvem em espaços urbanos (Guerra, 2004a). Nas sociedades modernas, assiste-se ao desenvolvimento de uma cultura de massas associada a consumos e lazeres juvenis, que são dinamizados na cidade (Silva et al., s.d.). Esta importância do lazer na sociedade contemporânea deve ser, portanto, contextualizada. Se nos tempos da Revolução Industrial os valores predominantes eram a disciplina, o ritmo e a intensidade do trabalho, o capitalismo veio instaurar uma nova ordem socioeconómica, em que o tempo livre assumiu um papel importante. Este representava não apenas a reposição da energia gasta no trabalho, mas também ocasião de desenvolvimento de uma cultura própria (Magnani, 1994a). O lazer surge então dentro do universo do trabalho e por oposição a ele. Actualmente, o lazer já não é pensado apenas em referência ao trabalho, sendo que a ocupação do tempo é considerada *per se* um empreendimento. Um dos seus grandes significados é o estabelecimento e fortificação das redes de sociabilidade. Assim, o lazer não pode ser considerado apenas numa vertente passiva, instrumental e individualizada (Magnani, 1994a).

O lazer assume portanto uma função preponderante nas cidades modernas, sendo importante atentar ao papel da rua, uma vez que esta é palco da sociabilidade e interacção urbana (Fernandes, 1990; Sieber, 2008, Pais, 2010c). Assim, falar da rua é falar da cidade (Cordeiro & Vidal, 2008). Se anteriormente as ruas eram conotadas com as figuras do desvio e com a margem, e se a cidade era vista como símbolo de tudo o que estava mal na civilização (Lehmann, 1983, *cit in* Lalli, 1992) – anónima, claustrofóbica, removida da natureza, fonte de alienação, no espaço público figuram

agora múltiplas lógicas de (des)construção e apropriação do espaço (Lopes, 2000). O espaço é uma forma que em si mesma não produz efeito nenhum; é a acção recíproca entre os indivíduos que é capaz de transformar um espaço vazio num espaço social (Simmel, 1908, *cit in* Pais, 2010). Assim, a cidade não é mais anónima socialmente, sendo importante revelar o sentido que a interacção urbana quotidiana adquire para os seus actores.

Tal como Lopes (2000) e Cordeiro e Vidal (2008), acreditamos que as pessoas são actores na construção da cidade, sendo que a imagem que fazem dela tem importância decisiva nas vivências e nas práticas quotidianas. A cidade e a rua, por sua vez, tornam-se elementos centrais de experimentação e expressão de identidades pessoais e de grupo (Wagner, 1994, *cit in* Pais, 2010). Homobono (2004) caracteriza as festas realizadas no espaço urbano como sinónimo de liberdade, apropriação dos espaços públicos e veículos de construção identitária, situando-se por oposição ao tempo estruturado e ao quotidiano. Essa liberdade adviria em certa parte da mobilidade, atributo do modo de vida urbano com significação positiva, por representar uma forma de participação activa nesse mesmo modo de vida (Rémy & Voyé, 1992). Também Goffman (1963) se interessou pelo estudo das interacções em locais públicos, reforçando o papel da rua no envolvimento mútuo e o papel do corpo e da aparência pessoal na transmissão de informação sobre os atributos do actor e sobre a sua concepção de si mesmo, dos presentes e do ambiente.

Adoptaremos o conceito de experiência urbana, na acepção que Magnani (2003b) lhe dá. Esta é uma experiência rica pelos contrastes; contraste entre edificações de épocas e estilos diversos, espaços culturais tradicionais ao lado de centros voltados para o experimentalismo e a vanguarda, locais escolhidos por pessoas de diferentes faixas etárias, etc. (Magnani, 1994a). O que importa não é falar da rua em si, mas da experiência da rua, enquanto lugar e suporte de sociabilidade (Magnani, 2003b), considerando-se as práticas sociais dos actores e o seu papel activo no fazer da cidade, resgatando-se a experiência da diversidade e da multiplicidade de usos e formas de ocupação. É impossível olharmos a cidade a partir dum eixo classificatório único (Magnani, 2003b), uma vez que na cidade existem, co-existem ou entram em confronto diversas formas de sociabilidade e de apropriação do espaço. No nosso caso, falaremos da experiência juvenil da rua e do espaço urbano, e da forma como esta experiência da rua e da cidade poderá ser formadora da experiência dos jovens.

1.4 Culturas juvenis: objecto de discursos, sujeito de construções

Tendo em mente a constatação empírica de que os grandes actores da unidade de estudo seleccionada são os jovens, a presente introdução pretende fazer ainda uma incursão em torno dos conceitos de juventude e culturas juvenis, articulando-os com as dinâmicas que caracterizam esta fase de vida, com os seus elementos expressivos e com as suas formas de apropriação do espaço.

1.4.1 A construção social do conceito de juventude: condições de emergência e con(tra)dições da sua problematização

Ariès (1973, *cit in* Carvalho, 2004), historiador francês bastante ligado ao estudo das questões da família e da infância, relata como no Antigo Regime se assistia a uma indiferenciação das idades de vida, com ausência de separação entre as esferas pública e privada, do trabalho e do lazer, da infância e da idade adulta. No séc. XVI, com uma série de transformações nas esferas económica e produtiva (emergência do capitalismo), começam a diferenciar-se os primeiros dispositivos de normalização da vida social (Foucault, 1976, *cit in* Carvalho, 2004): família, escola e trabalho – solidificados ao longo de toda a modernidade. No séc. XVIII, o conceito de juventude vê as suas condições de emergência (Pinto, 2009). Na esfera laboral, os jovens passam a estar afastados do trabalho; a família passa a ser responsável pela educação e protecção das crianças; a escolaridade é aberta a outras classes sociais, atrasando a entrada para a idade adulta. O capitalismo leva também à emergência da importância do lazer (Carvalho, 2004).

Assim, a juventude emerge como fase da vida, mas também como construção social (Pais, 1986a; Fernandes, 1990; Pinto, 2009). Os critérios que a definem são critérios de idade, mas também critérios psicológicos e sociológicos. Estes postulam a consolidação de uma série de tarefas de desenvolvimento, entre as quais a autonomização. A sua emergência no discurso científico foi dos aspectos que mais evidenciaram a consolidação desde conceito, associado a comportamentos problemáticos (Pais, 1986a; Epstein, 1998; Pinto, 2009). Assim, foi-se criando um dispositivo de controlo e intervenção sobre a juventude, permanecendo até aos dias de hoje uma certa inquietude da sociedade face aos jovens (Pinto, 2009). A juventude tem sido então um quase mito que os *media* têm ajudado a difundir, bem como o discurso

político e as intervenções administrativas, sem considerarem a perspectiva dos próprios jovens. Também o conhecimento científico (e a própria Psicologia) contribuiu para a legitimação desse discurso (Carvalho, 2004), ao conotar esta fase com uma série de condutas-problema – falta de participação social, drogas, delinquência, problemas na escola, problemas em casa.

Ora o tema do desvio está muitas vezes ligado à noção de controlo social. Esta diz respeito aos processos sociais e métodos destinados a induzir conformidade numa sociedade (Cohen, 1988). Nos séculos XVIII e XIX, assistiu-se a uma grande transformação no controlo social, sendo o aumento da participação do Estado no controlo do desvio e o desenvolvimento de um aparelho do controlo do crime e da delinquência um dos pontos-chave. Desde meados do séc. XX, verificou-se uma segunda grande transformação no controlo social, tendo este aumentado a sua amplitude, a dispersão dos seus mecanismos de sítios fechados a locais abertos e a invisibilidade do aparelho de controlo. Assim, o sistema expande-se, submetendo novos grupos desviantes ao controlo do Estado (Cohen, 1988), nomeadamente o grupo dos jovens.

Mas o que é afinal o sector juvenil? Como construção social que é, nunca poderá ser um conceito estanque. De facto, a noção de juventude tem-se estendido com o prolongamento da escolaridade, o atraso na entrada no mundo de trabalho e o tardar da autonomização familiar (Pais, 1986a; Chamboredon, 1983, *cit in* Pinto, 2009). Assim, esta é uma categoria cada vez menos associada ao critério da idade, devido ao aumento do período moratório antes da definição de projectos de vida (Pais, 1986a). Se o início da juventude é marcado pela entrada na adolescência, a sua saída tem limites difusos. A vivência juvenil é marcada pela predominância do tempo livre e do contacto lúdico com os pares, em confronto geracional com o mundo adulto, marcado pelo emprego e pela gestão de responsabilidades (Fernandes, 1990). Define-se então não pelo que é, mas pelo que deixa de ser e, por estar organizada de forma particular. Exige ser compreendida como uma cultura própria – dando lugar à adopção da expressão “cultura juvenil” – marcada por esse regime específico de vivência do tempo supra-citado (Fernandes, 1990).

1.4.2 Existe uma cultura juvenil?

Antecipemos, antes mesmo de a discutir, a resposta: existe (Fernandes & Paixão, 1993). Antes, contudo, de expormos o que entendemos por cultura juvenil, é necessário realçar a existência de duas correntes principais face a este conceito. A perspectiva geracional admite a existência de uma cultura juvenil que se oporia à cultura das gerações adultas. Para esta corrente, os jovens experimentariam o mundo como membros de uma geração. A problemática da juventude andaria em torno dos aspectos de reprodução vs. descontinuidade geracional: a cultura juvenil compartilharia alguns valores com a cultura dominante e, simultaneamente, percepcionada como contracultura, ameaçaria os valores da cultura adulta. A corrente classista, por outro lado, assume que as culturas juvenis são sempre culturas de classe e que, como tal, os seus comportamentos devem ser interpretados como forma de resistência a essas contradições de classe (Pais, 1986a, 1990b). Nesta perspectiva insere-se a teoria da resistência através dos rituais, do Centre for Contemporary Cultural Studies, da Escola de Birmingham, da qual daremos conta a seguir.

A noção de cultura remete-nos para a forma de vida distinta e peculiar de um grupo, os seus significados, valores, uso de objectos e vida material. A cultura objectiva a vida em grupo numa forma com sentido, formando os mapas de significado que a tornam inteligível para os seus membros. É ainda a forma como as relações sociais são estruturadas, mas também o modo como são experienciadas e interpretadas (Hall & Jefferson, 1975). No entanto, existe mais do que uma configuração cultural na sociedade, num momento histórico particular. Se existe uma ordem sociocultural dominante, não podemos esquecer que existe não uma cultura, mas culturas, estando estas em relação constante de dominação-subordinação (Hall & Jefferson, 1975). Uma subcultura é algo mais localizado e diferenciado, localizando-se dentro daquilo a que podemos chamar a “*parent culture*”; assim, embora diferindo desta em formas e actividades peculiares, também com ela partilha alguns aspectos (Hall & Jefferson, 1975). Quando estes grupos de fronteiras bem definidas, formas distintas e actividades, valores, artefactos materiais e espaços territoriais particulares se distinguem pela idade e geração, podemos falar em subculturas juvenis (Hall & Jefferson, 1975).

As subculturas projectam uma resposta cultural diferente ou uma solução aos problemas que lhes são colocados pela sua posição e experiência cultural e material de classe (Hall & Jefferson, 1975; Domingos, s.d.). Os jovens procuram a resolução das contradições geradas pela sociedade através da criação de estilos significativos de lazer.

Assim, as subculturas oferecem uma solução colectiva, e, simultaneamente, um contexto social e simbólico para o desenvolvimento e reforço da identidade colectiva e da auto-estima individual (Murdock & Brake, s.d., *cit in* Hall & Jefferson, 1975). De resto, são pouco elaboradas do ponto de vista racional. Não têm por suporte ou finalidade ideologias ou programas activistas. Mais do que no plano ideológico, funcionam no pólo expressivo, que acentua o pessoal, o estético, o psíquico, o boémio, o subjectivo, o narcísico (Fernandes & Paixão, 1993). Para Cohen (1972, *cit in* Hall & Jefferson, 1975), as subculturas são uma solução para duas necessidades contraditórias, a de criar e expressar autonomia face aos pais, mas também de manter a identificação com a “*parent culture*”, na medida em que são as problemáticas desta “*parent culture*” que estruturam a vida do jovem.

Estes grupos de jovens focam-se em torno de ocasiões específicas de interacção social, juntam-se em localizações particulares e desenvolvem relações estruturadas entre membros (Domingos, s.d.). Se as subculturas parecem frívolas e exibicionistas, são de facto importantes formas de organização do tempo dos adolescentes e jovens adultos, e do processo de busca de identidade (Fernandes & Paixão, 1993). Esta passa não só pelo modo como um indivíduo se define e sente a sua singularidade, mas também pelas funções do seu grupo de pertença e dos papéis que nele desempenha (Echaudemaison, 1998), e é traduzida por uma forma distinta de estar no mundo, que não se cinge aos seus objectos e postura, mas que engloba também os seus contextos (actividades e sítios) e a organização activa de todos estes elementos (Hall & Jefferson, 1975).

Em suma, a cultura juvenil é composta por um conjunto de subculturas sucessivas, geralmente de duração fugaz e inter-relacionadas, que regulam o quotidiano de largos sectores da adolescência, conferindo-lhes uma posição existencial (Fernandes & Paixão, 1993). Assim, os elementos expressivos de uma subcultura devem ser entendidos como significados partilhados, através dos quais a vida adquire um sentido (Pais, 1990b). São soluções estético-sociais para a resolução dos processos psicológicos típicos dos adolescentes; são ainda importantes no processo de categorização social pela qual o adolescente procura a sua imagem pública, apelando para modos de vida específicos e práticas quotidianas que traduzem a pertença a um determinado grupo (Pais, 1990b; Fernandes & Paixão, 1993). A cultura juvenil é organizadora dum campo experiencial próprio do jovem, em ruptura ou como resistência às formas adultas de experiência (Fernandes & Paixão, 1993; Romani, 2007).

Esta definição de Fernandes e Paixão (1993) faz já o apelo para a necessidade de se romper com as representações correntes da juventude (Pais, 1990b; Bourdieu, 1984, *cit in* Guerra, 2004b), em que os jovens são vistos como fazendo parte duma cultura unitária e o seu lazer como um conjunto de práticas homogéneas e exclusivas daquela fase da vida (Pais, 1986a). Sob a aparência unitária da juventude, encontram-se diversas formas de ser jovem (Bourdieu, 1978, *cit in* Pinto, 2009) e uma pluralidade de trajectórias marcadas por uma certa singularidade (Pais, 1986a). Os jovens inscrevem-se em diferentes contextos; estes levam a diferentes mapas de significação, que, por sua vez, orientam as suas trajectórias, as suas formas de pensar, sentir e agir (Pais, 1986a). Assim, é impossível compreender as culturas juvenis sem entender o significado que os jovens dão às suas acções. Por tudo isto, Pais (1986a) acredita que as trajectórias dos jovens devem ser vistas como movimento e como processo – de socialização (forma como a sociedade constrói a juventude) e de juvenilização (forma como os jovens influenciam a sociedade).

Existem diversas subculturas juvenis, emergentes da diversidade cultural das sociedades urbanas complexas, reflectindo a pluralidade passível de existir dentro duma cultura e as manifestações de sentido contrário ou alternativo que entre os jovens é possível encontrar (Pais, 1990b; Carvalho, 2004). Pais (1990b) designa-as de paradoxos da juventude. Em consequência da tendência que postula a unidade da cultura juvenil, surge uma outra, que toma as práticas culturais juvenis como marginais relativamente à cultura dominante. Esta perspectiva do senso comum, toldada pelo fantasma do *folk devil* (Cohen, 1972, *cit in* Carvalho, 2004, encara-as como ameaça à ordem estabelecida, ao considerar que estas adoptam um conjunto de valores próprios que são a antítese do mundo adulto (Carvalho, 2004), retratando-as como marginais, disfuncionais, passivas e anómicas (Pais, 1990b; Dotter, 1994, *cit in* Epstein, 1998).

Dizer que uma subcultura pode ser definida por um conjunto de valores e de comportamentos opostos aos da cultura dominante (Echaudemaison, 1998) é entendê-la na sua acepção mais estrita. Embora de facto os jovens pareçam rejeitar alguns valores da geração adulta, são produto da cultura dominante, e surgem na sequência, e não em total ruptura com esta (Carvalho, 2004). Da mesma forma, o facto de os jovens se distanciarem dum certo conjunto de normas não significa que estes não produzam activamente as suas próprias expressões culturais e formas de afirmação juvenil (Pais, 1990b). Assim, um dos significados mais importantes das suas práticas é o facto de, através destas, os jovens conseguirem construir as suas trajectórias e as suas formas de

significação, sem que isso pressuponha necessariamente um conflito com os valores das gerações mais velhas (Pais, 1986a). Assiste-se a um jogo conformidade-transgressão, identificação-oposição, no qual os jovens aderem aos valores dominantes, mas paralelamente, criam formas de transgressão a essas normas como formas próprias de construção identitária e de sociabilidade com o grupo de pares (Pais, 1990b).

Desta forma, estas formas de afirmação juvenil não podem ser entendidas como meras reacções à cultura dominante, uma vez que embora possam conter, de facto, formas simbólicas de resistência como forma de resolução dos seus dilemas quotidianos, assentam, acima disso, em modos particulares de ser e de estar e em re-apropriações de sentido, não podendo nunca ser encaradas como passivas ou desprovidas de valores (Pais, 1986a, 1990b).

Uma nota final para a teoria de Hall e Jefferson (1975). Embora esta tenha orientado a nossa compreensão do fenómeno das subculturas juvenis, criticamos a sua visão classista e apontamos a necessidade de re-equacionar o conceito de resistência. Este não pode ser mais visto como resistência de classe, uma vez que nem todas as subculturas emergem do operariado. Do mesmo modo, realça-se a pertinência de se efectuar alguma reflexão em torno de diversas formas de resistência não contempladas pelo CCCS.

1.4.3 Compasso de espera ou passos na apropriação?

Grande parte da sociologia da juventude tem passado pela sociologia do lazer, uma vez que é neste domínio que as culturas juvenis adquirem maior expressão (Pais, 1986a, 1990b). O lazer das sociabilidades juvenis prende-se largamente com a existência de uma cultura do consumo: música, espectáculos, dança, diversão nocturna, moda, consumo de álcool e drogas, consumo de *gadgets*, grupo de pares, tudo isso se inscreve numa lógica em que o ócio representa momentos-espacos que se vão ampliando progressivamente e que cada vez mais têm importância como elementos socializadores na afirmação de identidades pessoais e grupais, encenação pública e apropriação/transformação do espaço urbano (Silva, 1998, *cit in* Lopes, 2000; Romani, 2007). Estes consumos terão diferentes funções e diferentes significados para diferentes jovens.

As identidades das culturas juvenis assentam no visual, na linguagem, nas formas de comunicação e consumo (Canclini, 1995, *cit in* Pais, 2010c). Todas estas modalidades constituem fachadas grupais que têm valor simbólico e comunicacional,

traduzindo a identidade daquele grupo, mas também uma demarcação identitária face aos restantes grupos (Pais, 1986a; Lopes, 2000). Nesses grupos, o jovem está aberto aos processos de socialização e interacção, através dos quais constrói a sua identidade. Os grupos de amigos asseguram uma certa identificação, não apenas por partilharem dos mesmos gostos, mas também por funcionarem como contextos estruturantes dos tempos livres dos jovens e das actividades que praticam de forma partilhada (Pais, 1986a). Nas subculturas, o jovem pode encontrar ainda a sua identidade individual, mas tendo por base uma identidade grupal (Pais, 1986a; Brake, 1980, *cit in* Carvalho, 2004). Se os grupos parecem viver o quotidiano de forma passiva, o “não fazer nada” traduz na verdade formas genuínas de participação social e funciona como pólo estruturador da construção de identidades (Pais, 1986a). Assim, as subculturas cumprem uma função desenvolvimental na vida juvenil.

Os elementos expressivos das culturas juvenis têm então uma função para além daquela mais aparente. Os gostos musicais, por exemplo, são acompanhados de atitudes que reforçam e ultrapassam os certos gostos: é o caso da roupa ou a frequência específica de certos bares/eventos onde predomina um tipo de música particular (Pais, 1986a; Carvalho, 2004). Pais (1986a) usa o exemplo do rock para explicar como este funciona como pólo gregário de sociabilidades juvenis, assegurando uma coesão simbólica aos seus participantes e modelando uma série de representações e práticas que forjam uma certa concepção da juventude (Pais, 1986a).

Para além de assentarem em elementos expressivos, as culturas juvenis têm também uma configuração espacial, traduzida em diferentes modalidades de apropriação do espaço. Não é por acaso que está em voga o conceito de *movida*, que exprime uma nova forma de sensibilidade juvenil na sua relação com a cidade, caracterizada pela criação de um circuito de espaços dirigidos aos jovens (Fernandes, 1990). E que espaços são esses? Fernandes (1990) chama-lhes concentradores juvenis. A expressão diz respeito a sítios com numerosa afluência de jovens, constatação que pode ser feita directamente através de observações exploratórias, ou dum modo indirecto, inferindo a importância que os jovens aí têm a partir dos espaços que estão organizados em função deles (bares, *pubs*, esplanadas, pequenos espectáculos de música, etc.). Se com a apropriação destes espaços os jovens têm o poder de suspender a desertificação habitual do centro da cidade durante o período nocturno (Carvalho, 2004), também através dela os jovens veriam gratificada uma série de aspectos da sua sensibilidade adolescente.

Também na forma como apropriam os espaços os jovens não devem ser concebidos como agentes passivos, mas tendo um papel activo e construtor, transformando espaços físicos em espaços sociais através da produção de significado (Pais, 1986a; Lopes, 2000). Estes espaços passam então a funcionar como suportes de identidades tipicamente juvenis (Pais, 1986a). Se a Sociologia têm definido a juventude como um compasso de espera (produtiva, conjugal, familiar), os jovens não se limitam a esperar (Pais, 1986a), utilizando estes espaços para se definirem, para experimentarem, para desfrutarem de autonomia. Nestes espaços, os jovens procuram viver o presente e atingir um sentimento de independência, em contraste com outros espaços onde é predominante a autoridade adulta (Pais, 1986a, 1990b). A rua é o espaço que favorece o desenvolvimento de uma série de práticas tipicamente juvenis por excelência (Pais, 1990b), dada a sua conotação com valores como o da liberdade.

Em suma, as subculturas estão intrinsecamente ligadas à apropriação do espaço, uma vez que necessitam sempre de lugares que ofereçam o contexto para as suas manifestações (Garrat, 1997, *cit in* Carvalho, 2004).

1.4.4 Ambientes recreativos nocturnos: comportamentos problemáticos ou problematização de comportamentos?

A noite, com o seu tempo e espaço individualizado do dia, como ruptura da experiência do quotidiano produtivo, das relações estipuladas e do formal, como tempo de não obrigações e indefinições, tem sido um espaço de apropriação pelos jovens, o que explica a proliferação de espaços a eles dirigidos (Gómez & Pampols, 2000, Calafat et al., 2000; Elbaum, 2008, *cit in* Lomba et al., 2011). Esta ruptura com o quotidiano (Pais, 1986a) verifica-se especialmente ao fim-de-semana (Lomba et al., 2011).

A recreação nocturna tem sido associada ao desvio. A constatação de que o consumo de substâncias psicoactivas é uma prática frequente (Calafat et al., 2005, *cit in* Lomba et al., 2011) e que este, por sua vez, potencia a adopção de outros comportamentos de risco, na área da sexualidade (Hayaki, Anderson & Stein, 2006, *cit in* Lomba et al., 2011) e na condução rodoviária (NIDA, 2007, *cit in* Lomba et al., 2011) apelou para a necessidade de se compreenderem os ambientes recreativos nocturnos.

Num estudo realizado em 2011 em cidades portuguesas de todo o país (Lomba et al., 2011), a faixa etária predominante nestes espaços recreativos compreendia os 15 aos 30 anos, com uma discreta predominância do género masculino, com a maioria dos

jovens a frequentar o ensino universitário. A existência de pessoas com idades tão díspares faz sentido numa lógica de “juvenilização” (Elbaum, 2008, *cit in* Lomba et al., 2011). No que diz respeito à quase igualdade de género, esta pode traduzir a homogeneização de homens e mulheres na experimentação social, mas também uma emergente identidade feminina, assente nos valores da nova era *Dance*, amizade, igualdade, respeito, amor, aparência, sexualidade, prazer, abandono à dança (McRobbie, 1993, *cit in* Lomba et al., 2011). Outros estudos referem que as raparigas podem evitar estes espaços por não se sentirem confortáveis, livres e dotadas de capacidade de decisão, sendo a rua vista como um espaço essencialmente masculino (Romani, 2007).

No Porto, a frequência destes espaços é feita essencialmente por estudantes, que procuram uma noite mais “alternativa”, em detrimento da zona industrial, considerada um espaço fechado e limitado. No seu estudo sobre a Ribeira-Barredo, Fernandes (1990) apontou aspectos como o clima, a mobilidade, a música, o consumo de drogas leves e de álcool, uma vivência particular do tempo e a possibilidade de socialização como factores atractivos dos concentradores juvenis. A noite da Baixa não se cinge ao café Piolho, funcionando este somente como ponto de partida (Lameiras et al., 2009). A possibilidade de rotatividade de zonas é então uma mais-valia, sendo que as pessoas circulam de um local para outro até que algo de novo aconteça (Lameiras et al., 2009).

A literatura aponta a existência de uma série de comportamentos problemáticos associados à frequência de espaços recreativos nocturnos: comportamentos sexuais de risco, como o uso não generalizado de preservativo, a participação em relações sexuais sob o efeito de álcool ou drogas, o consumo generalizado de álcool e de substâncias psicoactivas, a condução sob o efeito de álcool, e a ocorrência de comportamentos agressivos e delinquentes, associados a consumos mal geridos (Lomba et al., 2011). A adopção destes comportamentos de risco é explicada, nestes estudos, pelo facto dos jovens terem características intrínsecas como o desafio de regras e pensamentos de onnipotência. De resto, como já foi supra-referido, as culturas juvenis têm sido encaradas como ameaça à ordem estabelecida, marginais, passivas, desprovidas de valores, em corte radical com a ordem dominante.

No que diz respeito ao consumo de álcool, as atenções estão voltadas para a questão do *binge drinking*. Esta modalidade de consumo visa atingir a intoxicação através do consumo de grandes quantidades de álcool num curto período de tempo. É um tipo intencional de consumo que se tem popularizado em diversos países, e que tem sido considerado problemático pelos seus efeitos para a saúde e pelo aumento da

predisposição para comportamentos de risco (Eurobarometer, 2007, *cit in* Lomba et al., 2011). O fenómeno do *botellón* – modalidade de consumo caracterizada pelo ajuntamento de jovens em espaços públicos ao ar livre – tem sido também alvo de alguma preocupação. Feixa (2009) faz uma analogia entre o *botellón* e o filme *Blade Runner*, trocando Marte pelo espaço escolar, a Terra pelo espaço público, os psicofármacos por combinado etílicos, os *replicantes* pelos jovens, e os *blade runners* pelos adultos. Para Feixa (2009), o *botellón*, mais do que a causa dos males da juventude actual, é uma metáfora desta nova geração, que conflui em si ambos os significados da palavra diversão: festa e divergência. Assim, devemos ir para além dos significados normalmente imputados ao *botellón*, conotado com o pânico moral, atentando que aquilo que está a mudar é o próprio conceito de juventude. Feixa (2009) identifica 3 modelos distintos de juventude: 1) A síndrome de *Tarzan*, decalcada das ideias de Rousseau, estende-se do séc. XVIII até meados do séc. XX, e retrata o adolescente como bom selvagem, como alguém que necessita inevitavelmente de ser civilizado, um ser que contém todos os potenciais da espécie humana mas que ainda não os desenvolveu porque se mantém incorrupto. A rápida inserção profissional e matrimonial seriam características deste modelo de adolescência; 2) Ao modelo moderno da juventude (2ª metade do séc. XX), Feixa (2009) denomina de síndrome do *Peter Pan*. Este foi assumido pelos adolescentes do pós-guerra, teorizado pelos ideólogos da contra-cultura e por algumas estrelas rock, e tendo como pano de fundo a sociedade de consumo e o capitalismo que proclama o lema “*Forever Young*”. O adolescente aparece como o novo herói consumista, que resiste à sociedade adulta através do alargamento do período de escolaridade, da emergência de subculturas e da criação de espaços-tempo de ócio em que pode viver a sua “*Terra do Nunca*”; 3) Por fim, o modelo pós-moderno, a síndrome de *Blade Runner*, emerge nos finais do séc. XX. Este concebe os jovens como seres artificiais, divididos entre a obediência aos adultos e à vontade de emancipação. Os *blade runners* sentem por eles um misto de fascínio e medo. No entanto, como não estão plenamente livres para construir o seu futuro, a sua rebelião está condenada ao fracasso, só podendo protagonizar revoltas episódicas e esperando adquirir algum dia a “consciência” que os tornará adultos. O que resulta é um modelo híbrido e ambivalente de adolescência, gerado pelo retardar da entrada no mercado de trabalho e criação de família, dependência económica e falta de espaços de responsabilidade, mas ao mesmo tempo com uma crescente versatilidade intelectual. Estes factores levariam à configuração de paraísos artificiais, como o caso

do *botellón*. Assim, se a juventude deixou de ser um rito de passagem para se converter em ritualização do impasse, o *botellón* aparece então como uma espécie de limbo (Feixa, 2009).

Como dizíamos acima, o discurso científico, o discurso dos *mass media* e o discurso do senso comum têm divulgado a ideia das inseguranças urbanas (Romani, 2007), centrando as suas preocupações no aumento da violência juvenil em espaços de festa. Estas preocupações levam, por sua vez, ao surgimento de novas práticas e dispositivos de controlo social no espaço público (Romani, 2007). Paralelamente, o álcool é visto como elemento instituído de eventos festivos associado a consumos excessivos, sendo encarado como “gatilho” de outras condutas problemáticas. No entanto, neste momento, apesar de todas as preocupações com este fenómeno, urge a criação de uma visão em que os jovens sejam capazes de se inventarem como actores sociais (Feixa, 2009). As condutas juvenis não podem continuar a ser vistas como manifestações anómicas, passivas e de ruptura com os valores da cultura dominante, e muito menos como mecanicamente geradas a partir de características intrínsecas desta fase da vida. Estes comportamentos traduzem, sim, formas activas e de construção de significado sobre si, os outros e o mundo, durante o processo de crescimento e socialização.

1.5 Identidade: um bilhete de apresentação dos jovens

Vimos até agora como, nas culturas juvenis, o jovem constrói a sua identidade através de processos de sociabilização e interacção. Vimos ainda como as culturas juvenis são não só associadas a elementos expressivos, mas que se materializam também em formas particulares de apropriação do espaço. Nestes espaços, os jovens vêem uma série de aspectos da sua sensibilidade gratificados, aspectos estes que se prendem com os processos de construção identitária. Faremos então agora uma reflexão em torno da noção de identidade e das diversas componentes que a constituem, tendo em mente que este é um conceito central nesta fase da vida que temos vindo a considerar.

1.5.1 Impressão idiossincrática ou pressão para a diluição?

A noção de identidade está relacionada com o conceito de *self*, sendo que as fronteiras entre os dois não são claras (Ashmore & Jussim, 1997, *cit in* Moshman, 2005). A noção de construção da identidade na adolescência é central na teoria da

personalidade de Erikson (1968, *cit in* Moshman, 2005). Esta teoria considera uma interacção entre forças biológicas e forças psicossociais, enfatiza o papel das escolhas pessoais no desenvolvimento e concebe o desenvolvimento como sendo feito ao longo da vida, identificando Erikson 8 estádios, caracterizados por uma crise que deve ser resolvida antes de se progredir para o estágio seguinte (Kroger, 2004; Moshman, 2005). Erikson defendeu ainda uma concepção multifacetada da identidade, sendo que, no caso dos adolescentes, esta resultaria num sentido de individualidade, de um papel na sociedade, de uma experiência de continuidade no tempo e num compromisso com os valores do grupo (Moshman, 2005). A concepção de Moshman (2005) apresenta a identidade como teoria explícita do *self* enquanto pessoa, estruturada de forma a podermos atingir a auto-compreensão (Moshman, 2005). A identidade permite-nos ainda construir-nos enquanto agentes racionais (autónomos e responsáveis), singulares e com continuidade no tempo. Berzonsky (1993, *cit in* Moshman, 2005) considera que a construção da identidade é um processo em que devemos ver o indivíduo como *self-theorist*, ou seja, comprometido com o processo de teorizar sobre o seu *self*. Assim, vai para além das concepções que defendem que a construção identitária depende de factores hereditários ou ambientais, postulando que esse processo de teorização envolve um processo activo de interpretação e construção de novas experiências. Se para Berzonsky a identidade é um processo de criação, para outros autores esta é um processo de descoberta. Marcia, por sua vez, defende que a construção da identidade envolve descoberta e criação.

A Psicologia Social tem-se dedicado ao estudo da identidade social, mas também da identidade pessoal. A identidade social baseia-se não só na ideia de que cada indivíduo é caracterizado por características que mostram a sua pertença a um grupo, mas também na percepção da diferença face a membros de outros grupos. Como tal, é construída através da interacção e da inclusão em grupos sociais (Worchel et al., 1998; Sedikides & Brewer, 2001). A identidade pessoal parte da ideia de que cada indivíduo combina em si um conjunto de características específicas e idiossincráticas que o tornam diferente dos outros e que explicam a sua singularidade (Worchel et al., 1998). Assim, a identidade pessoal seria o que nos demarca dos outros (Worchel et al., 1998; Sedikides & Brewer, 2001). O conceito de identidade está ligado a outros, como os de categorização social ou representações sociais, mas que não serão aqui aprofundados.

A formação de identidades deve ser considerada numa perspectiva processual, e enquanto *locus* de conflito, negociação e construção social. Se as mais recentes

dinâmicas culturais acentuam nitidamente a noção do Eu, não podemos esquecer que os actores jamais podem ser considerados fora do seu contexto – identidade individual e identidade social são ortogonais (Abrahams & Hogg, 1999; Lopes, 2000).

No meio da complexidade social, a construção das identidades torna-se um processo problemático, tendo o indivíduo que escolher entre uma vasta panóplia de orientações normativas e padrões de conduta. A construção social das identidades é complexa, com o crescimento da pluralidade dos contextos de interacção, com a pluralidade dos papéis sociais e com a transitoriedade das normas reguladoras dos contextos de interacção (Vala, 1996, *cit in* Lopes, 2000). Assim, a identidade está em permanente construção, na medida em que a pessoa vai negociando os significados que dão sentido à existência quotidiana (Lopes, 2000), sendo que cada actor social é ainda capaz de comportar uma coexistência de identidades de acordo com o contexto (Goffman, 1956, *cit in* Worchel et al., 1998).

Acreditamos que as práticas culturais e de lazer nocturnas favorecem o processo de busca de identidades (Lopes, 2000), especialmente por estarem intrinsecamente associadas à noção de liberdade.

1.5.2 De como o espaço terá sempre de ser lugar: a (re)produção de identidades urbanas

As primeiras teorias do ambiente focavam somente os efeitos do meio no comportamento humano. No entanto, se todo o comportamento é de algum modo moldado pelo quadro espacial em que se manifesta, ou seja, se os indivíduos tendem a adoptar comportamentos integrados na unidade ambiental – princípio traduzido no conceito de *behavior setting* (Fischer, 1994), também o espaço só existe na medida em que é vivido, na medida em que nele se desenvolvem as nossas actividades e formas de ser, em ligação com uma experiência emocional que o vai preencher (Fischer, 1994). Assim, o princípio central da psicologia ambiental postula que moldamos os nossos ambientes e eles, por sua vez, nos moldam a nós (Churchill, s.d., *cit in* Fischer, 1994). Assim, todo o espaço é um espaço construído socialmente, e todo o ambiente humano é social, por ser produto de intervenções que o determinam. Também Barker (s.d., *cit in* Fisher et al., 1978) defende que a relação ambiente-comportamento deve ser vista como interdependente e bidireccional. Isto clama a necessidade de adoptarmos uma perspectiva psicossocial, que considere as interacções, o papel e o valor do espaço. Esta abordagem privilegia o papel activo do ser humano como construtor dos lugares,

recusando tratar o meio ambiente como produtor de condutas mecanizadas, revelando ainda como a estrutura do comportamento de cada qual se investe no espaço por meio da expressão de sentimentos, motivações e percepções (Fischer, 1994).

Os indivíduos tendem a apropriar-se do espaço, com o fim de o transformar e personalizar (Fischer, 1994). A apropriação é um mecanismo que nos demonstra que a relação com o espaço nunca é pré-determinada e que o indivíduo, ao agir sobre ele, lhe imputa significados. A apropriação investe o espaço de intenções e actos que permitem ao indivíduo sobreviver à banalidade do quotidiano e conferir a si mesmo uma identidade. Concretiza-se quer através da marcação, quer da personalização; a marcação vai identificar o espaço com o Eu do utilizador, funcionando como um sistema de extensão psicológica do indivíduo, enquanto que a personalização irá acentuar a identidade pessoal dos seus actores através de modificações no espaço, que serão significado de maior liberdade e controlo sobre um lugar.

A psicologia ambiental tem-se preocupado com a distinção entre espaço e lugar. Se o espaço se refere às qualidades estruturais de um ambiente físico, o lugar converge cognições, afecto (Canter, 1991, *cit in* Pretty et al., 2003), dimensões da experiência vivida, interacção e uso do espaço (Lentini & Decortis, 2010). Assim, o espaço torna-se lugar pela atribuição de significado que os ocupantes lhe conferem (Altman & Low, 1992, *cit in* Pretty et al., 2003; Manzo, 2003; Stedman, 2003; Massey, 1997, *cit in* Ortiz et al., 2004; Tuan, 1997, *cit in* Kyle & Chick, 2007). Relph (1976, *cit in* Gustafson, 2001) realça a importância de considerar os lugares a partir da perspectiva dos seus utilizadores, empreendimento que perseguiremos neste nosso trabalho. Embora alguns autores atentem para a pertinência de considerarmos o contributo dos atributos físicos do espaço na construção do lugar (Ryden, 1993; Stedman, 2003) e na atribuição de significado ao mesmo, nunca poderemos esquecer que não são estes que determinam a conduta humana. As pessoas são construtoras activas dos seus ambientes, e utilizam-nos de forma criativa dependendo daquilo que precisam ou procuram.

É neste contexto que surge o conceito da identidade de lugar, ligado às funções que os lugares preenchem nas nossas vidas. Este estudo é recente e atravessou dificuldades, nomeadamente por não haver acordo quanto ao conceito que se deveria utilizar; ouve-se falar em vinculação ao lugar, identidade de lugar, dependência de lugar, sentido de lugar (Hidalgo & Hernández, 2001; Manzo, 2003). Paralelamente, o estudo da identidade de lugar sempre esteve bastante associado ao estudo da residência (Manzo, 2003). Actualmente, diversas disciplinas têm-se interessado pelas formas de

apropriação e significado do espaço público (Oldenburg, 1989, *cit in* Manzo, 2003; Ortiz et al., 2004). Este interesse pelos significados dos lugares surge muito ligado às questões da modernidade, da globalização e das tecnologias de informação, que resultariam em relações interpessoais menos estáveis, e que dariam, segundo alguns investigadores, lugar ao conceito de *placelessness* (Gustafson, 2001).

Quatro tradições teóricas têm orientado a investigação em torno deste conceito: cognitiva, fenomenológica, teorias do *self* e teorias sociológicas. Salientamos aqui a fenomenológica, por analisar a interacção intencional entre a pessoa e o ambiente (Graumann, 1990, *cit in* Lalli, 1992), por defender a experiência subjectiva do ambiente e por conceber uma relação unitária pessoa-ambiente, em que o lugar é parte inseparável da existência (Gibson, 1979, *cit in* Clark & Uzzell, 2002; Manzo, 2003). Valoriza ainda o significado que os lugares adquirem através da participação activa nos mesmos, transformando-os em lugares com significado social. Salientamos também as teorias do *self*, fundadas no interaccionismo simbólico (Mead, 1934, *cit in* Lalli, 1992). Estas reconhecem a identidade de lugar como fazendo parte da identidade individual. Por fim, a perspectiva sociológica estudou as ligações entre diferentes actividades de lazer na baixa de várias cidades e a percepção e identificação com o ambiente urbano (Reitzes, 1986, *cit in* Lalli, 1992), um pouco à semelhança daquilo que pretendemos fazer neste nosso estudo. A noção de que as relações sociais nos lugares são fundamentais para o desenvolvimento da identidade pessoal é também manifesta nesta perspectiva (Schneider, 1986, *cit in* Lalli, 1992), considerando-se ainda que essas mesmas relações são base importante do desenvolvimento de um sentido de pertença ao lugar.

Canter (1997, *cit in* Gustafson, 2001) considera a existência de quatro aspectos que intervêm no sentido de lugar: 1) diferenciação funcional, que diz respeito às actividades que nele ocorrem; 2) aspectos do design: características físicas do lugar; 3) objectivos do lugar: diz respeito aos aspectos individuais, sociais e culturais da experiência de lugar; 4) escala de interacção. Manzo (2003, *cit in* Lentini & Decortis, 2010) defende ainda que o significado que damos aos lugares depende das experiências anteriores que neles vivemos: as “experiências no lugar”. Estas podem ser de 3 tipos: 1) experiências de crescimento pessoal; 2) memórias de acontecimentos significativos; 3) sentimentos de segurança e pertença. Lentini & Decortis (2010) apresentam cinco dimensões que representam os tipos de experiências que podemos ter no espaço físico: geométrica e geográfica, sensorial, cultural, pessoal e relacional (Lentini & Decortis, 2010). Valorizamos aqui a experiência pessoal, relacionada com o sentido de autonomia

e crescimento pessoal, mas principalmente a relacional, que se prende com as oportunidades de interacção que um determinado espaço confere. Uma vez que as experiências pessoais e relacionais estão interligadas, as interacções com os outros intervêm na nossa experienciação dos lugares. Nos lugares ocorrem relações interpessoais, e é a essas relações, e não apenas ao lugar em si, que as pessoas estão vinculadas (Low & Altman, 1992, *cit in* Hidalgo & Hernández, 2001; Kyle & Chick, 2007). Por outro lado, as experiências de lugar significativas normalmente ocorrem na presença de outros significativos (Hay, 1998, *cit in* Kyle & Chick, 2007). Assim, os significados dos lugares são socialmente construídos e emergem da interacção (Lalli & Plöger, 1991, *cit in* Lalli, 1992; Kyle & Chick, 2007; Lentini & Decortis, 2010). Os lugares tornam-se deste modo significativos pelas oportunidades de socialização que neles se desenrolam, mas também porque os outros co-constroem lugares activamente connosco.

A construção da identidade de lugar é, pois, um processo complexo que resulta da interacção de múltiplas variáveis, devendo-se enquadrar as experiências quotidianas individuais num contexto social, cultural, político e económico (Manzo, 2003; Ortiz et al., 2004). São estes contextos mais amplos que ditam a existência de lugares que nos são negados e a que lugares podemos ter acesso.

Por tudo isto, os ambientes adquirem significados simbólicos (Lalli, 1992) e afectivos (Fuhrer & Kaiser, 1993) que não podem nunca ser estáticos nem isolados (Massey, 1994, 1995, *cit in* Gustafson, 2001; Saar & Palang, 2009). Isto porque os próprios lugares não são estáticos, mas continuamente (re)produzidos, podendo ainda adquirir diferentes significados para diferentes pessoas (Anderson, 2004). Assim, a relação pessoa-lugar deve ser vista como um fenómeno complexo e dinâmico.

Vários autores têm destacado o modo como os lugares conferem oportunidades para a definição e desenvolvimento da identidade (Twigger-Ross & Uzzell, 1996; Agnew, 1997, *cit in* Gustafson, 2001; Proshansky, 1978, *cit in* Manzo, 2003; Hay, 1998, *cit in* Manzo, 2003), podendo falar-se então em identidade de lugar quando respondemos à questão “Quem sou eu?” respondendo à questão “Onde estou?” (Cuba & Hummon, 1993, *cit in* Pretty et al., 2003). Assim, a identidade pessoal é largamente influenciada pela identidade de lugar; as nossas identidades são continuamente (re)criadas pelos nossos actos em contextos ambientais, quer nas rotinas diárias quer em circunstâncias excepcionais. Se a nossa identidade pessoal é criada na relação com esses lugares (Kyle & Chick, 2007; Saar & Palang, 2009), é especialmente moldada no

contexto das relações interpessoais que nele ocorrem (Manzo, 2003, *cit in* Lentini & Decortis, 2010). Simultaneamente, a identidade de lugar é influenciada pela identidade pessoal, na medida em que as representações e significados emocionais e simbólicos que damos ao lugar constituem uma extensão do nosso *self* (Proshansky et al., 1983, *cit in* Pretty et al., 2003; Kyle & Chick, 2007) e traduzem a nossa identificação com esse mesmo lugar.

Assim, a nossa relação com os lugares é dinâmica, traduzindo o processo contínuo e activo de (re)construção de identidades (Manzo, 2003), mas também de (re)construção dos próprios lugares. O local onde estamos tem poder de influência nas nossas concepções de *self* (Anderson, 2004), mas simultaneamente procuramos lugares congruentes com o nosso auto-conceito (Twigger-Ross & Uzzell, 1996, *cit in* Manzo, 2003) e modificamos contextos para que nos representem com maior precisão. Neste sentido, a selecção dos lugares é também um processo consciente, na medida em que procuramos lugares que preencham os nossos objectivos, sejam estes a satisfação de necessidades ou o desenvolvimento e experimentação do nosso *self* (Proshansky et al., 1983, *cit in* Lalli, 1992; Manzo, 2003).

À luz daquilo que fomos desenvolvendo até agora, Gustafson (2001) considera três pólos na definição do significado dos lugares: 1) *self*; 2) outros; 3) ambiente. O mesmo autor constrói um modelo hipotético em que o significado é produto da relação *self*-outros-ambiente. A dimensão do *self* prende-se com a possibilidade de, num dado lugar, a pessoa encontrar gratificados aspectos da sua identidade pessoal. O pólo dos outros prende-se com o facto de os lugares se tornarem significativos por causa das relações interpessoais que neles se desenvolvem. Por fim, a categoria ambiente diz respeito ao papel do espaço natural e do espaço construído, do seu significado histórico ou simbólico.

Como já fomos vendo, os espaços públicos são espaços de encontro social, estando dotados de um papel importante na interacção social urbana. Da mesma forma, os espaços públicos urbanos contribuem para a democratização do uso do espaço da cidade e para a criação e desenvolvimento de identidades urbanas (Franck & Paxson, 1989, *cit in* Ortiz et al., 2004). A identidade urbana pode ser vista como uma parte mais específica da identidade de lugar (Lalli, 1992), resultando também de uma construção social e fazendo simultaneamente parte da identidade individual, dando à pessoa um sentimento de pertença (Lalli, 1992). O espaço abre-se a uma multiplicidade de apropriações e é valorizado consoante os actores que o frequentam e o ocupam (Rémy

& Voyé, 1992), sendo que as culturas juvenis têm sido associadas à apropriação de locais públicos urbanos e o seu uso dos espaços tem sido visto como guiado por necessidades desenvolvimentais. Nos seus sítios preferidos, os adolescentes poderiam então encontrar formas de *coping* para lidarem com uma série de tarefas desenvolvimentais, que resultam da maturação biológica, das expectativas sociais e das aspirações individuais (Knopf, 1983, *cit in* Korpela, 1992). Goffman (1963, *cit in* Clark & Uzzell, 2002) usa a metáfora do espaço público como teatro, onde os indivíduos podem ser vistos como actores. No palco da cidade, nomeadamente no espaço da rua, os jovens estariam então em frente a uma audiência, onde poderiam experimentar novos comportamentos e envolver-se em actividades recreativas (Murphy et al., 1973, *cit in* Fisher et al., 1978) e comportamentos de socialização (Korpela, 1992), indo de encontro às suas necessidades de interacção e pertença (Manzo, 2003, *cit in* Lentini & Decortis, 2010), por sua vez, associadas com a liberdade de resistirem a valores tipicamente adultos e à possibilidade de definirem aqueles lugares como seus (Clark & Uzzell, 2002; Henderson & King, 1999, *cit in* Kyle & Chick, 2007), desafiando a visão normativa do mundo na definição dos usos do espaço (Creswell, 1996, *cit in* Manzo, 2003).

No entanto, a investigação em torno da apropriação de espaços urbanos pelos jovens e o seu papel na definição de identidades ainda tem um longo caminho por percorrer, devendo atentar a questões como a da mobilidade nos tempos de lazer, até agora por investigar (Haas, 1976; Krippendorf, 1984, *cit in* Fuhrer & Kaiser, 1993) ou ao papel da música na construção do sentido de lugar e na construção identitária (Hudson, 2006). Da mesma forma, os estudos devem preocupar-se com a significação que os jovens conferem à apropriação dos espaços públicos, uma vez que esta tem sido vista como inapropriada e disruptiva, considerada uma ameaça à segurança e à ordem pública pelos discursos dominantes, sujeitando cada vez mais o uso dos espaços públicos pelos jovens à intervenção policial (Clark & Uzzell, 1992) e a outras formas de controlo social.

Capítulo II – Metodología

2. Metodologia: o confronto com uma nova racionalidade em ciência

2.1 Do recorte do objecto e da emergência das questões de investigação...

O presente trabalho surgiu na senda de um outro: Os pós-modernos ou a cidade, o sector juvenil e as drogas (Fernandes, 1990). Como tal, também o nosso objecto não se constituiu imediatamente, sendo fruto duma delimitação, dum recorte, duma construção (Fernandes, 1990). Este recortar circunscreveu-nos ao estudo das subculturas juvenis e da noite da Baixa enquanto concentrador juvenil. Esta abordagem direccionou-nos para três enquadramentos: 1) o subcultural: o sector juvenil, as suas vivências, as suas sensibilidades; 2) o psicológico: a construção da identidade; 3) o ecológico: a Baixa enquanto o concentrador juvenil.

Também as nossas questões de investigação não foram desenhadas e concebidas de forma estática. Se inicialmente nos norteámos por duas grandes questões de investigação, outros objectivos foram sendo refinados face ao que se encontrava no terreno (Silverman, 2000):

1) Como é que um dado contexto se liga ao processo de construção identitária destes jovens? Por outras palavras, que aspectos vêm os jovens gratificados neste concentrador juvenil?

2) Pretendeu-se ainda uma compreensão do processo inverso: como é que os jovens ajudam à produção da cidade? Como é que esta se faz e se refaz pela mão das subculturas juvenis?

3) Comparar e contrastar os significados que este fenómeno tem para os jovens que o experienciam e constroem e para aqueles que vivem/trabalham na cidade.

4) Comparar, em termos gerais, a noite da Baixa portuense com a noite que se vive noutras cidades europeias.

Assim, o nosso desenho de investigação adoptou um carácter flexível, sendo que procurámos, por um lado, interligar as diferentes fases do processo (Silverman, 2000) e, por outro, seguir uma lógica em que os níveis epistemológico e metodológico fossem coerentes.

2.2 ... às incursões epistemológicas

São três os níveis que definem o processo de investigação: ontologia/teoria, epistemologia/método e metodologia/análise. O investigador introduz o seu contacto com o objecto a partir de um quadro de ideias (ontologia) que especifica uma série de questões (epistemologia), que são depois exploradas de formas específicas (metodologia) (Denzin & Lincoln, 1994).

O primeiro grande nível da racionalidade do trabalho científico prende-se com a epistemologia dos métodos de investigação. Existem diferentes racionalidades que justificam diferentes modos de trabalhar em ciência (Lagache, 1949), nomeadamente os paradigmas positivista e fenomenológico. O positivismo atribui às Ciências Sociais o método científico adoptado nas Ciências da Natureza: 1) análise dos resultados obtidos a partir dos factos apreendidos através da observação externa, experimentação e medida (Echaudemaison, 1998), numa busca incessante pela objectividade; 2) assumpção da existência duma realidade objectiva; 3) estabelecimento *a priori* de hipóteses explicativas acerca dos fenómenos (Pinto, 2009); 4) tratamento dos fenómenos sociais como estáticos (Denzin & Lincoln, 1994). A diferença desta concepção em relação à fenomenológica é clara, uma vez que a fenomenologia aceita a existência de realidades múltiplas, pressupondo que o indivíduo não transmite a realidade, mas antes o modo como a interpreta e lhe dá significado. Assim, aceita-se a subjectividade como parte da investigação, sendo que o mundo social não é passível de ser explicado através de imposições, mas antes compreendido por dentro (Moran, 2000 *cit in* Pinto, 2009).

Neste trabalho, situar-nos-emos numa racionalidade fenomenológica, essencialmente por considerarmos que a realidade apreendida é uma construção social, logo, subjectiva; por privilegiarmos a investigação em contexto natural e atentando à perspectiva dos actores sociais; por não termos propósitos de generalização e elaboração de leis explicativas, mas antes de compreensão profunda de uma realidade particular idiossincrática. Esta racionalidade orientou a metodologia utilizada, naturalmente de cariz qualitativo.

2.3 ... e à descoberta de marcos teóricos

Possuir uma determinada postura metodológica implica uma mobilização de técnicas ao serviço dessa opção metodológica. Contudo, estas opções metodológicas

são, por sua vez, norteadas por marcos teóricos. Assim, como refere Coulon (1992, *cit in* Ferreira, 2010), escolher um método é escolher uma teoria. Nenhuma metodologia se justifica por ela mesma, sendo necessário, para lhe compreender a escolha e o uso, aproximá-la da teoria com a qual ela é coerente. No nosso caso, norteámo-nos pelo interaccionismo simbólico e pelos pressupostos da psicologia ambiental.

O interaccionismo simbólico coloca a ênfase na forma como as pessoas constroem significados, concebendo o ser humano como agente activo na construção do mundo. Paralelamente, defende que agimos em relação às coisas com base naquilo que elas significam para nós, sendo que o significado é um atributo psíquico somado às coisas pela pessoa para quem elas têm significado. Por fim, o significado das coisas forma-se no contexto da interacção social e é produzido pelas pessoas envolvidas (Angrosino, 2007; Blumer, 1969, *cit in* Pinto, 2009), sendo também o *self* um constructo social, desenvolvido na interacção com os outros (Angrosino, 2007). Esta abordagem altera também o foco convencional da análise – dos “indivíduos desviantes” para os grupos sociais que os etiquetam como tal (Cohen, 1972, *cit in* Pinto, 2009); assim, para Becker (1963, *cit in* Pinto, 2009), a desviância é criada pela sociedade, na medida em que o desviante é alguém a quem esse rótulo é aplicado com sucesso. Esta mudança de enfoque justificaria a nossa condução de entrevistas com moradores e trabalhadores da cidade, com o objectivo de perceber como estes etiquetariam a conduta dos jovens.

A Escola de Chicago inicia a exploração ecológica dos ambientes urbanos, procurando descobrir relações entre os sujeitos e os seus ambientes através da observação *in loco*. Os pressupostos da psicologia ambiental foram já apresentados no Capítulo I, realçando-se o facto de os espaços serem sempre espaços sociais, e de o serem em função da ocupação que deles fazem as pessoas. Esses pressupostos seriam também importantes na escolha do método, que deveria necessariamente privilegiar a observação em contexto natural, e simultaneamente consonantes com os nossos objectivos de compreensão do papel da Baixa na construção identitária dos jovens e, inversamente, do papel dos jovens na produção de cidade.

Ainda assim, quisemos partir para o terreno livres de pré-posicionamentos teóricos, atitude consonante com a epistemologia fenomenológica, e que se viria a materializar na nossa escolha dos métodos.

2.4 Criar métodos para os problemas: os métodos qualitativos e a pesquisa de terreno

Uma vez que os problemas não são criados para os métodos, mas os métodos para os problemas (Lagache, 1949), as nossas questões de investigação nortearão a opção (Field & Morse, 1991, *cit in* Denzin & Lincoln, 1994) pela metodologia qualitativa e pela pesquisa de terreno em particular. A nossa investigação privilegiará os métodos qualitativos, uma vez que a realidade social não se impõe, tal como é, aos indivíduos, mas é permanentemente modelada e reconstruída por eles através de um processo de interacção, e também porque o nosso objecto não se pode reduzir a aspectos quantificáveis nem mensuráveis estatisticamente.

Privilegiamos os métodos qualitativos porque 1) implicam uma ênfase nos processos e nos significados (Soares, 2010) que não são rigorosamente medidos (se medidos de todo) em termos de quantidade, intensidade ou frequência; 2) enfatizam a natureza socialmente construída da realidade (Denzin & Lincoln, 1994); 3) visam ainda chegar mais perto da perspectiva dos actores sociais, considerando os significados das suas experiências de vida (Almada & Freire, 2003, *cit in* Ferreira, 2010) e a forma como constroem activamente o seu mundo, utilizando para isso métodos como a entrevista e a observação, tendo então como fonte directa o ambiente natural (Silverman, 2000; Bodgan & Bilken, 1994, *cit in* Rocha, 2009); 4) porque não pretendem confirmar ou infirmar uma hipótese (Silverman, 2000; Bodgan & Bilken, 1994, *cit in* Rocha, 2009), preferindo gerar hipóteses pela indução.

Em suma, não existem observações objectivas, apenas observações socialmente situadas nos mundos do observador e do observado. As características apresentadas coadunam-se com a nossa atitude fenomenológica e com os fundamentos do interaccionismo simbólico, que concebem o ser humano não como entidade passiva, mas como co-construtor de significados num processo interpretativo desenvolvido nas interacções sociais. A escolha da metodologia qualitativa é ainda justificada pelas questões de investigação por nós definidas, pois também elas enfatizam a perspectiva dos actores sociais do contexto seleccionado e a sua construção activa de si próprios e do mundo.

O nosso estudo é um estudo etnográfico de cariz exploratório, não só porque as questões de investigação foram sendo redesenhadas no terreno, mas também porque os constrangimentos temporais impostos limitariam a nossa presença prolongada no terreno, característica central da etnografia.

Esta não deve ser confundida com uma das suas técnicas privilegiadas, a observação participante, embora se sirva frequentemente desta, nem com uma das suas características centrais, o emprego dos métodos qualitativos (Fernandes, 1990). Esta expressão não pode também prescindir daquilo que a individualiza, ou seja, o contexto natural, a rua (Fernandes, 1990), o que vem já, de certa forma, legitimar a lógica da sua escolha no nosso trabalho. A participação do investigador, por um período longo, no ambiente, e nas interacções em curso na unidade de estudo que seleccionou, a atenção ao fluxo dos acontecimentos e o contacto directo com as pessoas configuram o estilo geral deste método (Fernandes, 1990).

Se inicialmente a etnografia se fazia com culturas distantes (Malinowski, séc. XX), a Escola de Chicago, nos anos 20, deu o seu contributo para a sua difusão na metrópole, onde “há descontinuidades vigorosas entre o “mundo” do pesquisador e outros mundos, fazendo com que ele (...) possa ter experiência de estranheza” (Velho, 1978). É então possível estranhar o familiar quando somos capazes de reconhecer a existência de diferentes visões do mundo, mesmo que seja dentro da nossa própria cidade.

Esta forma de pesquisa social tem como principal instrumento de investigação o próprio investigador, que observa e interage com a unidade em estudo. Normalmente selecciona uma pequena unidade de estudo, procurando muitas vezes relacionar a dimensão ecológica com os comportamentos (Fernandes, 1990). Este seria um dos motes principais da nossa investigação, pela nossa tentativa de descobrir que aspectos do ambiente urbano gratificariam os jovens. Os procedimentos de investigação são predominantemente descritivos e debruçam-se sobre todos os aspectos da unidade de estudo a que o investigador consegue ter acesso. Assim, vários procedimentos poderão e deverão ser utilizados. O acesso a essa percepção holista exige uma familiarização crescente do investigador com o contexto (Fernandes, 1990), que deverá deambular, falar com as pessoas, participar em actividades próprias do local. No que diz respeito às questões de acesso ao terreno, beneficiámos da proximidade pessoal com actores que participavam nestes contextos e do nosso próprio estilo de vida, frequentadores assíduos da Baixa. Numa fase inicial, foi ainda determinante o recurso a informantes privilegiados.

Com a pesquisa de terreno, visou-se ainda aceder a uma perspectiva proximal que pudesse dar conta das perspectivas dos actores sociais sobre as suas vidas e as suas significações (Spradley, 1979; Fernandes, 1990). A pesquisa de terreno deverá ser

flexível, dinâmica e processual, facto pelo qual não fomos para o campo com um esquema rígido pré-determinado, mas antes com um esquema que tivesse lugar para ocorrências indeterminadas (Fernandes, 1990; Angrosino, 2007), ou seja, suspendendo o nosso conhecimento prévio e dando voz aos actores sociais, que se regem por diferentes sistemas de significado (Spradley, 1979). Assim, a formulação de hipóteses não foi um requisito básico, tendo estas sido geradas no terreno (Angrosino, 2007), e no sentido em que foram sendo reformuladas constantemente. Tal abordagem é, aliás, a base da *grounded theory* (Glaser & Strauss, 1967) que, em vez de usar os dados para testar uma hipótese, postula a descoberta de teoria através dos próprios dados (Glaser & Strauss, 1967; Giles, 2002), preferindo a indução à dedução. Estes dados são submetidos a um processo contínuo que se move da análise de dados à *theory-building*. Glaser & Strauss (1976) acreditam que uma teoria induzida dos dados será uma teoria mais adequada para a compreensão do fenómeno, visão que também adoptámos.

De acordo com Malinowski (1922, *cit in* Spradley, 1979), pretende-se a captação do ponto de vista dos nativos, para se poder perceber a sua versão do seu mundo. Como diria Boas (1943, *cit in* Spradley, 1979), se o nosso objectivo é perceber uma cultura, a análise da experiência deverá ser baseada nos conceitos dessa cultura, e não nos nossos. Desta forma, a pesquisa de terreno considera os sujeitos enquanto entidades activas, produtoras quer do seu mundo, quer do mundo dos outros e da realidade (Garfinkel, 2006 *cit in* Ferreira, 2010; Agra, 2008 *cit in* Ferreira, 2010). No fundo, comprometemo-nos com a tarefa de compreender, resistindo à explicação e à testagem de hipóteses (Denzin & Lincoln, 1994)

Todo o comportamento é sentido, e o acesso ao sentido só pode fazer-se através do discurso do actor sobre as suas acções (Fernandes, 2001, *cit in* Pinto, 2009). Assim, a opção pela pesquisa de terreno foi justificada pelas nossas questões de investigação, mas também enquadrada nos pressupostos da metodologia qualitativa e da epistemologia fenomenológica. Há também coerência entre a pesquisa de terreno e os princípios da psicologia ambiental, por se pretender estudar a acção em contexto, e entre a pesquisa de terreno e o interaccionismo simbólico, pela ênfase na procura dos significados construídos interactivamente.

Envolvemo-nos então em incursões pelo urbano, de carácter exploratório. Foram efectuadas 29 saídas ao terreno entre Setembro de 2010 e Abril de 2011, em diferentes dias da semana, no período temporal entre as 21h e as 6h, em que o efeito de saturação

da amostragem teórica (Glaser & Strauss, 1967) explicaria a nossa opção pela suspensão das observações. Este mesmo critério orientou a suspensão das entrevistas.

Resta-nos dizer que, apesar de todos os manuais de metodologia existentes, sentimos que, de facto, “a etnografia aprende-se fazendo”, tendo a nossa pesquisa de terreno sido pontuada de avanços e recuos.

2.5 A mobilização das técnicas: a observação participante e a condução de entrevistas

2.5.1 Observação participante

A observação é uma estratégia central na pesquisa de terreno (Fernandes, 1990), sendo muitas vezes conjugada com outras técnicas. Guia-nos na construção de caminhos para a acção e ajuda-nos na interpretação das acções e reacções dos outros, diferenciando da observação que fazemos no dia-a-dia pela sua natureza sistemática e intencional (Denzin & Lincoln, 1994).

Embora revestida desse carácter sistemático, houve espaço para algumas observações ocasionais. A observação foi também participante: holista, intensiva, circunstanciada, sendo a investigadora parte do grupo nesse momento, o que nos permitiu aceder às significações pessoais das condutas dos jovens, intercalando períodos curtos no terreno com registo e reflexão. Também aqui a observadora é arrastada para a complexidade fenomenológica do mundo, sem estar pré-determinada por categorias de medida, mas antes livre para explorar conceitos que parecem significativos para os sujeitos em estudo (Denzin & Lincoln, 1994). Foi também observação ecológica, ao explorar uma unidade de estudo ao nível dos seus vários espaços, focando a atenção nas suas características ambientais, procurando relacioná-las com comportamentos centrais que aí ocorrem, e ajudando a responder a questões acerca das funções que aquela zona cumpre e dos aspectos que aí se vêem aí gratificados (Fernandes, 1990).

O tipo de observação varia consoante as situações, assim como pode variar o estatuto do observador (Denzin & Lincoln, 1994). Visto que alguns autores defendem que toda a investigação social é participante, uma vez que não podemos estudar o mundo social sem fazermos parte dele (Denzin & Lincoln, 1994), e que também nós consideramos que uma perspectiva vista do interior é vital para uma melhor compreensão da vida social, o estatuto adoptado foi o de participante como observador: participámos nalgumas actividades centrais daquele contexto, visando uma maior

imersão no objecto de estudo para poder captar a profundidade da experiência subjectivamente vivida (Denzin & Lincoln, 1994). A observação não foi delimitada por nenhuma grelha, estando assim mais livre para a emergência de categorias significativas para os participantes (Denzin & Lincoln, 1994).

Após selecção do contexto a ser observado e da conquista da entrada no terreno, demos início à observação, tendo-se materializado a vivência do período de permanência no terreno no diário de campo (Caria, 2002, *cit in* Pinto, 2009). As (notas de observação devem integrar referências explícitas aos participantes, interacções, rotinas, rituais, elementos temporais, interpretações e organização social (Denzin & Lincoln, 1994). O texto funcionou então como ponto de fixação das realidades que os órgãos dos sentidos captaram, sendo também lugar da construção do seu significado sociocultural e o lugar de onde emanará a *grounded theory* (Glaser & Strauss, 1967, *cit in* Carvalho, 2004), tendo favorecido a construção de um conhecimento “mais justo” da realidade analisada (Fernandes, 1998, *cit in* Chaves, 2001), bem como a realização de descobertas (Chaves, 2001).

À medida que nos familiarizámos com o contexto, com os grupos e com os processos, passou a ocorrer uma observação mais focalizada, fazendo mesmo emergir questões de investigação que direccionaram a nossa observação. Como já foi referido, as observações cessaram quando se atingiu a saturação teórica (Angrosino, 2007).

A observação adopta as ideias do interaccionismo simbólico, sendo que a acção deve ser compreendida pelo seu significado (Hall & Jefferson, 1975), e enfatiza a forma como os significados emergem através de processos e transacções de interacção (Denzin & Lincoln, 1994). Assim, revelou-se uma técnica coerente com a nossa postura teórico-metodológica, por pretende aceder à perspectiva dos actores sociais que nos propusemos estudar sem impor categorizações *a priori*.

2.5.2 A condução de entrevistas

A entrevista é uma das formas mais comuns e mais poderosas que temos para poder compreender o outro, podendo configurar uma multiplicidade de formas e de usos, e ser praticada em conjunto com outros métodos, nomeadamente com a observação participante (Denzin & Lincoln, 1994).

Depois da observação e registo das nossas saídas no diário de campo, começámo-nos a interrogar acerca dos significados de alguns comportamentos

observados, o que justificou a condução de entrevistas (Angrosino, 2007). Spradley (1979) deu-nos bases teórico-práticas que nos permitiram accionar um tipo particular de interacção com os entrevistados – a entrevista etnográfica, conduzida em profundidade, e atentando aos processos de significação (Angrosino, 2007). As entrevistas permitiram-nos então compreender quais os aspectos que os jovens encontravam gratificados na cidade, mas também em que medida eram actores activos da construção da cidade. Por outro lado, pudemos aceder à percepção de outros actores – moradores e trabalhadores.

Optámos então pela condução de entrevistas informais e semi-estruturadas individuais e em grupo (Denzin & Lincoln, 1994). Algumas foram realizadas em contexto natural, enquanto que outras foram agendadas com os participantes de acordo com as suas disponibilidades. Embora as entrevistas semi-estruturadas estabeleçam alguns critérios prévios que devem ser constantemente direccionados pelo entrevistador durante a entrevista (Ferreira, 2010), evitou-se o papel neutro, directivo e impessoal do entrevistador, bem como a rigidez da entrevista e a imposição de categorias a priori, conferindo liberdade ao entrevistado e enfatizando o papel da compreensão em detrimento da explicação.

2.6 Nos cafés da “juventude perdida”, com os actores do agora

Face aos objectivos do nosso estudo, foram conduzidas entrevistas com três grupos distintos: 1) jovens que frequentam a Baixa durante a noite; 2) jovens que frequentam a Baixa nocturna e que efectuaram um período de mobilidade noutra cidade europeia; 3) pessoas que trabalham ou vivem na cidade. Uma nota para o segundo grupo: a ideia inicial era ter-se conseguido estabelecer contacto com grupos de estudantes que estivessem a efectuar mobilidade no Porto, uma vez que isso permitiria não apenas a comparação com a noite de outras cidades europeias, mas também explorar o papel dos estudantes Erasmus na revitalização da cidade. No entanto, uma vez que não conseguimos atingir essa meta, esse objectivo, que considerávamos importante na nossa pesquisa, acabou por ser eliminado.

Os participantes convidados a participar nas entrevistas foram jovens com os quais já tinha havido um contacto nas incursões ao terreno ou pessoas que esses jovens referiam. Os trabalhadores foram também escolhidos muitas vezes por referência dos próprios jovens à frequência dos seus estabelecimentos ao longo das entrevistas.

Assim, foram conduzidas 11 entrevistas com jovens e 6 entrevistas com jovens que tinham efectuado um período de mobilidade na Europa (Londres, Barcelona, Madrid, Sevilha, Toulouse e Milão). Alguns destes jovens já se encontram integrados no mercado de trabalho, embora a maioria se encontre a frequentar o ensino universitário. Foram entrevistados jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 20 e os 26 anos. Foram também realizadas 6 entrevistas com moradores/trabalhadores da cidade, predominantemente do sexo masculino. Os trabalhadores situam-se na faixa etária entre os 20 e os 50 anos, encontrando-se a trabalhar na Baixa entre 1 e 6 anos. Esta população incluiu funcionários de cafés/bares/discotecas, proprietários de restaurantes e bares, DJs e um elemento da polícia (cf. Anexos 3, 4 e 5).

2.7 A análise de conteúdo e a produção de inferências

A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de informação, e não um método (Vala, 1986); e visa obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção destas mensagens (Bardin, 1977). Assim, não serve somente a descrição, uma vez que é a inferência que permite a sua passagem à interpretação (Vala, 1986).

Este processo teve três pólos cronológicos: constituição do corpus, organização dos dados e transcrição; codificação das entrevistas realizadas em categorias e subcategorias correspondentes às unidades de registo de ordem semântica, tendo emergido categorias *a priori*, *i.e.* a formação do guião deu-nos o mote para o surgimento de algumas categorias durante a entrevista, mas, simultaneamente, apareceram categorias *a posteriori*. O processo de categorização foi orientado pelos critérios que configuram uma boa grelha: princípio da exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objectividade e exaustividade (Bardin, 1977). As categorias servem para reduzir complexidade do meio ambiente, ordená-lo e dar-lhe sentido (Vala, 1986). Assim, esta categorização deu origem à formação de três grelhas de análise. Estas grelhas serviram de base ao último momento temporal, o da produção de inferências. (cf. Anexos 6, 7 e 8).

Capítulo III – Apresentação e discussão dos resultados

3. Concentradores juvenis – convergências e divergências

3.1 Frequência – “*Nesses dias é todo o dia São João!*” (P., empregado de café)

O grupo de trabalhadores-moradores identifica como dias de maior afluência a Quinta, a Sexta e o Sábado. Este grupo aponta ainda como principal motivo para a escolha desses dias a entrada no fim-de-semana, sendo frequente ver jovens toda a noite, até às 6, 7 da manhã, visão que é concordante com a dos jovens. Na maioria dos casos, as saídas nocturnas costumam realizar-se com frequência semanal, embora alguns actores refiram que chegam a frequentar a Baixa três ou quatro vezes por semana. A frequência sofre uma sazonalidade que varia consoante as épocas de mais trabalho, sendo que em épocas mais livres, “*sem responsabilidades, sem aulas, sem trabalhos, sem ter de acordar cedo*” (M., sexo feminino, 23) a frequência é maior. Também por esses motivos a maioria dos jovens escolhe entre Quintas e Sábados para sair – “*é o fim de uma semana de esforços e cansaço*” (X., sexo feminino, 22), quer para aqueles que estudam, quer para aqueles que trabalham. As Quintas “*são noites em que os estudantes dominam a Baixa*” (M., sexo masculino, 26). Esta preferência prende-se com o facto de, à Sexta, muitos jovens regressarem à sua terra natal, mas também com o excesso de pessoas que se verifica ao fim-de-semana. O fim-de-semana cria então uma certa ruptura com as actividades formais da semana.

Se as saídas no Porto se realizam com frequência semanal e essencialmente ao fim-de-semana, durante o período de mobilidade no estrangeiro a frequência é relativamente superior, variando entre duas a três vezes por semana, e essencialmente em dias de semana. Os motivos apontados para esta maior frequência prendem-se com a existência de menos responsabilidades e com a adopção de um espírito Erasmus, “*aquele espírito de party*” (F., sexo masculino, 25). Apenas a jovem que efectuou período de mobilidade em Londres refere ter saído com menos frequência lá, por se encontrar a efectuar período de mobilidade não relativo a aulas, mas a estágio. As saídas à semana são bastante frequentes pela existência de dias específicos para festas Erasmus, embora também se continuem a realizar saídas durante o fim-de-semana.

Há ainda quem demarque os dias por faixas etárias: Quinta e Sexta são dias preferenciais para estudantes universitários e do secundário, enquanto que ao Sábado haverá maior disponibilidade para aqueles que já trabalham e que se situam numa faixa

etária superior. Do mesmo modo, alguns estudantes que trabalham em *part-time* preferem o Sábado para sair. Apesar disso, a Baixa não sofre uma desertificação semanal, havendo sempre gente todos os dias, embora com menor expressividade.

A afluência começa por volta das 22h, 23h, observada por nós nas nossas incursões ao terreno. O clima parece condicionar também a frequência destes espaços – “*Está a chover e não está quase ninguém na rua*” (diário de campo, 2 de Outubro de 2010); “*O largo do Piolho está praticamente vazio, está frio e chove bastante*” (diário de campo, 20 Novembro 2011).

3.2 Actores – “*A Baixa é muito eclética em termos de idades, em termos de segmento cultural e económico*” (F., proprietário de um bar na Baixa), ou de como “*Aqui consegue-se encontrar de tudo*” (P., empregado de café)

Os trabalhadores-moradores identificam a existência de um público-alvo diversificado, eclético, heterogéneo, demarcando contudo a forte componente juvenil dos espaços – “*acima de tudo é o público mais novo, estudantes universitários*” (F., proprietário de um bar na Baixa), “*estudantes*” (KB, DJs em vários estabelecimentos da Baixa), “*maioritariamente jovens*” (F., dono de restaurante). De facto, são os jovens o público com maior disponibilidade, o que se traduz numa acrescida visibilidade pública (Lopes, 2000). Apesar da clara predominância estudantil, este grupo afirma que também se encontram “*pessoas de meia-idade*” (P., empregado de café), estrangeiros, e algumas pessoas jovens que “*já terminaram os seus cursos e trabalham à semana*” (M., empregado em 3 estabelecimentos). Se de facto as nossas observações nos mostraram a existência de diferentes faixas etárias, que se inscreveria, segundo Lomba et al., (2011), numa lógica de juvenilização, também constatámos uma maior presença masculina nestes espaços. Esta questão mereceria alguma consideração, sendo que levantamos como hipóteses explicativas o facto de a rua ser um espaço masculinizado e ainda o facto de às raparigas ser normalmente mais apertado o controlo parental.

3.3 Companhia – “A questão não é bem com que pessoas é que vais, é quase com que pessoas é que acabas a noite” (M., sexo masculino, 26 anos)

Os jovens saem com outros estudantes da sua faculdade ou de outras faculdades; alguns combinam saídas com os amigos da secundária e há também quem venha sair com as(os) namoradas(os). No entanto, não saem sempre com as mesmas pessoas, sendo normal escolherem diferentes grupos consoante o tipo de saída que pretendem fazer – “*amigos que gostam de estar assim mais na rua (...) mas também há quem prefira um concerto ou ir sair para um sítio fechado*” (X., sexo feminino, 22). Para além disso, o grupo vai-se alterando ao longo da noite, dada a potencialidade da zona de congregar tanta gente.

No caso dos jovens que efectuaram um período de mobilidade, é curioso perceber que a maioria refere que não era costume sair com jovens do país onde estavam a estudar, mas antes com estudantes portugueses e estrangeiros de outros países. São apontados vários motivos para explicar este acontecimento: o facto de as festas Erasmus propiciarem o conhecimento de outros alunos Erasmus, o facto de os estudantes Erasmus saírem maioritariamente à semana e “os nativos” saírem mais ao fim-de-semana, o facto de “*estares na mesma situação que outras pessoas (...) comes-te a dar com pessoas porque tens algo em comum*” (M., sexo masculino, 26), a vontade de conhecer pessoas de culturas diferentes e ainda o sentimento de que alguns grupos “não se misturam”. Há quem fale ainda da questão de existir uma identidade Erasmus que é gratificada quando se sai num grupo multicultural, onde as descobertas e as experiências são feitas todas em simultâneo – “*É aquela cena de não querermos saber (...) irmos a bares onde há concursos entre equipas e darmos à nossa o nome ‘Erasmus Orgasmus’, para toda a gente saber que estamos ali para armar o cão*” (M., sexo masculino, 26).

3.4 Concentradores – “No fundo é quase o supermercado de sair à noite” (F., proprietário de bar na Baixa)

3.4.1 Tipos de concentradores – “Há sempre um circuito” (V. sexo masculino, 23)

Os jovens concebem a existência de um circuito que gostam de cumprir na noite; este inclui a frequência de diferentes tipos de concentradores. Também o grupo dos

trabalhadores-moradores reconhece a existência desse circuito. Este movimento de visita de vários locais numa noite foi ainda verificado por Lomba e colaboradores (2011), e prende-se com o facto de os jovens irem elegendo, sucessivamente, espaços que se adequam aos seus rituais recreativos. No entanto, a questão do circuito nem sempre se verifica nos países onde os jovens efectuaram mobilidade, dado que os moldes organizadores da vida nocturna não são os mesmos, quer por razões da configuração da própria cidade, quer pela existência de leis que regulam a frequência de certos espaços.

À semelhança dos jovens, também os trabalhadores-moradores distinguem três tipos de concentradores: a rua, os restaurantes e os espaços fechados, diferenciando-se, dentro destes últimos, os cafés, os bares, as discotecas e os “sítios para comer”. O circuito efectuado depende do grupo com quem os jovens se encontram e dos objectivos que esse grupo procura obter da noite. Assim, há quem frequente a Baixa apenas como sítio para jantar ou para ir beber um copo, utilizando-a apenas como ponto de passagem antes da deslocação para uma discoteca na zona industrial ou para outras zonas da cidade, e há outras pessoas cuja noite passa toda pela Baixa, seja ficando só pela rua a beber um copo ou saindo pela noite dentro. O mesmo grupo pode também definir diferentes tipos de saídas – “*jantar e sair até de manhã ou sair para tomar um café ou um copo*” (H., sexo masculino, 24).

Realça-se ainda o facto de as saídas nem sempre terem um objectivo definido *a priori*, sendo que a decisão corresponde normalmente a uma organização colectiva do tempo que reforça a coesão grupal (Pais, 1986a). Assim, se para a noite ser ideal há uma série de factores importantes, como o jantar, o circular alternando entre a rua e bares, e o convívio, as melhores noites muitas vezes nem são planeadas.

3.4.1.1 A rua – “*é tipo... uma paragem nas boxes, okay?*” (S., sexo masculino, 24)

A rua é significada pelos jovens como o sítio ideal para começar a noite, o local onde normalmente se bebe um copo enquanto se decide onde se irá a seguir. Se existe um *behavior setting* (Fischer, 1994) para as unidades ambientais em que nos enquadrámos, e se as pessoas adoptam comportamentos que se moldam ao que convém ser e fazer nesse local, a rua parece ter menos constrangimentos a esse nível. Assim, a rua é percebida como um espaço mais amplo e mais livre, com um meio envolvente atractivo, conferindo a possibilidade de se alternar entre bares, um espaço que é

agradável pelo próprio clima, onde se pode fumar (contrariamente à maioria dos bares, devido à lei do tabaco) e beber, e onde não se paga para estar. A rua convida também à socialização entre grupos mais alargados de pessoas. A própria sociabilidade na rua é potenciada *“pela nossa cultura, que usa a rua como espaço primordial do convívio, e não o espaço fechado”* (C., sexo feminino, 24).

O significado da rua para os jovens prende-se então com os conceitos de liberdade e de mobilidade – *“na rua não estamos fechados”* (V., sexo masculino, 23). A associação do conceito de liberdade à noite permite, por sua vez, a possibilidade de uma sociabilidade construtora de identidades, intrinsecamente ligada às formas de ocupação do tempo levadas a cabo nestes locais, no contexto do grupo de amigos. Também o grupo dos trabalhadores-moradores concebe a rua como um espaço mais livre para os jovens – *“estão mais à vontade, mais soltos, não estão presos num sítio”* (F., dono de restaurante) e afirma que os seus próprios estabelecimentos têm um modelo de negócio voltado para a rua, por motivos meramente economicistas.

Contrariamente ao que diria Lopes (2000), o espaço público não é mais um local de passagem, mas um local de encontro, um local de diálogo, de sociabilidade, de co-construção. Os jovens apropriam-se da rua e investem-na de significados. O que importa então não é falar da rua em si, mas da experiência da rua na acepção de Magnani (2003b), considerando-se as práticas sociais dos jovens enquanto actores, as práticas que conferem à rua o significado de símbolo e suporte da sociabilidade. A rua é construída pelos jovens e os jovens fazem diferentes usos dela, sendo palco da expressão de identidades (Cordeiro & Vidal, 2008).

No entanto, alguns jovens consideram que estar na rua não tem qualquer valor específico, mas é apenas consequência de não haver espaço para todas as pessoas, dada a sobrelotação da Baixa.

O ponto de encontro da maioria destes jovens é o Piolho. Contudo, *“o Piolho é o nome de um sítio muito maior do que o Piolho em si”* (J., sexo masculino, 20 anos), comportando em si referências a toda a Praça Parada-Leitão. Também os trabalhadores-moradores reconhecem o facto de este ser um concentrador bastante referenciado e que se estende para além das fronteiras físicas do próprio café – *“Eles até podem ir beber ao café do lado, mas eles estão a falar com os amigos ao telefone e dizem sempre ‘vem ter comigo ao Piolho’”* (P., empregado de café). A zona do Piolho funciona como ponto de encontro não só por ser um local centralizado e com bastantes bares na sua proximidade, mas essencialmente pelo seu passado de tradição estudantil e pela sua

componente histórica a nível da Academia do Porto. De facto, o Piolho foi inaugurado em 1889 e foi, até hoje, frequentado por sucessivas gerações de estudantes (Costa, s.d.). A fama do Piolho estende-se a nível europeu, havendo “*pessoas quem vêm de fora que já vêm com o intuito de vir ao Piolho (...) deve ter sido passado por estudantes que fizeram Erasmus*” (P, empregado de café).

A Rua Galerias de Paris é também uma zona ao ar livre que consta nos circuitos de muitos destes jovens, conferindo a possibilidade de alternância entre o espaço público e espaços fechados.

Se o Piolho é mais do que ponto de encontro, isto não significa que os jovens passem toda a noite na rua; normalmente, a partir de uma certa hora (1, 2 da manhã) deslocam-se para outros locais, normalmente para locais fechados.

3.4.1.2 Os restaurantes – “*Tem que haver jantarada num dos tascos da Cordoaria!*” (V., sexo masculino, 23)

Os jantares são apontados pelos jovens como fazendo parte do início de uma noite ideal. O seu significado está fortemente associado com a possibilidade de convívio extra-faculdade, e com a potencialidade de “*começarmos a noite todos juntos e toda a gente chegar à noite no mesmo ponto*” (P., sexo masculino, 25). Constatamos então a valorização do estar com amigos a beber um copo, “*a fazer brindes*” (U., sexo masculino, 21), a contar novidades e a descontraír.

Os restaurantes referidos (Casa Melo, Rapide, Calhambeque) são escolhidos pela sua proximidade à zona do Piolho, para onde se dirigem depois de saírem do jantar, pelo preço, pelo tipo de frequência (valorizam-se restaurantes com ambiente académico), pelo ambiente descontraído e pela existência de bebida à descrição, factores que são, de resto, reconhecidos pelos donos dos próprios restaurantes nas entrevistas que realizámos.

Costuma haver um motivo para se fazer um jantar; isto prende-se com a questão económica e com a dificuldade de conciliar disponibilidades, no caso daqueles que já trabalham. No entanto, muitas vezes instituem-se motivos que “legitimam” estes jantares – “*Ou alguém faz anos... ou acabaram-se os exames, ou começaram os exames, ou acabaram-se as aulas, ou começaram as aulas, ou porque é véspera de feriado, ou porque é feriado...*” (M., sexo masculino, 26).

3.4.1.3 Os espaços fechados – “*O que faz um bom sítio são as pessoas com quem estou*” (M., sexo feminino, 23)

Como já referimos anteriormente, os jovens subdividem os espaços fechados em cafés, bares, discotecas e “sítios para comer”.

Os cafés (Lobby, Era uma vez no Porto, La Boheme) são normalmente espaços para começar a noite ou onde se vai depois do jantar, bons para conversar, sendo que, daí, os jovens gostam de circular. Este circular passa pela alternância entre estar na rua e entrar em espaços fechados. A zona do Piolho oferece uma multiplicidade de bares na proximidade onde se pode ir buscar algo para beber e voltar para a rua – “*buscar um fino à Leonor ou um shot de tequilla no Mais Velho*” (M., sexo masculino, 26). Também as Galerias (forma abreviada que os jovens utilizam para se referirem à Rua Galerias de Paris) e as ruas paralelas apresentam essa potencialidade de se “*ir buscar uma caipirinha ao Café na Rua e vir cá para fora conversar*” (M., sexo feminino, 23). O passo seguinte a estar na rua pode ser entrar num bar e passar lá o resto ou parte da noite, seguindo-se, neste segundo caso, para um espaço de tipo discoteca.

No que diz respeito à atractividade dos estabelecimentos, os seus proprietários ou empregados consideram que estes são escolhidos por serem espaços multi-usos, com música, concertos, alguns até com espaço de galeria. No entanto, a atractividade dos estabelecimentos ultrapassa, para os jovens, a dinâmica do espaço físico. Valoriza-se a marca do espaço, a sua versatilidade e o conceito inovador que este procura implementar, como é o caso de sítios como o Armazém do Chá, a Casa do Livro, o Alfaiate, o Tendinha ou as Galerias Lumière. Os “sítios para comer”, como o Museu da Avó, são escolhidos não só face aos petiscos, mas também em função da decoração e do atendimento. A questão económica também é importante, dada a não autonomia dos jovens, ponderando na decisão da escolha dos estabelecimentos, mas também tendo em conta o preço das bebidas. Numa noite normal, os jovens referem gastar quantias entre os 5 e os 30€ “*5€ se for beber um copo, 10€ se houver jantar e um copo, de 20 a 30€ se há jantar e saída*” (X., sexo feminino, 22); “*com o tabaco, o álcool, as entradas, a droga... praí 20€*” (V., sexo masculino, 23).

A música parece ser um dos factores mais importantes, aparecendo como veículo privilegiado de suporte, difusão e construção de identidades juvenis (Pais, 2010c), estando também fortemente ligada ao sentido de lugar (Hudson, 2006). Tal como Fernandes (1990), salientamos a música rock, referenciada como preferência musical de muitos dos jovens entrevistados. A música rock tem expressão urbana e é

parte integrante de uma cultura, um estilo de vida com as suas normas e rituais (Cohen, 1991, *cit in* Hudson, 2006). Tem a potencialidade de exprimir numa linguagem própria vivências dos jovens, mas também a potencialidade de definição de identidade pessoais e grupais. Assim, a música é capaz de produzir o lugar não só no sentido material do ambiente, como também enquanto contexto de relações sociais (Hudson, 2006). De facto, os jovens entrevistados parecem identificar-se com os valores dessa cultura rock, frequentando concertos no Hard Club ou discotecas onde passa esse tipo de música, incorporando-a no seu estilo de vida. A música aparece ainda ligada à apropriação diferencial do espaço, questão à qual tornaremos mais tarde.

Se há factores como o ambiente, a música e a estética do lugar que são importantes, o factor primordial é mesmo o factor humano – não tanto as pessoas que frequentam o local, mas aquelas que o frequentam e que os jovens conhecem. De facto, a ligação que criamos não é apenas relativa ao contexto no qual ocorrem relações interpessoais, mas sobretudo às pessoas em si (Low & Altman, 1992, *cit in* Hidalgo & Hernández, 2001), uma vez que são as relações interpessoais que moldam o sentido de lugar e que, no seio desses lugares, veiculam a construção da identidade. Desta forma, os jovens referem que é importante ser um espaço com o qual se identifiquem e que, embora a identificação com o espaço físico pese, o que pesa mais nessa identificação são as pessoas – “*não gosto muito das Galerias, não me identifico muito com aquilo, com as pessoas*” (J., sexo feminino, 22). Os jovens sentem que aqueles são “*os meus sítios (...) não por ser tipo uma segunda casa, mas porque estão as pessoas de quem gosto*” (P., sexo masculino, 25). Assim, mais do que uma actividade de consumo, a frequência destes espaços é uma actividade de produção – produção de sociabilidades e identidades em territórios próprios (Pais, 1990b).

Por vezes, as noites prolongam-se até de madrugada, e aí “*segue-se para o café Bela Roma para o pequeno-almoço*” (H., sexo masculino, 24).

No que diz respeito aos concentradores no geral, os jovens que efectuaram mobilidade apontaram os mesmos factores como importantes quando estavam no estrangeiro. No entanto, se em alguns locais (nomeadamente Espanha), também havia o mesmo esquema de estar na rua e entrar e sair livremente dos bares, havia uma clara predominância por saídas para sítios fechados de tipo discoteca, quer pelas configurações da própria cidade (amplitude, clima, leis proibitivas, etc.), quer pela dinamização de festas para Erasmus – “*nesses sítios e nessas noites os Erasmus tinham desconto*” (F., sexo masculino, 25).

3.4.2 Atractividade – “*Faz parte da rotina da des-rotina*” (J., sexo masculino, 20)

Se até ao momento já fomos explorando os factores que tornam certos estabelecimentos atractivos para os jovens, iremos agora discutir de que forma a cidade é atractiva e que aspectos da vida dos jovens se encontram nela gratificados. Alguns destes estão em consonância como os que encontrou Fernandes (1990) no seu trabalho sobre a Ribeira enquanto concentrador juvenil – clima, música, mobilidade, consumos, vivência do tempo, possibilidade de interacção.

Na perspectiva dos trabalhadores-moradores, a abertura de uma grande diversidade de sítios e a acessibilidade em termos de transportes colectivos são factores bastante atractivos. No entanto, aquilo que a Baixa oferece “*vem acima de tudo da diversidade... diversidade em termos de público, de música, de espaços para se estar... tanto se está na rua como se entra para um bar, ou se quer sair e vai-se a uma discoteca... depois vão comer um kebab ou assim... (...) a Baixa tem tudo*” (F., proprietário de um bar).

Os jovens reconhecem a importância destes factores e acrescentam alguns. De facto, a acessibilidade e a centralidade, em muitos casos a proximidade das faculdades, levam a que muitos se desloquem para lá nas suas saídas nocturnas. A segurança é outro dos motivos centrais. No entanto, esta segurança não se prende com a presença policial, mas com a existência de uma grande quantidade de pessoas. De facto, as nossas observações também evidenciaram que a presença policial no terreno nem sempre é um facto. Os voos *low cost* estão “*a tornar o Porto uma das cidades-moda da Europa*” (L., sexo feminino, 24), atraindo turistas e jovens de diferentes nacionalidades.

A decadência da Ribeira, por motivos de insegurança, e a decadência da zona industrial, ou a falta de identificação com esta – “*é uma zona mais impessoal, é só armazéns*” (J., sexo feminino, 22); “*por exemplo, eu passei lá ontem de metro, eram só miúdas de 15 anos, vestidas como (tosse), obviamente que me sinto melhor num sítio com gente da minha idade e com os meus gostos*” (H., sexo masculino, 24) tornaram a Baixa a única alternativa, sendo que uma das entrevistadas referiu que continua a preferir a Ribeira e as discotecas. A novidade que a zona trouxe, a possibilidade de todos os dias serem diferentes e o ecletismo dos lugares, que permite a oferta de uma variedade de estilos para diferentes públicos-alvo, são também factores considerados atractivos, a par do facto de se praticarem preços acessíveis, quer no acesso aos estabelecimentos, quer na venda de bebidas alcoólicas. Para além do mais, como diria um dos jovens, “*na rua não se paga*” (V., sexo masculino, 23). O facto de aquela ser

uma zona histórica, com um ambiente agradável e frequência académica confere algum significado para esta população, proporcionando um sentimento de maior ligação à cidade – “*É o Porto genuíno*” (X., sexo feminino, 22).

Estas saídas possibilitam ainda uma quebra com a rotina, embora se tornem, em si mesmas, uma rotina. Esta “*rotina da des-rotina*” permite aos jovens uma evasão do quotidiano e do *stress* da semana – “*estarmos mais relaxados, não nos preocuparmos com horas, com a pilha de coisas em cima da secretária*” (M., sexo feminino, 23), uma vez que é a única altura mais livre “*no meio de testes, exames, teses e estágios*” (M., sexo feminino, 23). Muitos apontam a entrada na faculdade como altura em que conquistaram uma maior liberdade, uma vez que estes espaços tendem a escapar à lógica e supervisão familiar (Lopes, 2000; Clark & Uzzell, 2002). Esta evasão do controlo parental é, de resto, frequentemente referida nas conversas que ouvimos nas nossas incursões ao terreno.

A liberdade é então um valor central para os jovens que frequentam a Baixa durante a noite, liberdade esta não só na sua configuração espacial – “*Não estás confinado a um sítio*” (P., sexo masculino, 25), mas liberdade também de condutas, abrindo caminhos à experimentação no contexto das interações sociais que a própria cidade promove (Clark & Uzzell, 2002). De facto, se a diversidade de oferta e as actividades de dinamização cultural são mais-valias, indubitavelmente “*as pessoas fazem os sítios*” (M., sexo masculino, 26) e é no âmbito das relações interpessoais que se jogam formas de ser e de estar. No caso dos jovens que efectuaram mobilidade, há ainda a mais valia de poderem conhecer sítios novos e pessoas de culturas diferentes, que propiciam experiências diferentes.

No grupo dos trabalhadores-moradores, há quem considere que a cidade poderá gratificar alguns aspectos da juventude e, simultaneamente, contribuir para a construção identitária. Cidade cosmopolita, mas ao mesmo tempo tradicional, com ruas diferentes e coisas novas, “*é extremamente atractivo para os jovens... fazerem parte, sentir que fazem parte*” (F., dono de um bar). Porém, a identidade de lugar não deriva somente das características físicas, mas constitui uma construção social fundada nas percepções dos indivíduos e dos grupos (Lalli & Plöger, 1991, *cit in* Lalli, 1992). Assim, os jovens relacionam-se com os lugares não apenas pelas suas características físicas, mas convertendo-os em espaços sociais, devido à sua apropriação para as suas práticas de socialização com o grupo de pares (Lentini & Decortis, 2010). Assim, “*aquela coisa da juventude, de ser jovem e ser rebelde, ir à Baixa... há algo de alternativo em ir para a*

Baixa” (M., sexo masculino, 26) permite a adopção de um *modus vivendi* ligado a uma série de formas de ocupação do tempo que gratificam a existência dos jovens na cidade. “*Tipo, o estudante tem sempre algo em comum com outro estudante, apesar dessa ligação ser quase invisível... há um modo de vida muito semelhante*” (M., sexo masculino, 26). Este é “*é um modo de vida vadio, ou pelo menos as pessoas sentem-se assim, e isso faz parte da experiência... a falta de glamour também tem o seu glamour (...) e tu sentes-te parte daquilo*” (M., sexo masculino, 26). A experiência de rua (Magnani, 1994a) é, de facto, uma experiência suporte de sociabilidades e identidades, sendo que a cidade oferece o contexto para as manifestações das culturas juvenis (Garrat, 1997, *cit in* Carvalho, 2004; Clark & Uzzell, 2006, *cit in* Lentini & Decortis, 2010). No espaço da cidade, o grupo funciona como suporte de experiências sociais juvenis que contribuem não só para a criação de um sentido de lugar, mas também para a co-construção de identidades pessoais e sociais, ao promover um contexto de liberdade e experimentação – “*aqueles assuntos da nossa juventude, que se proporcionam aí*” (A., sexo masculino, 24); “*é uma espécie de zona onde vale tudo... há um certo sentimento de não imposição... de não adesão a certas normas*” (M., sexo masculino, 26).

Os bons momentos na presença daqueles que são significativos e as “experiências no lugar” de que falava Manzo (*cit in* Lentini & Decortis, 2010) reforçam a vontade de voltar aos mesmos sítios – “*Se as paredes falassem já tinham muitas histórias para contar*” (N., sexo masculino, 22), e as experiências diversas que a frequência daqueles espaços proporciona levam-nos a concluir que a cidade muda os jovens – “*algumas moldaram a minha pessoa e a minha forma de ver as coisas*” (S., sexo masculino, 24).

Em suma, e à luz do modelo de Gustafson (2001), há que considerar que a definição do significado dos lugares passa pelos três pólos *self*-outros-ambiente, não descurando ainda que a relação jovem-lugar deve ser vista como um fenómeno dinâmico e complexo, em que a identidade pessoal e social é em parte definida pela identidade de lugar, especialmente moldada no contexto das relações interpessoais que nele ocorrem. Se o lugar tem importância na construção das identidades juvenis, (Manzo, 2003, *cit in* Lentini & Decortis, 2010), paralelamente, os jovens estendem a sua identidade pessoal/social para o lugar, (re)construindo-o de forma activa.

No entanto, alguns jovens consideram que não existe um factor-chave na *Baixa* e que tudo tem a ver com o facto de “*as pessoas moverem-se tipo rebanho, vão para onde*

for mais gente” (T., sexo feminino, 22), sem importar o sítio para onde vão. Para estas, sair à noite na Baixa é uma questão de moda – “*as pessoas começam a apreciar o glamour da Baixa*” (A., sexo masculino, 24), e “*assim podemos dizer que fomos para a Baixa e que estamos a par das novidades e daquilo que ouvimos os outros falar*” (R., sexo feminino, 22).

3.4.3 Apropriação do espaço – “*os sítios perderam a identidade*” (M., empregado de 3 estabelecimentos)

Se no discurso dos trabalhadores-moradores a questão da apropriação do espaço surge como subcategoria da categoria Concentradores, no discurso dos jovens a mesma questão surge dentro da área temática Cidade, pelo que a visão dos jovens será contrastada mais à frente.

Os trabalhadores-moradores percebem uma apropriação diferencial do espaço consoante a faixa etária e o nível social – “*[Galerias] um público numa classe mais alta, mais conservadora, mais culta, mais calma, para fugirem precisamente àquela parte ali do Piolho*” (M., empregado de 3 estabelecimentos), mas também de acordo com os objetivos que as pessoas procuram quando saem. Assim, “*tens pessoas que vão lá tomar um cafezinho, tens aqueles que vão ao fim-de-semana para o meio da confusão, mas também tens (...) pessoas que vivem da noite e que se calhar praticam actividades culturais bastante interessantes (...) [estas] vão lá para ver aquele concerto, bebem um copo e vão para casa a pensar sobre aquilo, reflectir (...) Algumas ‘casas’ são completamente fúteis, tens o caso do Pitch e do Gare, e depois tens outras com público interessante, como o Ferrugem*” (M., empregado de 3 estabelecimentos).

Também o estilo musical é um dos principais elementos diferenciadores do público dos diferentes espaços. Assim, a música alternativa atrai apenas um “*nicho da sociedade*” (M., empregado de 3 estabelecimentos), “*o Plano B tem um público mais diversificado, mais orientado para a música de dança*” (KB, DJs em vários estabelecimentos da Baixa) e a música rock atrairá também um público mais específico para estabelecimentos como o Tendinha ou o Tendinha Indiscreta. No entanto, esta apropriação diferencial só é percebida numa fase mais avançada da noite, em que diferentes públicos escolherão diferentes sítios, sendo que, numa fase inicial, a Cordoaria concentra muita diversidade.

A apropriação do espaço difere ainda em termos de público consoante os dias da semana e as horas. Assim, “*No início da noite há um público mais velho, depois essas pessoas vão embora, e vai chegando gente mais nova*” (F., proprietário de um bar na Baixa); “*Dependendo das noites, o próprio sítio às vezes tem um público diferente*”(KB, DJs em vários estabelecimentos da Baixa). À semana “*nota-se um público muito mais inclinado para o tipo de música que passamos (...) ao fim-de-semana aparecem lá pessoas que claramente não eram clientes-tipo (...) pessoas que se calhar não estão tão toldadas para aquele tipo de sítios e estranham (...) parece que vão ao Via Rápida, mas estão num bar de rock, que é suposto ser vidros no chão e... sangue... e suor... e estão ali todas maquilhadas... e vão com decotes e mini-saias*” (KB, DJs em vários estabelecimentos da Baixa). Na perspectiva destes actores, o facto de os estabelecimentos terem “*aberto as portas ao mundo*” contribuiu para um excesso de fluxo de pessoas que terá, por sua vez, levado a uma perda de identidade dos sítios – “*O Tendinha tinha noites fantásticas (...) e virou McDonald’s autêntico!*” (M., empregado de 3 estabelecimentos). Por outro lado, há quem considere que há estabelecimentos que mantêm a sua identidade cultural e o seu interesse, como é o caso do Café au Lait, da Casa do Livro, do Breyner 85 e do Candelabro.

3.5 Ocupação do tempo – “*há uma série de experiências muito conotadas com essa fase da tua vida*” (M., sexo masculino, 26)

Se nas grelhas de categorias dos jovens subdividimos esta categoria em Comportamentos e Significado, há contudo que realçar o facto de as condutas estarem intrinsecamente ligadas à sua percepção. Destacamos ainda o facto de também no discurso dos trabalhadores-moradores aparecerem referências ao significado destas formas de ocupação do tempo. Contudo, por essas referências aparecerem intimamente ligadas à categoria Percepção do fenómeno, aqui discutiremos somente as significações imputadas pelos jovens.

Os comportamentos dos jovens mais descritos pelo grupo dos trabalhadores-moradores incluem o convívio e a diversão, o consumo frequente de álcool e de drogas leves, a procura de concertos e exposições, a frequência de cafés, bares e discotecas e os jantares de aniversário ou os jantares académicos. O seu discurso transparece ainda

algumas referências em torno da construção identitária, centrado no conceito de experimentação – “*eles vêm praqui experimentar coisas novas*” (F., dono restaurante).

Os jovens referem levar a cabo sensivelmente os mesmos comportamentos enumerados pelo grupo dos trabalhadores-moradores: o convívio com os amigos, o conhecer de gente nova, o consumo de bebidas alcoólicas e o consumo de drogas leves.

O conhecimento de pessoas do sexo oposto deve ser compreendido tendo em conta a etapa desenvolvimental em que os jovens se encontram, concebidos por muitos como um período de moratória em que os jovens poderiam experimentar diversos papéis, neste caso, a experimentação de relações amorosas.

Os jovens conversam sobre uma série de temas: praxe, emprego (ou a dificuldade de arranjar um), relacionamentos amorosos, sobre a semana que passou e sobre eventos futuros, sobre o curso, sobre viagens que planeiam realizar. A noite e o fim-de-semana existem efectivamente como descontinuidade e ruptura face ao dia e às actividades formais, permitindo assim uma temporalidade e espacialidade onde os jovens podem dar significado às suas próprias vidas, experienciar parte da sua identidade, desenvolvendo actividades e rituais partilhados com um grupo de pares em espaços informais, necessário para a socialização (Lomba et al., 2011). No entanto, esta ruptura não é total, uma vez que a noite é simultaneamente indissociável das actividades diurnas, o fim-de-semana é indissociável da semana, e que as culturas juvenis não surgem apenas como forma de resistência simbólica à cultura dominante, mas também incorporam valores desta. Assim, apesar dos jovens procurarem a liberdade e a quebra com o quotidiano nestes espaços, também se preocupam com o futuro e consideram a construção de projectos, como é o caso das inquietações em torno da procura de emprego.

Uma nota para os *part-times*: alguns dos actores entrevistados reforçaram o valor dos mesmos nas suas vidas. Este valor pode ser compreendido enquanto condição favorecedora da afirmação juvenil, propiciando acesso ao consumo (Pais, 1986a), mas também enquanto símbolo de independência em relação aos pais.

O consumo de álcool é apontado como frequente e banalizado, constatação também por nós observada no terreno, facilitado pelos preços acessíveis e pelos jantares com bebida à descrição. Bebe-se essencialmente sangria, receita e cerveja – esta última por ser a bebida mais barata, e ainda algumas bebidas brancas, mais associadas por alguns ao público feminino, por oposição à cerveja, que seria uma bebida tipicamente masculina. Alguns jovens abordaram ainda a questão da segurança rodoviária, referindo

não levar carro quando consomem bebidas alcoólicas. No entanto, nas nossas observações era frequente vermos carros estacionados por todo o lado, inclusive em cima de passeios. Em que moldes se dá este consumo? A maioria dos jovens vai comprar as suas bebidas aos bares e vem beber cá para fora, até pelo próprio modelo de negócio voltado para a rua já referido, embora já haja grupos que trazem as bebidas de casa ou dos jantares onde estiveram, em “*garrafas plásticas de sumos, que obviamente não têm sumo (risos)*” (S., sexo masculino, 24). Existe também um estabelecimento onde se podem comprar garrafas e trazer para a rua. Estas dinâmicas parecem assimilar-se ao fenómeno do *botellón* espanhol, traduzindo a configuração de novas dinâmicas urbanas emergentes na *movida* nocturna da Baixa. Este consumo na rua é também permitido porque existe um certo “fechar de olhos” por parte das autoridades policiais.

O modo como os consumos são falados difere do discurso da cultura dominante e da sua preocupação com a questão do *binge drinking* e dos comportamentos de risco. Embora haja noites em que a intoxicação é de facto o objectivo e embora os jovens reconheçam que o excesso de álcool pode funcionar como “substância gatilho” no desencadear de alguns problemas (Lomba et al., 2001), o consumo não é sempre desmedido e cumpre uma função expressiva na experiência juvenil. Elemento constituinte do lazer, o consumo é feito no contexto da aprendizagem cultural e social, ou seja, *no* e *com* o grupo de pares – “R.: *Bah, isto cai mesmo mal!*; A.: *Então porque é que bebes?*; R.: *Porque bebem todos, logo também tenho de beber!*” (diário de campo, 4 de Março de 2011). Catalisador de desinibição e diversão, potencia diferentes formas de convívio, tornando as pessoas mais expansivas e menos introvertidas – “*Acho que as liberta*” (J., sexo masculino, 20), permitindo a vivência de experiências diferentes e criando histórias para contar.

No que diz respeito ao consumo de drogas leves, alguns dos actores entrevistados referem “*gostar de fumar umas coisas*” (V., sexo masculino, 23), embora a maioria não tenha feito referências ao consumo pessoal. No entanto, o consumo é percebido como sendo algo frequente e efectuado de forma mais ou menos livre, facto que também constatámos nas nossas observações, essencialmente através do olfacto. A ausência de fiscalização a esse nível favorece a visibilidade deste tipo de práticas no espaço público. O significado destes consumos aparece muito associado à influência do grupo de pares e à questão dos efeitos.

À semelhança daquilo que foi observado por Carvalho (2004), o consumo de diferentes tipos de psicotrópicos está associado a diferentes sítios e estes, por sua vez,

são associados a diferentes estilos musicais – *“tenho amigos que costumam ir a concertos de reggae, experimentam um charro a meio da noite... (...) tu não vês gente no Piolho a cheirar... acho que esse tipo de consumo dá-se em espaços fechados, escuros, com um tipo de música específica”* (X., sexo feminino, 22); *“[drogas leves] vê-se mais em espaços abertos (...) em alguns espaços fechados, dependendo da música, vês pessoas a mandar todo o tipo de drogas (...) eu fico mais chocado se chegar ao Tendinha e vir uma pessoa a mandar um risco do que se vir uma pessoa a mandar um risco no Gare”* (V., sexo masculino, 23); *“consumo de substâncias mais sintéticas em certas festas específicas, ligadas a música de dança (...) e o consumo de cocaína já começa a ser relativamente banalizado, já ninguém estranha ver alguém a mandar uma linha no quarto-de-banho, porque isso acontece!”* (M., sexo masculino, 26).

O retardar de uma série de transições (e.g. mundo de trabalho e autonomia económica) abre caminho a que a vivência urbana surja como espaço alternativo de construção identitária (Lopes, 2000), na qual os jovens (re)inventam formas de passar o tempo. Nestes concentradores, os jovens desenvolvem experiências sociais tipicamente juvenis: experiências de experimentação e procura de liberdade, de convívio, de exibição de status e da imagem, de consumo. Estas condutas são vistas como gratificando uma série de aspectos da juventude e consolidando identidades juvenis, e estão ligadas a uma forma específica de vivência do tempo – a fruição do presente (Pais, 1990b), embora, como já foi apontado, não em total corte com as actividades formais do quotidiano. Estas identidades estão em permanente co-construção, negociando-se no grupo os significados que dão sentido à nossa forma de existir no mundo. Deste modo, os tempos de lazer não podem ser considerados apenas numa vertente passiva, instrumental e individualizada (Magnani, 1994a), e as formas de ocupação do tempo dos jovens não podem ser vistas como mecanizadas e desprovidas de qualquer sentido, nem como características intrínsecas de uma determinada fase da vida (e.g. a conotação da juventude com uma fase de desafio de regras). São antes manifestações duma postura expressiva de estar no mundo que traduz a forma dos jovens se relacionarem com este durante o seu processo de desenvolvimento (Romani, 2007), manifestações essas que constroem activamente e no contexto do grupo de pares, sendo geridas e significadas pelos jovens de diferentes formas.

3.6 – Cidade – do esquecimento à revitalização, da revitalização à descartabilidade

3.6.1 Apropriação do espaço – de como “*o Piolho às 3 da manhã é um freak show*” (T., sexo feminino, 22) e de como “*cada área está mais ligada a um certo tipo de... quase questões sociais*” (M., sexo masculino, 26)

Semelhantemente ao grupo dos trabalhadores-moradores, também os jovens reconhecem a existência de diferentes subculturas, especialmente em termos expressivos. Estas diferentes subculturas estão associadas a diferentes formas de apropriação do espaço, bem como à ocupação de espaços diferentes. Também nós constatámos estas diversas modalidades de apropriação do espaço nas nossas saídas ao terreno.

A Praça Parada-Leitão é vista como zona de concentração da diversidade. Se antigamente o Piolho era conotado com um grupo de pessoas mais alternativo, cada vez mais atrai pessoas que o utilizam como ponto de passagem antes de irem para as discotecas – “*vou só quando há festas... não vou só para ir lá, mas antes de ir para as festas académicas, na zona industrial*” (J., sexo feminino, 22), pessoas de diferentes níveis socioeconómicos e de diferentes faixas etárias. Assim, é possível ver “*rastas*”, “*motards*”, “*skaters*”, “*cotas*”, “*freaks*”, “*hippies*”, gente trajada, alunos Erasmus, professores... Se numa fase inicial da noite a zona do Piolho congrega essa diversidade, numa fase seguinte as pessoas redistribuem-se por diferentes espaços consoante uma série de características, sejam elas a idade, a classe social ou as preferências musicais – “*o Armazém do Chá passa reggae e drum, essas coisas mais alternativas*” (J., sexo feminino, 22); “*as Galerias são para os nossos pais*” (V., sexo masculino, 23), para uma faixa mais exclusiva, “*claro que não vão para lá emborrachar-se, nem dançar até às 6 da manhã... mas estão sentados, a beber o seu copinho de vinho*” (L., sexo feminino, 24); “*no Praça está a gente que vive um bocadinho do nível social*” (V., sexo masculino, 23) e do “*glamour urbano*” (M., sexo masculino, 26); “*o Tendinha é para malta do rock*” (V., sexo masculino, 23).

A zona do Piolho, parecendo mais heterogénea, também é subdividida em áreas apontadas por alguns dos entrevistados – “*vês diferentes grupos a ocupar diferentes zonas*” (M., sexo masculino, 26). Assim, “*em frente à Cremosi são estudantes e alunos Erasmus, ao pé da fonte tens pessoal que leva uns jambés, leva o seu cãozinho (...) e depois, avançando mais, temos ali à beira do Mais Velho estratos sociais mais baixos,*

com pessoas mais bairristas e mais da zona, a dar um aspecto mais underground e mais perigoso (...) e voltando à Adega Leonor vê-se pessoal mais ligado a tribos urbanas mais específicas, mais punk rock, mais metaleiros, mais hip-hops, jovens com inclinações mais artísticas (...)” (M., sexo masculino, 26).

Reconhecemos assim como os espaços têm a mais-valia de transgredirem significados estáticos (Lopes, 2000), fomentando a diversidade de linguagens culturais. A noite não é homogênea, variando de acordo com a idade, o estilo ou o poder aquisitivo. A cidade é sujeita a diferentes usos e apropriações (Lopes, 2000), sendo que diferentes grupos vivenciam e utilizam o espaço de forma distinta, consoante as significações que lhe atribuem (Rémy & Voyé, 1992). Se, no processo de apropriação dos espaços, os jovens os investem de significados, esta identificação com o local irá exprimir as suas identidades pessoais e sociais. O espaço urbano, pela sua liberdade em particular, permite a experimentação de novas identidades, trabalhadas em contextos de maiores e mais livres possibilidades de escolha (Wagner, 1994, *cit in* Pais, 2010c). Quanto mais os jovens personalizarem e se apropriarem dos seus espaços, mais sinónimo de autonomia e revelador de identidade isso será (Fischer, 1994). Contrariamente ao que pensam Rémy & Voyé (1992) e Lopes (2000), a cidade não está mais deserta, não é meramente local de passagem desinvestido de significados. É sim lugar de apropriações dinâmicas e construtoras, feita de significações e alicerce de identidades.

Se os jovens se focam na demarcação consoante o estilo, é porque estes estilos, visíveis na aparência, são símbolos de identificação. De facto, o corpo é uma tela na qual se projectam sensibilidades. Enquanto elemento expressivo, o corpo e o visual devem ser postos em relação com comportamentos, objectos, lugares, formas de lazer (Fernandes, 1990). O visual faz parte da identidade e pode ser visto com função comunicacional: situa o indivíduo num grupo e demarca-o dos restantes. Nos grupos em que se inserem, os jovens estão então abertos a processos de socialização que moldam a sua identidade (Lopes, 2000), sendo que os sítios que o grupo escolhe também espelham essa identidade.

Se há quem signifique essa diversidade como positiva, devido às possibilidades de interacção com gente diferente e por favorecer que todos os estilos encontrem o seu tipo de sítio na cidade, há jovens que têm a percepção oposta, conferindo a este fenómeno uma dinâmica negativa – *“há muito hoje em dia aquele estigma de ‘o pessoal bebeu um copo e já perdeu o fio à meada e vai onde calhar (...) porque na hora de*

afunilar, as pessoas começam a caminhar sem saber para onde vão” (A., sexo masculino, 24). Estes jovens consideram que, devido a esta multiplicidade de estilos, os sítios perdem a sua identidade, especialmente ao fim-de-semana, altura em que se assiste a situações em que as pessoas que frequentam um determinado sítio não seriam os “clientes-tipo”. A opinião que se tem dos grupos que frequentam o local pode ser, de resto, um dos critérios de identificação com o mesmo, bem como as oportunidades de interacção que o mesmo confere (Ortiz et al., 2004). Assim, não será de estranhar que A., o jovem de quem ainda agora falámos, tenha referido que não faz parte das suas preferências frequentar a Baixa do Porto, sendo “arrastado” para lá pelos amigos.

Apesar da diversidade, há actores que pontuam que vão para a Baixa “*não pelo que nos distingue, mas pelo que nos torna comuns*” (U., sexo masculino, 21), defendendo que, acima das identidades de cada subcultura específica, existe uma identidade juvenil que todos os jovens que frequentam a cidade partilham.

3.6.2 Percepção de mudanças – “*Nota-se mais a cidade a mexer-se aqui*” (V., sexo masculino, 23)

Os jovens identificam uma série de mudanças que se operaram na cidade nos últimos anos, essencialmente no que diz respeito à unidade de estudo seleccionada. A cidade era vista como insegura, deserta e abandonada – “*sair à noite no Porto era deprimente, aquilo era vazio, estava tudo fechado*” (H., sexo masculino, 24); “*estava completamente morta, havia muita criminalidade, uma quantidade inacreditável de edifícios abandonados, que potenciavam a toxicodependência e o crime*” (P., sexo masculino, 25). Esta visão é consonante com a de Fernandes (2001b), tendo-se projectado, a partir dos anos 70 e 80, uma imagem da cidade correspondente à degradação, à insegurança, ao abandono. No entanto, nos últimos anos, a cidade voltou a ganhar movimento e, devido a este afluxo de pessoas, tornou-se uma oportunidade de negócio, levando à necessidade de revitalizar o local. Este advento tão grande de pessoas deve-se, em parte, ao esbater de movimento na zona industrial e aos problemas da Ribeira.

A ligação entre procura e oferta é percebida como sendo uma ligação circular e dinâmica, sendo que o café Piolho é visto como o mote desse desenvolvimento. Conotado com o movimento estudantil académico, durante muito tempo foi abandonado pelos estudantes – “*era a zona dos freaks e não sei quê*” (M., sexo masculino, 26);

“*havia um género de pessoas mais associadas àquela zona, os alternativos*” (R., sexo feminino, 22). Quando os estudantes voltaram ao Piolho, começou a surgir mais gente e, a partir daí, foram abrindo mais espaços. Com a abertura de espaços começaram a criarem-se locais mais diversificados, “*o caso das Galerias*” (M., sexo masculino, 26), e a existência de mais espaços atraiu cada vez mais pessoas. Paralelamente, este grande afluxo de pessoas criou a necessidade de se dar resposta a coisas diferentes, abrindo, para além de cafés, bares e discotecas, gelatarias, lojas. Por tudo isto, os jovens consideram que a Baixa deixou de ser um sítio de passagem e um ponto diversificado, sendo agora mais ocupada e mais vivida, não só por mais pessoas, mas também por grupos mais diversos. As pessoas fazem os sítios, e os sítios fazem as pessoas, jogando-se nesta troca uma complexidade de identidades pessoais, sociais e de lugar.

Sendo um fenómeno relativamente recente, há jovens que consideram que sair na Baixa é a nova moda – “*somos uma geração de gozar e deitar fora. E acho que quando novas oportunidades surgirem, as pessoas abandonam a Baixa*” (A., sexo masculino, 24). Assim, a cidade é vista como descartável, especialmente se cair “*na monotonia e na rotina*” (C., sexo feminino, 24). No entanto, há outros jovens que defendem que esta nova *movida* nocturna terá vindo para ficar – “*A Baixa é eterna*” (S., sexo masculino, 24). Estes últimos consideram que, se há pessoas que saem para a cidade porque esta agora é a tendência, há outras que vêm mesmo viver a cidade e que se identificam com este modo de vida.

Uma jovem manifestou a preocupação da questão da revitalização que está a ser operada ser ainda uma revitalização parcial, que não se estende a outros sectores para além do sector do lazer nocturno. De facto, a comunicação social chama a atenção para a inexistência de uma dinamização da cidade para além do fenómeno da noite.

3.6.3 Papel dos jovens na revitalização – “*Se daqui a 50 anos falarem dos anos 2000, a Baixa era nossa*” (S., sexo masculino, 24)

Se alguns jovens consideram que o seu papel na revitalização teve um cariz involuntário, a maioria aponta o seu papel activo. As pessoas são construtoras activas dos seus ambientes (Manzo, 2003, *cit in* Lentini & Decortis, 2010), e os jovens tiveram um papel activo na construção do espaço, quanto mais não seja pela produção de significados (Pais, 1986a; Lopes, 2000) e pelo facto de os espaços terem passado a funcionar como suporte de identidades tipicamente juvenis. De facto, os jovens sentem

que impulsionaram a revitalização da cidade simplesmente pelo facto de terem começado a ocupá-la. Esta ocupação criou a necessidade de se abrirem espaços novos e de se dinamizarem novas actividades, “*dedicados ao que nós queremos da Baixa*” (S., sexo masculino, 24). A verdade é que o público-alvo destas zonas é maioritariamente o público juvenil, sendo também o sector jovem o mais associado ao consumo. “*Eu creio que a palavra-chave da zona da Baixa é mesmo essa, estudantes... sejam estudantes académicos de capa e batina, estudantes de artes*” (M., sexo masculino, 26), uma vez que os jovens tiveram o poder de dinamizar a oferta, aumentando a diversidade e variedade de escolha que, por sua vez, aumentou o número de pessoas e trouxe segurança. Alguns referem ainda que a maioria dos projectos novos na cidade teve como empreendedores gente nova e sublinham o papel do *couchsurfing* na dinamização da cidade. Este é um serviço de hospitalidade com base na Internet, no qual os jovens procuram acomodação em cidades novas, sendo que o Porto se tem tornado um dos destinos de eleição.

Como fomos vendo até agora, os jovens apropriaram-se da cidade e construíram-na, conferindo-lhe noites vividas, diversificadas e que servem de suporte a uma multiplicidade de usos, símbolos e actores. Assim, falar sobre as culturas urbanas juvenis deverá ter em conta não apenas uma preocupação com a oferta, uma vez que isso conceberia os indivíduos como agentes passivos, obrigados a escolher entre o leque de alternativas que lhes são oferecidas, mas considerando também o seu papel na apropriação dos espaços (Lopes, 2000). A noite não pode continuar a ser estigmatizada com comportamentos desviantes, uma vez que nela se experimentam formas de construção identitária. Se dantes a cidade era vista pelos jovens como “*só um monumento, uma cena assim muito abstracta*” (J., sexo masculino, 20), agora é uma zona da qual os jovens se apropriaram, identificando-se então como grandes protagonistas desta mudança na cidade, por “*terem começado a fazer da Baixa algo deles*” (M., sexo feminino, 23). Os jovens constroem a cidade e, simultaneamente, as suas identidades moldam-se e gratificam-se nela.

Alguns jovens referem ainda a sua vontade de ocuparem a cidade de outras formas que não esta ligada ao lazer, manifestada nomeadamente no seu desejo de virem morar para a Baixa. Isto é consonante com o que diz Fernandes (2004c) acerca dos riscos da cidade se tornar mais visitada do que vivida, atravessando, segundo ele, uma crise da cidade histórica – degradação física, despovoamento, estagnação do comércio, falta de segurança, de emprego e de acesso a bens e serviços. Aqui, os jovens podem ter

um papel. Importa conservar, mas conservar para manter a cidade viva e vivida, diversificada, complexa, rica de lugares e respeitadora das memórias que transporta (Fernandes, 2004c).

3.7 Comparação com outras cidades – um percurso pelas noites da Europa: semelhanças e diferenças

O grupo de jovens que efectuaram um período de mobilidade no estrangeiro identificou uma série de semelhanças e diferenças entre a noite das cidades onde efectuaram mobilidade e a noite da Baixa. Paralelamente, apontaram algumas semelhanças com a noite portuguesa de outras cidades. A apropriação do centro histórico do Porto é visto como sendo semelhante àquela que é feita em Braga em Aveiro, e a dinâmica do Bairro Alto de Lisboa é vista como tendo também influenciado a Baixa, sendo que, no entanto, esta é percebida como tendo a sua marca genuína.

Para além das comparações que já fomos efectuando no que diz respeito à frequência dos espaços nocturnos, à companhia com quem os jovens costumam sair, aos factores de atractividade e ao tipo de concentradores, desenvolvemos seguidamente em maior pormenor as similitudes e as dissemelhanças referidas.

No caso de Madrid, a maior semelhança percebida tem a ver com o facto da sociabilidade juvenil também ser feita na rua. O álcool é vendido “*de forma ilegal, julgo eu, por uns chineses*” (H., sexo masculino, 24), sendo frequente o seu consumo excessivo. O fenómeno do *botellón* é bastante expressivo – “*vai-se ao supermercado comprar brancas e refrigerantes, misturar tudo e andar de garrafa de Fanta com vodca limão no meio da rua!*” (H., sexo masculino, 24). Como grande diferença, realça-se a não existência do hábito das jantaradas; assim, em Madrid pode começar-se a noite a comer umas *tapas*, mas o mais normal é as pessoas juntarem-se depois do jantar. É ainda uma cidade com maior diversidade de pessoas, quer a nível de nacionalidades, quer de idades, e, dada a sua amplitude, não existe uma só zona para se ir sair. É também uma cidade mais cara, sendo o motivo económico percebido como uma das maiores razões para os jovens fazerem o *botellón*, que sai mais barato do que consumirem bebidas alcoólicas nos bares. Em Sevilha, as semelhanças são praticamente as mesmas: também lá se assiste à moda do *botellón*, com a sociabilidade e o consumo de álcool a serem feitos na rua, alternando-se o percurso da noite entre espaços abertos e

espaços fechados. É uma cidade mais pequena que o Porto e, à semelhança de Madrid, também não adoptou o hábito das jantaradas. A jovem que esteve em Barcelona referiu que a noite catalã também é frequentada por muita gente jovem. Comparativamente às outras cidades espanholas, o *botellón* é mais contido por ser proibido beber-se na rua, havendo mesmo supervisão em termos policiais. Ainda em Barcelona, assiste-se a uma distinção entre zonas da cidade – a zona industrial e o centro histórico, como também acontece no Porto. Como maiores diferenças, aponta-se mais uma vez a não existência do hábito das jantaradas, uma maior insegurança percebida no Porto, o facto de os bares fecharem mais cedo em Barcelona (por volta das 3 da manhã) e uma maior visibilidade na venda e consumo de drogas leves na noite catalã.

No que diz respeito à comparação entre o Porto e Toulouse, as maiores semelhanças prendem-se com o facto de se ver muita gente jovem a circular e com o consumo frequente de álcool. Por outro lado, no que toca às diferenças, em Toulouse é proibido beber na rua, tendo de se estar em espaços fechados para consumir ou então comprando-se bebidas nas “*episseries de nuit*” e bebendo clandestinamente, uma vez que as bebidas alcoólicas são mais caras lá. Em Toulouse, tudo é mais disperso e mais distante. Por fim, “*no Porto há uma certa dose de loucura muito ibérica, muito latina, que não existia em França*” (M., sexo masculino, 26).

A cultura italiana, pelo menos no caso de Milão, é descrita como sendo semelhante à portuense em termos de rotinas, horas e consumos. No entanto, também neste país não existe o hábito das jantaradas nem é frequente a cultura de rua, sendo mais frequente a diversão em espaços fechados como discotecas, escolhendo-se um para passar toda a noite, uma vez que, em contraste com o Porto, não existem bares onde se pode entrar e sair quando se quiser. Por fim, Milão é vista como sendo uma cidade mais segura que o Porto.

As maiores diferenças apontadas foram encontradas entre o Porto e Londres. Nesta cidade, não há cultura de rua, até pelo clima frio e pela supervisão policial que proíbe o consumo de álcool na rua. Por ser uma cidade de grandes dimensões, em que tudo é disperso, também não é frequente cumprir-se um circuito como acontece na Baixa. Se o consumo é percebido como frequente nas duas cidades, em Londres este é mais conotado com o *binge drinking* – “*o objectivo é sempre a bebedeira, levar uma miúda para a cama*” (C., sexo feminino, 24), por oposição aos moldes de consumo português – “*nós portugueses bebemos um copo para relaxar da semana (...) não*

precisamos tanto do álcool para nos soltarmos (...) os ingleses precisam de recorrer ao álcool para serem mais espontâneos” (C., sexo feminino, 24).

Desta forma, a geografia do território e a cultura são factores importantes na determinação das práticas sociais das pessoas, nomeadamente no que diz respeito à mobilidade, ao tipo de consumos, aos espaços primordiais de sociabilidade e à existência (ou não) do hábito dos jantares. A dinâmica do *botellón* parece ser a maior semelhança entre a noite portuguesa e a noite das outras cidades europeias com que fizemos uma comparação, com os jovens a perceberem esta tentativa de decalcarmos o modelo do país vizinho.

3.8 Percepção do fenómeno – “*Eu penso que será uma moda*” (agente policial)

A percepção dos trabalhadores-moradores sobre este fenómeno pode ser cruzada com o discurso dos jovens acerca da Percepção de mudanças na cidade e com as significações que atribuem às formas de Ocupação do tempo.

3.8.1 Para os trabalhadores-moradores enquanto pessoas – “*mal consigo dormir!*” (moradora da Baixa)

De um ponto de vista mais pessoal, os trabalhadores referem que a Baixa se tornou uma oportunidade de negócio. Para alguns, isto traz-lhes ainda alguma sensação de poder e satisfação pessoal – “*Estou a fazer uma coisa que gosto, e há uma certa sensação de poder nisso (...) [quando passo música] gosto mesmo de sentir que está toda a gente a gostar. Às vezes até me sinto um bocado... mais uma prostituta musical*” (KB, DJs em várias estabelecimentos da Baixa). Alguns dos trabalhadores são pessoas relativamente jovens, pelo que a questão económica também é um factor importante, porque lhes confere alguma independência. Pelo contrário, a moradora entrevistada referiu que o fenómeno acarretou para si apenas consequências negativas, como é o caso do barulho à noite e do lixo à porta de casa.

3.8.2 Cidade – de como *“há uns anos atrás não se via nada disto”* (agente policial) ao *“a cidade não prende as pessoas”* (M., empregado de 3 estabelecimentos)

Os entrevistados identificam uma série de mudanças na cidade operadas ao longo destes últimos anos. Se algumas destas mudanças são positivas e semelhantes à visão dos jovens, outras acabam por ser vistas como problemáticas.

Com a entrada em decadência da Ribeira e a deslocalização dos jovens da zona das discotecas, a Baixa passou a ser o destino de uma série de pessoas. A cidade deixou de estar desertificada e passou a estar mais segura. Se o elemento da força policial entrevistado considera que a segurança sempre existiu da parte policial, estando actualmente mais diversa e *“no terreno e em todo o lado, a qualquer momento”*, esta perspectiva contrasta com a dos jovens, que consideram que a segurança na cidade advém do movimento constante de pessoas e não da intervenção policial.

Como a cidade estava *“praticamente abandonada”* (F., proprietário de um bar na Baixa), os preços estavam mais acessíveis, despertando assim o interesse de se criarem novos projectos, havendo gente com interesse em *“olhar para a cidade de outra maneira, com novas opções, com projectos novos e aliciantes”* (F., proprietário de bar). Se a abertura de novos sítios na cidade chamou pessoas, as pessoas, por sua vez, levaram a que se abrissem mais sítios e serviços diferenciados, incitando-se a recuperação de mais casas, a abertura de restaurantes, lojas e bares. Assim, se inicialmente existia apenas a zona do Piolho, que ganhou muito *“com o fenómeno do Euro e com a lei do tabaco”* (M., empregado de 3 estabelecimentos), aos poucos foram-se criando novas zonas, como as Galerias, que atraíram públicos mais diferenciados e diversificados, trazendo vantagens a nível comercial para a cidade.

Se o crescimento da cidade trouxe vantagens, acarretou também consigo uma série de problemas. Os trabalhadores-moradores apontam como maiores problemas o barulho, o estacionamento selvagem, o consumo excessivo de álcool e substâncias psicoactivas que leva, por sua vez, a condutas agressivas e inadequadas e ao depositar de lixo na rua – *“é ver pessoas a fazer xixi à porta de casa de outras pessoas”* (F., proprietário de bar). Estes problemas são também reportados na comunicação social, que ilustra o fenómeno de forma exacerbadamente negativa – *“a parede da Reitoria da Universidade do Porto (...) serve de urinol e, à volta, é preciso cuidado, para evitar o vomitado no chão”* (Jornal Público, 2010). Se a polícia acredita que a cidade está mais segura, há quem discorde, referindo que existem *“muitos roubos e conflitos”* (F., dono de restaurante) e insegurança urbana – *“Depois tens tudo aquilo que não precisas (...)*

juntam-se carteiristas, pessoas que pedem” (M., empregado de 3 estabelecimentos). É apontado como sendo um fenómeno fútil e que começa a ser afectado pela crise, “*e depois tens a crise pior, a crise cultural*” (M., empregado de 3 estabelecimentos). Se a noite da Baixa é uma noite liberal, este é um liberalismo para o qual os jovens “não estão educados” – “*Os turistas relatam ‘olha para isto, isto é incrível, as pessoas vão para a rua, bebem na rua, andam na rua, mijam na rua, fumam droga na rua!’ (...) só que Portugal não educa as pessoas (...) é o país das bananas! (...)*” (M., empregado de 3 estabelecimentos). Alguns preocupam-se com o facto de, a nível cultural, a cidade não ter enriquecido – “*Por outro lado, tem-se assistido (...) a uma banalização da noite (...) é vender copos, não é mais nada... não é vender cultura (...) No início era um crescimento saudável (...) depois começou a haver o fenómeno de massas, e este tirou o interesse todo à coisa*” (M., empregado de 3 estabelecimentos). Assim, aos olhos destes actores sociais, este fenómeno não é o impulso suficiente que faltava para reabilitar a cidade. “*Se nós isolarmos este fenómeno de sair à noite, a cidade continua deserta, continua a perder habitantes, o comércio tradicional continua a fechar*” (F., proprietário de bar). Por fim, o fluxo de pessoas terá levado à perda de identidade dos sítios, que são descritos como estando um pouco descaracterizados. Este grupo, à semelhança do discurso mediático, apela então à necessidade de se criarem regras para conter o fenómeno. A ameaça dos moradores é vista como uma ameaça bem real, de momento ainda um bocado abafada por todo o movimento popular positivo que existe em torno da Baixa, mas que em breve pode vir a ter consequências. Paralelamente, estes actores acreditam que o fenómeno não passará de uma moda e que, como tal, os jovens acabarão por se sentir desgastados e procurar novos sítios.

3.8.3 Jovens: conduta, papel e significado – da liberdade nas expressividades ao “*marimbarem-se completamente para a situação*” (P., empregado de café)

No que diz respeito à apropriação dos lugares públicos pelos jovens, esta tem sido vista como inapropriada e disruptiva, sendo que os adultos consideram que esta é uma ameaça à segurança e à ordem pública. Assim, o uso dos espaços públicos pelos jovens tem sido sujeito à intervenção policial (Clark & Uzzell, 1992), sendo que, de acordo com Cohen (1988), os mecanismos de controlo social terão “pescado” novos desviantes, alargando assim o seu grau de penetração no corpo social. Este é também o discurso dos trabalhadores-moradores, que transparece na sua percepção sobre a

conduta, o papel e o significado do fenómeno para os jovens que frequentam os concentradores juvenis em estudo.

Também a maioria destes actores imputa uma conotação negativa às formas de ocupação do tempo levadas a cabo pelos jovens – *“é a loucura total, o descalabro!”* (P., empregado de café). Estas formas de ocupação do tempo são vistas como estando em ruptura completa com as obrigações do quotidiano normal – *“não têm de estudar, eles não querem saber de mais nada (...) só querem é rambóia”* (P., empregado de bar). O consumo de bebidas alcoólicas e de substâncias psicoactivas é visto como o factor atractivo principal, ficando a possibilidade de convívio ou de enriquecimento cultural relegada para segundo plano. Estes consumos são interpretados como sendo consumos irresponsáveis, excessivos e catalisadores de problemas – *“não sabem beber, não sabem fazer a junção direita do álcool”*; *“andam aí pelos cantos a vomitar, a criar problemas”*; *“é mesmo o álcool e as drogas que são o catalisador para os problemas desta zona... o seu charrinho (...) e há aquelas pastilhas”* (P., empregado de café). As pessoas que passam na rua comentam *“Quando passo aqui às cinco e meia da manhã para ir trabalhar é só gente bêbada, minha senhora. Nem sei para que é que estão a tirar um curso, metade deles nem vai arranjar emprego... a única vantagem é que depois passam à frente que quem tem a quarta classe para trabalharem nas caixas de supermercado...”* (diário de campo, 27 Setembro 2010). As condutas juvenis são então concebidas como modos de vida ligados ao exagero, ao exagero *“na liberdade que dispõem”* (P., empregado de bar), e os jovens são vistos como pessoas sem qualquer tipo de civismo e que *“não se sabem comportar”*. São também caracterizados como tendo perdido a sua identidade – *“Hoje em dia há uma cultura só, de pessoas que não sabem rigorosamente nada sobre nada (...) acho que as subculturas hoje em dia perderam-se completamente... as pessoas hoje em dia já não ouvem um género de música específico, não têm um sítio que eles gostem e que respeitem e continuem a frequentá-lo sempre, não!”* (M., empregado de 3 estabelecimentos) Esta perda de identidade das pessoas é vista como gerando a perda de identidade dos sítios e da própria cidade.

As saídas nocturnas são vistas como não tendo objectivos ou, pelo menos, objectivos considerados *“apropriados”* – *“Há uma sociedade de não cultura... de boicote aos hábitos individuais e de prática consciente... As pessoas saem por sair, porque se querem embebedar, porque querem mostrar a roupa e querem ir para a cama com alguém... querem ter um acto inconsciente no final do dia... querem sair desta*

realidade... as pessoas não vivem neste mundo, não fazem parte desta realidade! (...) *Elas saem, juntam-se, envolvem-se com desconhecidos... cada vez mais tens acontecimentos do género pessoas que são violadas, que têm sexo 30 vezes numa noite e não sei quantas quantidades de sémen diferente com elas... há pessoas que são espancadas... claro que são, as pessoas descontrolam-se! As pessoas não são conscientes! As pessoas saem à noite, bebem em demasia, porque querem ter actos inconscientes! A noite é apenas um clímax deste não mundo real que as pessoas vivem... (...)* *É um crime psicológico estar a ver esta merda toda a acontecer, é horrível!”* (M., empregado de 3 estabelecimentos).

Estas condutas são ainda vistas como sendo um reflexo daquilo que se passa a um nível mais global numa sociedade capitalista de massas, onde as pessoas têm dinheiro mas são desprovidas de cultura, e onde são influenciadas pelos estereótipos difundidos pelos *mass media*, nomeadamente ao nível da imagem corporal e dos bens materiais.

No que concerne à visão destes actores sobre o papel dos jovens na revitalização da cidade, poucos reconhecem qualquer tipo de acção directa ou intencional. No entanto, há quem refira que “*são as pessoas novas o público mais importante*” (F., proprietário de bar), e que é graças à sua vontade de sair, ao seu tempo livre e curiosidade que a cidade sentiu necessidade de abrir sítios novos e diferentes. Também no que diz respeito aos significados a maioria dos actores considera que o fenómeno é completamente desprovido de significado, “*totalmente descartável e fútil*” (M., empregado de 3 estabelecimentos) e meramente ligado ao consumo. Poucos são os que reconhecem a possibilidade da apropriação da cidade gratificar alguns aspectos importantes numa fase de construção identitária, nomeadamente no que diz respeito ao convívio e à experimentação.

A visão dos trabalhadores-moradores traduz bem os discursos dominantes de que falávamos no Capítulo I deste trabalho, que carregam em si uma concepção da juventude associada a uma série de condutas vistas como desviantes, anómicas e passivas, sem considerar as significações desses comportamentos, o seu valor na construção de identidades ou o seu papel no fazer da cidade. Urge então confrontar e desconstruir esta visão que não tem em conta o papel dos próprios actores.

3.8.4 Alternativas e medidas – “*Reabilitar o comércio tradicional, criar postos de trabalho e ter aqui pessoas a morar*” (F., proprietário de bar)

Tendo em conta os problemas apontados pelos trabalhadores-moradores, alguns reforçam a necessidade de haver uma melhor educação por parte dos jovens, no sentido da cidadania, da cultura e do consumo responsável. Outros criticam a falta de respostas da Câmara no que diz respeito à limpeza que é facultada. No entanto, as maiores preocupações passam pelo facto de, durante o dia, a Baixa continuar deserta, sendo que “*não se estão a criar instrumentos para a cidade*” (F., proprietário de bar). Nesse sentido, há um apelo à criação de planos de urbanização, sendo mesmo que alguns destes empreendedores alargaram a sua área de actuação para a área da habitação – existe um projecto, o “*Low Cost Houses*”, que visa um diálogo entre proprietários que possuem imóveis abandonados e investidores interessados em investir na zona, de forma a criar rendas acessíveis. Esta ideia de criar habitação com rendas baratas passa pelo pressuposto de que a fixação de gente levará a um aumento da procura do comércio tradicional, que será então reabilitado e que, por sua vez, irá criar postos de emprego.

As medidas apontadas são consonantes com os pontos centrais da revitalização definidos por Fernandes (2001b) – apoio ao comércio tradicional e à habitação, prevenção da gentrificação, segurança, limpeza e acessibilidade.

3.9 Diminuição da atractividade: problemas e outras questões – “*Muito lixo, muito barulho, muita desordem*” (T., sexo feminino, 22)

Neste aspecto, a visão dos jovens vai de encontro à perspectiva dos trabalhadores-moradores. Esta capacidade dos jovens identificarem problemas acaba então por ir contra as ideias de irresponsabilidade, anomia e despreocupação que se têm construído em torno desta fase de vida.

A maioria dos problemas apontados está associada ao consumo excessivo de álcool. Este gera condutas agressivas e conflitos, contribui para a poluição da cidade – “*vêm-se garrafas e copos por todo o lado*” (P., sexo masculino, 25) e traz problemas ao nível da saúde – “*pessoas a entrar em comas alcoólicos e a terem que vomitar para repor o seu sistema*” (M., sexo masculino, 26). No entanto, a própria resposta da Câmara ao lixo é vista como insuficiente, dada a inexistência de contentores espalhados pelas ruas. A questão da insegurança é também controversa, sendo que a segurança

existente é conferida não pela actuação policial, mas por haver um grande fluxo de pessoas nas ruas. O barulho é outra das áreas problemáticas, podendo vir a representar *“um risco para a noite na Baixa como nós a conhecemos”* (A., sexo masculino, 24) por causa da questão dos moradores. Dado todos estes problemas, os jovens acreditam que comecem a ser impostas regras, nomeadamente ao nível de uma vigilância mais apertada e de algumas restrições quanto ao consumo de álcool na rua.

Apesar da nomeação destes problemas, há muitos jovens que minimizam o seu impacto – *“[o ruído] é consequência dum local de diversão nocturna... as pessoas que vão para lá morar é que têm que saber que vão arcar com isso”* (S., sexo masculino, 24); *“às vezes vêem-se umas confusões... mas isso é consequência da juventude, da idade (risos)”* (N., sexo masculino, 22). De acordo com o discurso dos jovens, isto parece acontecer porque sentem que a rua é, efectivamente, um lugar seu, um lugar que conquistaram e ao qual têm direito, mas também porque “os outros” adoptaram uma visão distorcida relativamente às suas condutas que não se coaduna com a forma como vêem as suas formas de ocupação do tempo e de apropriação do espaço.

Os jovens identificam ainda uma série de outras questões que podem diminuir a atractividade da cidade. A dificuldade de arranjar estacionamento e a não existência de transportes durante a noite são grandes entraves à deslocação. O facto de a Baixa ser agora um grande foco de atenção *“vai fazer com que se perca um bocado essa inocência e essa pureza, do fazer o que se quer porque não há leis”* (P., sexo masculino, 25), uma vez que o controlo policial vai começar a ser mais intensivo. A actuação da polícia é vista pelos jovens de forma bastante negativa, ao considerarem que esta não se preocupa com as questões da segurança e de policiamento activo da rua, mas que se *“concentra em coisas que a podem fazer ganhar dinheiro, como fechar bares que não estão devidamente regulamentados, multar pessoas em operações STOP e multar carros mal estacionados”* (L., sexo feminino, 24). Finalmente, alguns jovens identificam que *“um espaço só sobrevive se se for reciclando”* (X., sexo feminino, 22) e que, se a Baixa não oferecer programação diversificada, as pessoas irão começar a cansar-se e deslocar-se-ão para outras zonas.

3.10 A emergência de uma nova forma de pensar as culturas juvenis na apropriação da Baixa do Porto

Se integrarmos agora os fragmentos que fomos apresentando e os tentarmos ler à luz das nossas questões de investigação, veremos que, efectivamente, as formas de ocupação do tempo dos jovens neste concentrador juvenil se ligam ao processo de construção identitária e que, simultaneamente, os jovens ajudam à produção da cidade. De facto, a ligação jovens-concentrador juvenil é uma ligação complexa, bidireccional e dinâmica.

Nos últimos anos, tem-se constatado que a Baixa do Porto tem assumido funções de concentrador juvenil, visão que transparece quer nas entrevistas com jovens, quer com trabalhadores e moradores. Efectivamente, a unidade de estudo por nós seleccionada concentra uma grande afluência de jovens, sendo que os espaços em questão estão organizados em função desta população. Estes espaços convergem em si uma série de características que os torna atractivos, englobando questões como a centralidade e a abertura de uma grande diversidade de estabelecimentos. No entanto, mais do que isso, neste concentrador que aqui fomos apresentando, os jovens vêm gratificados uma série de aspectos da sua vivência juvenil. O espaço público urbano fornece o pano de fundo da experiência de rua enquanto suporte de sociabilidade, funcionando como palco de construção e experimentação de identidades tipicamente juvenis. Contexto de liberdade a nível de espaços e de condutas, favorece também uma ruptura, ainda que não total, com as actividades formais do dia-a-dia e com as práticas de supervisão familiar. Efectivamente, os grupos dos jovens têm um papel fulcral na organização de um regime específico de vivência e ocupação do tempo, mas também nas modalidades de apropriação do espaço. O convívio, os consumos, a imagem e a própria ocupação do espaço fazem parte de uma constelação de elementos expressivos que dão sentido à existência dos jovens. Estes elementos expressivos são criados e negociados no contexto das relações interpessoais que os jovens desenvolvem com os amigos com quem frequentam a Baixa, sendo então que, no fundo, são essas mesmas relações que tornam o concentrador juvenil significativo, conferindo-lhe um sentido de lugar e estabelecendo o contexto no qual se jogam identidades pessoais e sociais. Se a cidade é percebida pelos jovens como um pólo agregador de diferentes culturas (não só) juvenis, que a apropriam e significam em moldes muito diversos, acima dessa diversidade está a noção de que existe um *modus vivendi* quase intrínseco à cidade

capaz de reunir essa multiplicidade e de conter as diversas formas de ser jovem numa designação mais abrangente, a de identidade juvenil. Assim, os jovens acreditam simultaneamente numa concepção identitária e numa concepção fragmentada de juventude.

Tendo em conta o que acabámos de dizer, o espaço da cidade em si não produz, por si só, condutas mecanizadas por parte dos jovens. Os jovens têm um papel activo na apropriação do espaço, que se torna então lugar, e são actores na construção dos concentradores juvenis e, num nível mais macro, da própria cidade. A Baixa do Porto deixou de estar deserta devido ao papel activo dos jovens no fazer e refazer da cidade. Deste modo, este novo concentrador juvenil só existe na medida em que é vivido, na medida em que os jovens o reinventam, lhe imputam significados e lhe conferem novos usos. Ao apropriarem-se destes locais, os jovens criam um sentido de lugar que traduz a extensão das suas identidades pessoais e grupais. Deste modo, a Baixa não é mais um local abandonado e desprovido de significado, mas é agora vivida e comporta formas de significação e de construção identitária. Se as identidades dos jovens se moldam e se gratificam na cidade, esta também se faz pela mão das culturas juvenis. Na Baixa da cidade do Porto surgem ainda novas dinâmicas urbanas que terão a influência de outras noites europeias, como é o caso do fenómeno do *botellón*.

Apesar do fenómeno da *movida* nocturna em torno da Baixa ter chamado a atenção para os problemas da cidade e para a necessidade de se operar uma revitalização, esta revitalização ainda está a ser operada de forma parcial, sendo importante atentar numa série de medidas que devem ser levadas a cabo noutros sectores para além do sector do lazer, nomeadamente na área comercial e no sector da habitação.

A consideração da perspectiva dos jovens permitiu-nos então obter uma compreensão mais aprofundada daquilo que está a acontecer na Baixa do Porto durante a noite. Mais importante ainda, os discursos dos jovens abrem caminho à reflexão em torno de uma nova visão, uma visão contrastante com a que é adoptada pelos discursos dominantes e por aqueles que percebem o fenómeno “de fora”. As nossas entrevistas com trabalhadores e moradores deixaram-nos entrever uma concepção que estigmatiza as culturas juvenis como estando intimamente ligadas à adopção de comportamentos desviantes e disruptivos e em ruptura com os valores da geração adulta. Esta perspectiva concebe ainda os jovens como um grupo passivo e sem grande

protagonismo no que toca às mudanças que estão a ser operadas na cidade, chamando ainda a atenção para a necessidade de um maior controlo social sobre a juventude.

Consideramos então importante desconstruir os discursos que prevalecem na sociedade, urgindo a necessidade de se criar uma nova metáfora para a Baixa, não mais deserta e degradada, e das suas figuras, não mais desviantes ou perigosas. A consideração da perspectiva dos actores sociais desafia os processos de rotulagem imputados por esses discursos, atentando na importância de se repensar a visão actual da juventude. Se não devemos mais colar-lhe o rótulo da desviância, não devemos também ter a pretensão de a considerar como uma categoria social homogénea, uma vez que existem diversas formas de ser jovem, que traduzem diferentes significações e sensibilidades. Por fim, a juventude não deve ser encarada como marginal face aos valores da cultura dominante, uma vez que se faz em torno dum jogo de alternância entre autonomia e continuidade, nem como anómica, uma vez que produz os seus próprios significados e formas de construção identitária no contexto do seu grupo de amigos e tendo como palco as ruas da cidade.

Capítulo IV – Reflexões finais

4. Epílogo

Chegados ao fim deste trabalho, e correndo o risco de cairmos em lugares-comuns, a primeira imagem que nos vem à cabeça é a de que, mais recompensador do que o fim do caminho, foi o seu incessante processo de descoberta. Deparámo-nos com os desafios de uma nova racionalidade em ciência e com os desafios de uma nova postura metodológica, sendo que o trabalho de campo se constituiu como um processo constante de aprendizagem. Da mesma forma, a nossa vontade de realizar incursões no domínio de outras disciplinas científicas (como foi o caso da Sociologia Urbana) revelou-se um empreendimento arrojado, mas assentou na nossa crença de que a inovação em ciência se faz nas zonas de fronteira.

Aprendemos a etnografia fazendo-a. A nossa pesquisa de terreno foi feita de avanços e recuos, de hesitações e certezas, de momentos de reflexão e momentos de encontro. Se foi um desafio, foi certamente também uma conquista, uma vez que a perspectiva proximal adoptada permitiu a consideração da perspectiva dos actores sociais através da nossa participação no contexto de estudo seleccionado e em algumas das actividades levadas a cabo pelos jovens que o frequentam. Só desta forma poderíamos aceder aos seus significados, rejeitando concepções pré-estabelecidas. Só assim poderíamos compreender de que forma os espaços que servem funções de concentrador juvenil na Baixa da cidade se ligam ao processo de construção identitária dos jovens e, inversamente, de que modo a cidade se constrói pela mão das culturas juvenis.

Tendo em mente os discursos da cultura dominante sobre a juventude e a apropriação do espaço urbano, o nosso trabalho possibilitou ainda a comparação e o contraste entre diferentes visões – a visão adoptada pelos trabalhadores e moradores e a perspectiva dos jovens que frequentam a Baixa do Porto nos seus tempos nocturnos de lazer. A dialéctica entre estes dois discursos possibilitou a emergência de uma nova forma de se pensarem e de se dizerem as culturas juvenis.

Apesar de, numa panorâmica geral, valorizarmos maioritariamente os frutos desta investigação, há aspectos que necessitam de ser considerados num trabalho futuro deste tipo. Em primeiro lugar, embora revestida de um cariz etnográfico, esta dissertação nunca poderia adoptar a etnografia na sua acepção mais plena, dado que uma das suas características principais, a da permanência prolongada no terreno, não se

cumpriu. Paralelamente, os dias seleccionados para observação sofreram alguns constrangimentos que se prenderam com o facto de a realização deste trabalho ocorrer de forma simultânea com a realização de um estágio curricular, tendo então a maioria das nossas incursões ao terreno sido realizadas à Sexta-feira e ao fim-de-semana. Não tivemos também a oportunidade de constatar como será o fenómeno no Verão; presumimos que este tenha ainda uma maior expressividade, tendo em conta que, nos meses de Inverno, nalgumas das saídas ao terreno que realizámos, observámos uma quase desertificação da rua. Por fim, não conseguimos cumprir um dos nossos objectivos iniciais, o de compreender o papel dos estudantes Erasmus na dinamização da cidade, uma vez que não conseguimos aceder a esta população.

Por último, mas não menos importante, concordamos com Spradley (1979) quando diz que a produção de conhecimento não deve ser gerada como um fim em si mesma, mas com o intuito de este ser aplicado. Acreditamos então que este nosso trabalho pode ser um pequeno passo no sentido de mudar os discursos instituídos sobre os jovens e que essa mudança poderá, por sua vez, provocar alterações nas intervenções sobre a juventude. Do mesmo modo, esperamos que esta investigação permita atentar-se na necessidade de se modificarem as formas de actuar na e sobre a cidade. Se o fenómeno da noite na Baixa promoveu um novo olhar sobre os espaços urbanos, não podemos cair na ingenuidade de pensar que este é impulso suficiente na revitalização da cidade. Tendo em conta os problemas com que esta se confronta a nível da perda de habitantes para a periferia, do abandono de alguns edifícios, do encerramento de estabelecimentos e da falta de emprego, e tendo presente que os jovens são agora os protagonistas em cena, é importante que se criem instrumentos para que estes possam viver a cidade na sua forma mais plena, isto é, criando-se condições mais favoráveis a nível económico para a sua habitação que, por sua vez, vão impulsionar o sector do comércio, criando novos postos de emprego, que, sucessivamente, irão trazer mais gente para o Porto.

Capítulo V – Referências bibliográficas

5. Referências bibliográficas

- A noite da Baixa é vítima do seu próprio sucesso (3 de Outubro de 2010). *Jornal Público, Suplemento Cidades*.
- Abrams, D.; Hogg, M. (1999). *Social identity and social cognition*. Oxford: Blackwell Publishers: Oxford.
- Anderson, J. (2004). The ties that bind? Self- and place-identity in environmental direct action. *Ethics, Place and Environment*, 7, (1-2), 45-57.
- Angrosino, M. (2007). *Doing ethnographic and observational research*. London: Sage Publications Ltd.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Carvalho, M.C. (2004). *Culturas juvenis e novos usos de drogas em meio festivo: trance psicadélico como analisador*. Tese de Mestrado, FPCEUP.
- Chaves, M. (2001). Investigação etnográfica em territórios psicotrópicos: Notas de terreno e comentário. *Educação, Sociedade & Cultura*, 16, 171-201.
- Clark, C.; Uzzell, D. (2002). The affordances of the home, neighbourhood, school and town centre for adolescents. *Journal of Environmental Psychology*, 22, 95-108.
- Cohen, S. (1988). *Visiones de control social. Delitos, Castigos y Clasificaciones*. Colección *El Sistema Penal*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, S.A.
- Cordeiro, G.I.; Vidal, F. (2008). *A Rua – espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Costa, M.T. (s.d.). *Os cafés do Porto*. Acedido a 2 de Novembro de 2010, em <http://www.apha.pt/boletim/boletim2/pdf/CafesDoPorto.pdf>.
- Denzin, N.K.; Lincoln, Y.S. (1994). *Handbook of qualitative research*. California: Sage Publications, Inc.
- Denzin, N.K.; Lincoln, Y.S. (1998). *Strategies of qualitative inquiry*. California: Sage Publications, Inc.
- Domingos, D.E. (s.d.). *Práticas Culturais de Movimentos Juvenis Contemporâneos: a tribo psicadélica e as suas relações com as novas tecnologias de informação e comunicação*. Acedido a 8 de Julho de 2010, em <http://www.intermidias.com/txt/ed9/praticas.pdf>.
- Echaudemaison (1998). *Dicionário de Economia e Ciências Sociais*. Porto: Porto Editora.
- Epstein, J. (1998). *Youth Culture: identity in a postmodern world*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd.
- Feixa, C. (2009). *Generación replicante*. Consultado a 12 de Novembro de 2010, em www.ElPais.com.
- Fernandes, J.A. (1998a). A cidade 25 anos depois: o comércio e a reestruturação urbana do Porto. *Cadernos de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 17, 203-207.
- Fernandes, J.A. (2001b). Qualificação e vivificação das áreas centrais: O caso da Baixa do Porto. *Percursos & Ideias*, 4, 41-50.
- Fernandes, J. A. (2004c). Reabilitação de centros históricos e reutilização da cidade: o caso de Porto-Gaia. *8ª Mesa-redonda de Primavera*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Fernandes, J. A. (2007d). As actividades comerciais e a valorização das áreas centrais. *Inforgeo*, 129-135.
- Fernandes, L. (1990). *Os pós-modernos ou a cidade, o sector juvenil e as drogas: estudo teórico-metodológico e pesquisa de terreno*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. FPCEUP
- Fernandes, L.; Paixão, R. (1993). Existe uma cultura juvenil? De como uma dona de casa nunca ouvirá os B'52. *Encontro sobre a Adolescência*, Fundação de Serralves. Porto: Edinter.
- Ferreira, S.P. (2010). *Para além dos sem-abrigo: pequeno ensaio sobre a pobreza e a exclusão social*. Dissertação de Mestrado: FPCEUP.
- Fischer, G. (1994). *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fisher, J.; Bell, P.; Baum, A. (1978). *Environmental Psychology* (2ª Ed.). New York, USA: Saunders College Publishing.
- Fuhrer, U.; Kaiser, F. (1993). Place attachment and mobility during leisure time. *Journal of Environmental Psychology*, 13, 309-321.
- Giles, D.C. (2002). *Advanced research methods in Psychology*. New York: Routledge.
- Glaser, B.; Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter.
- Goffman, E. (1963). *Comportamento em lugares públicos*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Vozes Ltda.

- Guerra, P. (2004a). Culturas urbanas emergentes e/ou alternativas: músicas, sonoridades e estéticas. *Texto de apoio à leccionação da disciplina de Cultura, Interação e Indivíduo*. Departamento de Sociologia da FLUP.
- Guerra, P. (2004b). Vulnerabilidades sociais e rupturas na transição para a vida adulta. *Encontro/Debate Vulnerabilidades Juvenis*, Junta de Freguesia de Paranhos.
- Gustafson, P. (2001). Meanings of place: everyday experience and theoretical conceptualizations. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 5-16.
- Hall, S.; Jefferson, T. (1975). *Resistance through rituals. Youth subcultures in post-war Britain*. London: Routledge.
- Hidalgo, M.C.; Hernández, B. (2001). Place attachment: conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 273-281.
- Homobono, J.I. (2004). Fiesta, ritual y símbolo: epifanías de las identidades. *Cuadernos de Antropología-Etnografía*, 1, 33-76.
- Hudson, R. (2006). Regions and place: music, identity and place. *Progress in Human Geography*, 30 (5), 626-634.
- Korpela, K. (1992). Adolescents' favourite places and environmental self-regulation. *Journal of Environmental Psychology*, 12, 249-258.
- Kroger, J. (2004). *Identity in adolescence. The balance between self and other*. London: Routledge.
- Kyle, G.; Chick, G. (2007). The social construction of a sense of place. *Leisure Sciences*, 29, 209-225.
- Lagache, D. (1978). *A Unidade da Psicologia*. São Paulo: Persona.

- Lalli, M. (1992). Urban-related identity: theory, measurement, and empirical findings. *Journal of Environmental Psychology*, 12, 285-303.
- Lameiras, A.; Gonçalves, I.; Miranda, J.; Atháide, M. (Novembro 2009). Admirável Porto Novo: fenómeno sociológico ou ilusão noctívaga? *Journal Universitário do Porto*, 1-5.
- Lentini, L.; Decortis, F. (2010). Space and places: when interacting with and in physical space becomes a meaningful experience. *Personal and Ubiquitous Computing*, 14, 407-415.
- Lomba, L.; Apóstolo, J.; Mendes, F.; Campos, D.C. (2011). Jovens portugueses que frequentam ambientes recreativos nocturnos. Quem são e que comportamentos adoptam. *Revista Toxicodependências*, 17 (1), 3-15.
- Lopes, J.T. (2000). *A cidade e a cultura. Um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto: Edições Afrontamento.
- Magnani, J.G. (1994a). *O lazer na cidade*. Acedido a 3 de Abril de 2011, em <http://viverascidades.blogspot.com/2010/08/magnani-o-lazer-na-cidade.html>.
- Magnani (2003b). *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. Acedido a 3 de Abril de 2011, em <http://www.aguaforte.com/antropologia/Rua1.html>.
- Manzo, L.C. (2003). Beyond house and haven: toward a revisioning of emotional relationships with places. *Journal of Environmental Psychology*, 23, 47-61.
- Meira, M. (Março 2011). Entrevista com Filipe Teixeira. *AMOL Magazine*. Acedido a 5 de Abril de 2011, em <http://www.amolmagazine.net/magazine/15/>.
- Moshman, D. (2005). *Adolescent Psychological Development. Rationality, Morality, and Identity*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.

- Neves, T. (2004). Espaço urbano e meio ambiente: duas abordagens. *Educação, Sociedade & Culturas*, 21, 113-131.
- Ortiz, A.; Garcia-Ramon, M.; Prats, M. (2004). Women's use of public space and sense of place in the Raval (Barcelona). *Geo Journal*, 219-227.
- Pais, J.M. (1986a). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Pais, J.M. (1990b). Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica. *Análise Social*, 25, (108-109), 591-644.
- Pais, J.M. (2010c). *Lufa-lufa quotidiana: ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pereira, V.B. (1995a). Café com quê?! Uma análise sobre práticas semi-públicas de sociabilidade em espaços/tempos “intermediários” da Baixa portuense. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 5.
- Pereira, V.B. (2005b). Breves apontamentos sociais sobre a reconfiguração do centro na cidade do Porto. *Revista dos Antigos Alunos da Universidade do Porto*.
- Pinto, M.S. (2009). *Gunas, transgressão e tensões centro-margem: notícias duma etnografia urbana*. Tese de Doutoramento: FPCEUP.
- Pires, D. (Abril de 2011). *Venham mais 5*. Acedido a 16 de Maio de 2011, em <http://opinioao.porto24.pt/2011/05/11/venham-mais-5>.
- Pretty, G.; Chipuer, H.; Bramston, P. (2003). Sense of place amongst adolescents and adults in two rural Australian towns: the discriminating features of place attachment, sense of community and place dependence in relation to place identity. *Journal of Environmental Psychology*, 23, 273-287.

- Romani, O. (2007) Ocio y violencia juvenil: entre la realidad y la ficción. In Recasens, A. (coord.). *La violencia entre jóvenes en espacios de ocio nocturno. Un estudio comparativo europeo*. Barcelona: Ediciones Atelier.
- Rémy, J.; Voyé, L. (1992). *A Cidade: rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento.
- Rocha, A.C. (2009). *À Descoberta da Educação Sexual: uma perspectiva crítica a partir do discurso dos principais agentes*. Tese de Mestrado: FPCEUP.
- Saar, M.; Palang, H. (2009). The dimensions of place meanings. *Living Reviews of Landscape Research*, 3, (3), 4-24.
- Sedikides, C.; Brewer, M. (2001). *Individual self, Relational self, Collective self*. USA: Psychology Press.
- Silva, A.S.; Santos, M.H.; Guerra, P.; Babo, E.; López, M.C. (s.d.). *Novas dinâmicas urbanas (vol.III). Estudo estratégico das cidades do eixo Atlântico*. Câmara Municipal do Porto: Pelouro de Relações Internacionais.
- Silverman, D. (2000). *Doing qualitative research: a practical handbook*. London: Sage Publications.
- Simmel, G. (1903). A metrópole e a vida do espírito. In Fortuna, C. (org.). *Cidade, Cultura e Globalização. Ensaio de Sociologia*. Oeiras: Celta Editora.
- Soares, C.A. (2010). *À conversa com os mass media: mediação discursiva entre o campo jurídico e psicológico*. Tese de Mestrado: FPCEUP.
- Stedman (2003). Is it really just a social construction?: The contribution of the physical environment to sense of place. *Society and Natural Resources*, 16, 671-685.

- Worchel, S.; Morales, J.; Páez, D.; Deschamps, J. (1998). *Social Identity. International Perspectives*. London: Sage Publications.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In Silva, A.S.; Pinto, J.M. (coords). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Velho, G. (1978). Observando o familiar. In Nunes, E.O. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

Capítulo VI – Anexos

Anexo 1 – Unidade de estudo seleccionada para a nossa investigação

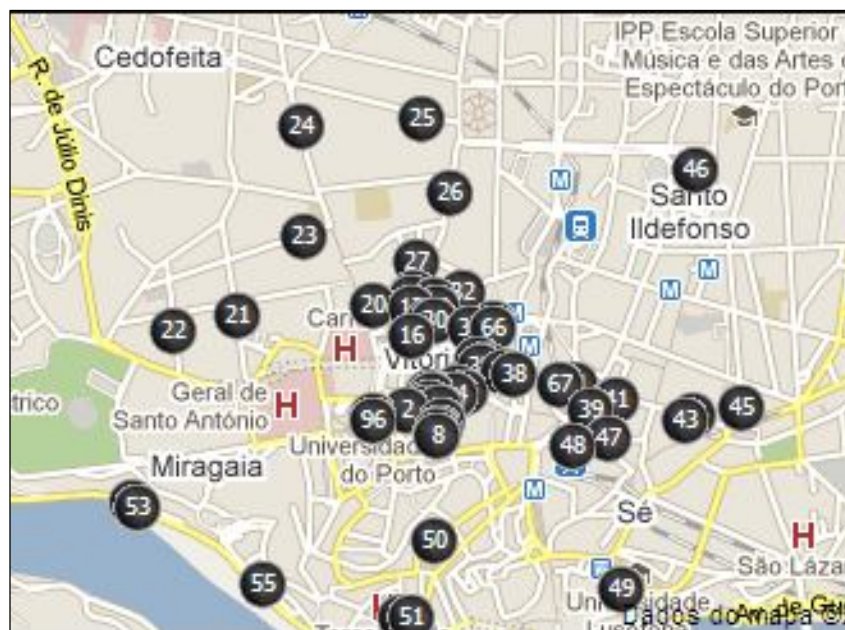


Figura 1: Mapa dos espaços de lazer situados no concentrador juvenil seleccionado como unidade de estudo. Fonte: www.downtownporto.com.

1 – Café Piolho	18 – Pipa Velha	35 - Praça
2 – Era uma vez no Porto	19 - Pherrugem	36 – Baixa 22
3 – La Boheme	20 – Casa de Ló	38 – Café Guarani
4 – Café au Lait	21 – 110	39 – Teatro Sá da Bandeira
5 – Galeria de Paris	22 – Lobby	40 – Pitch Club
6 – Casa do Livro	23 – Breyner 85	42 – Passos Manuel
7 – More Club	24 – Altar Café Concerto	43 – Maus Hábitos
8 – Twins Baixa	25 – Contagiarte	45 – Oporto Lounge
9 – Clube 3C	26 – V5	46 – Pin Up
10 – Plano B	27 – Taboo Bar	48 – Gare Club
11 – Baixa Bar	28 – Alfaiate	49 – Hot Five
13 – Tendinha dos Clérigos	29 – Armazém do Chá	50 – À Parte
14 – Café na Rua	30 – Café Vitória	51 – Hard Club
15 – DouroClub	31 – Café Lusitano	66 – Túnel
16 – Rendez Vous	32 – Café Candelabro	71 – Café Teatro Rivoli
17 – Tendinha Indiscreta	33 – Café Bar Rosa Escura	
	34 – Rádio Bar	

Anexo 2 – A Baixa, concentrador juvenil: pequena reportagem fotográfica



Figura 1: Jovens na Rua Galerias de Paris



Figura 2: Jovens assistem a concerto na Rua Cândido dos Reis



Figura 3: Concentração de jovens na Reitoria da Universidade do Porto



Figura 4: Jovens na fila de um dos bares da Praça Parada-Leitão



Figura 5: Concentração de jovens em frente ao café Piolho



Figura 6: Concentração de jovens na Rua Cândido dos Reis



Figura 7: Consumo de drogas leves na Praça Parada-Leitão



Figura 8: Consumo de bebidas alcoólicas na Praça Parada-Leitão

Anexo 3 – Guião das entrevistas conduzidas com jovens frequentadores da Baixa

Área temática	Objectivos
1. Ficha do actor	- Obter uma breve caracterização sociodemográfica dos actores entrevistados.
2. Frequência	- Compreender em que dias e com que frequência estes actores frequentam a Baixa. - Perceber se existem razões que justifiquem a escolha desses dias e a opção por um determinado tipo de frequência.
3. Companhia	- Caracterizar os grupos em que estes actores se inserem quando frequentam a Baixa durante a noite.
4. Concentradores e circuitos	- Identificar concentradores que os jovens costumam frequentar e os motivos de escolha desses locais. - Perceber se existe um percurso que os jovens cumprem quando saem na Baixa. - Mapear as suas percepções de como é feita a apropriação do espaço.
5. Rua	- Explorar o significado da rua para estes actores, dadas as constatações empíricas do seu papel enquanto forte concentrador juvenil.
6. Porquê da procura	- Perceber que aspectos é que os actores vêm gratificados na cidade. - Articular a atractividade do concentrador com a oferta de diversas modalidades de construção identitária.
7. Percepção do fenómeno	- Explorar as percepções dos jovens relativamente às mudanças que se têm operado na cidade. - Perceber que representações possuem acerca do papel dos jovens na revitalização da cidade. - Indagar sobre a possível existência de problemas ou de outras questões que possam tornar a cidade menos atractiva ou, por outro lado, que possam contribuir para que sejam tomadas medidas para conter o fenómeno.

Anexo 4 – Guião das entrevistas conduzidas com jovens frequentadores da Baixa e que efectuaram um período de mobilidade no estrangeiro

Área temática	Objectivos
1. Ficha do actor	<ul style="list-style-type: none">- Obter uma breve caracterização sociodemográfica dos actores entrevistados.
2. Frequência	<ul style="list-style-type: none">- Compreender em que dias e com que frequência estes actores frequentam a Baixa.- Perceber se existem razões que justifiquem a escolha desses dias e a opção por um determinado tipo de frequência.- Comparar a modalidade de frequência na Baixa com o tipo de frequência nocturna efectuado no estrangeiro. Compreender as diferenças encontradas.
3. Companhia	<ul style="list-style-type: none">- Caracterizar os grupos em que estes actores se inserem quando frequentam a Baixa durante a noite.- Perceber com quem é que os jovens saíam enquanto se encontravam a efectuar o seu período de mobilidade.
4. Concentradores e circuitos	<ul style="list-style-type: none">- Identificar concentradores que os jovens costumam frequentar e os motivos de escolha desses locais.- Perceber se existe um percurso que os jovens cumprem quando saem na Baixa.- Mapear as suas percepções de como é feita a apropriação do espaço.- Comparar os concentradores que os jovens costumam frequentar na Baixa com os do país em que efectuaram mobilidade.- Averiguar se os motivos determinantes na escolha dos locais de diversão nocturna eram os mesmos no estrangeiro.
5. Rua	<ul style="list-style-type: none">- Explorar o significado da rua para estes actores, dadas as constatações empíricas do seu papel enquanto forte concentrador juvenil.- Explorar a sua percepção sobre a (in)existência de uma cultura de rua nos países em que efectuaram mobilidade.

6. Porquê da procura
- Perceber que aspectos é que os actores vêm gratificados na Baixa.
 - Perceber se eram esses mesmos aspectos que eram gratificados no seu período de mobilidade.
 - Articular a atractividade do concentrador com a oferta de diversas modalidades de construção identitária.
7. Percepção do fenómeno
- Explorar as percepções dos jovens relativamente às mudanças que se têm operado na cidade.
 - Perceber que representações possuem acerca do papel dos jovens na revitalização da cidade.
 - Indagar sobre a possível existência de problemas ou de outras questões que possam tornar a cidade menos atractiva ou, por outro lado, que possam contribuir para que sejam tomadas medidas para conter o fenómeno.
8. Comparação outras cidades
- Aceder às representações dos jovens acerca das principais semelhanças e das principais diferenças entre sair à noite na Baixa e sair à noite nas cidades em que efectuaram mobilidade.

Anexo 5 – Guião das entrevistas conduzidas com moradores/trabalhadores da cidade

Área temática	Objectivos
1. Ficha do actor	<ul style="list-style-type: none">- Obter uma breve caracterização sociodemográfica dos actores entrevistados.- Perceber há quanto tempo se encontram a trabalhar na Baixa, e em que locais e a que dias trabalham.
2. Protagonistas do fenómeno	<ul style="list-style-type: none">- Questionar este grupo sobre quem frequenta a Baixa, em termos genéricos, e os seus estabelecimentos, numa perspectiva mais específica.- Aceder às representações dos entrevistados sobre esses grupos.
3. Frequência	<ul style="list-style-type: none">- Averiguar quais são os dias percebidos como os mais movimentados e as razões da escolha destes em detrimento de outros.- Explorar até que horas existe movimento na Baixa.
4. Atractividade	<ul style="list-style-type: none">- Aceder às representações dos entrevistados sobre que factores tornam a Baixa atractiva.- Aceder às representações dos entrevistados sobre que factores tornam o seu estabelecimento procurado.- Aceder à sua percepção sobre o significado da rua para os jovens.
5. Comportamentos	<ul style="list-style-type: none">- Aceder à percepção deste grupo sobre que aspectos os jovens vêm gratificados quando vêm sair para a Baixa.- Aceder às suas interpretações sobre as condutas juvenis.
6. Mudanças na cidade	<ul style="list-style-type: none">- Perceber qual é a visão destes actores acerca da forma como a reabilitação da cidade está a ser operada e sobre quais foram as condições propícias a esta revitalização.- Aceder à sua significação pessoal em torno destas mudanças.- Compreender que papel atribuem aos jovens na dinamização da cidade.- Perceber qual será o próximo passo da cidade.- Explorar a sua percepção de problemas.

Uma nota importante

Nota: Apesar de termos conduzido as entrevistas tendo estes guiões como estrutura-base, é de realçar que foram emergindo algumas questões, adaptadas à circunstância e ao actor, que aqui não estavam contempladas.

Anexo 6 – Grelha de análise de conteúdo respeitante às categorias que emergiram das entrevistas com jovens e respectivos indicadores

Categorias	Subcategorias
Frequência	Número
	Dias
Companhia	
Concentradores	Tipos de concentradores
	Atractividade
Ocupação do tempo	Comportamentos
	Significado
Cidade	Apropriação do espaço
	Percepção de mudanças
	Papel dos jovens na revitalização
Diminuição da atractividade	Problemas
	Outras questões

1. Frequência

Esta categoria inclui referências aos dias preferenciais para se ir sair, ao número de vezes por semana/mês apontado e aos motivos para esse tipo de frequência. Divide-se em duas subcategorias:

- Número: referências ao número de vezes que os jovens saem por semana/mês; comporta ainda referências a diferenças na sazonalidade e a justificação dessas diferenças.
- Dias: esta subcategoria diz respeito aos dias preferenciais para se ir sair e aos motivos que justificam essa escolha.

2. Companhia

Esta categoria engloba as referências às pessoas com quem os jovens costumam sair para a Baixa, bem como referências à caracterização desses grupos.

3. Concentradores

Esta categoria comporta referências aos concentradores que os jovens costumam frequentar na Baixa e aos factores que os tornam atractivos. Inclui também algumas referências àquilo que os jovens descrevem como sendo uma noite ideal. Está dividida em duas subcategorias:

- Tipos de concentradores: referência a diferentes tipos de concentradores frequentados pelos jovens.
- Atractividade: comporta referências aos factores que tornam a Baixa um local tão procurado, mas também referências aos motivos que tornam certos concentradores específicos tão frequentados.

4. Ocupação do tempo

Esta categoria diz respeito às formas de ocupação do tempo que os jovens referem levar a cabo quando saem na Baixa, mas também à significação que os jovens imputam a essa ocupação do tempo. Divide-se em duas subcategorias:

- Comportamentos: referências às condutas e actividades que têm lugar quando saem na cidade.
- Significação: referências aos processos de atribuição de sentido em torno desses comportamentos.

5. Cidade

Nesta categoria figuram as percepções dos jovens relativamente à cidade. Está subdividida em três subcategorias:

- Apropriação do espaço: referências às formas de ocupação do espaço da cidade à noite.
- Percepções de mudanças: referências à descrição e explicação de mudanças sentidas pelos jovens na cidade.
- Papel dos jovens: referências ao papel dos jovens na revitalização da Baixa.

6. Diminuição da atractividade

Esta categoria inclui referências a questões que podem tornar a cidade menos atractiva ou menos frequentada . Divide-se em duas subcategorias:

- Problemas: referências relativas à existência de problemas que podem contribuir para que sejam tomadas medidas para conter o fenómeno.
- Outras questões: alusões a outras questões que podem fazer diminuir a procura deste concentrador.

Anexo 7 – Grelha de análise de conteúdo respeitante às categorias que emergiram das entrevistas com jovens que efectuaram um período de mobilidade e respectivos indicadores

Categorias	Subcategorias
Frequência	Número
	Dias
Companhia	
Concentradores	Tipos de concentradores
	Atractividade
Ocupação do tempo	Comportamentos
	Significado
Cidade	Apropriação do espaço
	Percepção de mudanças
	Papel dos jovens na revitalização
Comparação outras cidades	Semelhanças
	Diferenças
Diminuição da atractividade	Problemas
	Outras questões

Nota: Embora a grelha de categorias para jovens que efectuaram um período de mobilidade no estrangeiro seja bastante semelhante à grelha de categorias dos jovens que frequentam a cidade, a definição dos indicadores é diferente.

1. Frequência

Esta categoria inclui referências à comparação entre o tipo de frequência nocturna da Baixa e o tipo de frequência dos locais onde os jovens efectuaram mobilidade. Divide-se em duas subcategorias:

- Número: referências à comparação entre o número de vezes que os jovens saem por semana/mês na Baixa e ao número de vezes que saíam quando estavam no estrangeiro; comporta ainda referências a diferenças na sazonalidade e a justificação dessas diferenças.
- Dias: esta subcategoria diz respeito aos dias preferenciais para se ir sair e aos motivos que justificam essa escolha, quer na Baixa, quer nos países de acolhimento.

2. Companhia

Esta categoria engloba as referências às pessoas com quem os jovens costumam sair para a Baixa, comparando com quem costumavam sair quando estavam a efectuar o seu período de mobilidade, e ainda referências à caracterização desses grupos.

3. Concentradores

Esta categoria comporta referências aos concentradores que os jovens costumam frequentar na Baixa e aos concentradores que frequentavam nos países de acolhimento, bem como aos factores que os tornam/tornavam atractivos. Inclui também algumas referências àquilo que os jovens descrevem como sendo uma noite ideal. Está dividida em duas subcategorias:

- Tipos de concentradores: referência a diferentes tipos de concentradores frequentados pelos jovens, quer na Baixa, quer nos países onde efectuaram mobilidade.
- Atractividade: comporta referências aos factores que tornam a Baixa um local tão procurado, mas também referências aos motivos que tornam certos concentradores específicos tão frequentados. Comparação dessas referências com referências à atractividade dos destinos nocturnos do período de mobilidade.

4. Ocupação do tempo

Esta categoria diz respeito às formas de ocupação do tempo que os jovens referem levar a cabo quando saem na Baixa e às formas de ocupação do tempo no estrangeiro, mas também à significação que os jovens imputam a essa ocupação do tempo. Divide-se em duas subcategorias:

- Comportamentos: referências às condutas e actividades que têm lugar quando saem na cidade.

- Significação: referências aos processos de atribuição de sentido em torno desses comportamentos.

5. Cidade

Nesta categoria figuram as percepções dos jovens relativamente à cidade. Está subdividida em três subcategorias:

- Apropriação do espaço: referências às formas de ocupação do espaço da cidade à noite.
- Percepções de mudanças: referências à descrição e explicação de mudanças sentidas pelos jovens na cidade.
- Papel dos jovens: referências ao papel dos jovens na revitalização da Baixa.

6. Comparação outras cidades

Nesta categoria incluem-se as comparações que os jovens efectuam entre a Baixa e as cidades onde efectuaram um período de mobilidade. Divide-se em duas subcategorias:

- Semelhanças: referências às principais semelhanças encontradas entre sair à noite na Baixa e sair à noite no destino de mobilidade.
- Diferenças: referências às diferenças mais marcantes entre sair à noite na Baixa e sair à noite na cidade onde fizeram mobilidade.

7. Diminuição da atractividade

Esta categoria inclui referências a questões que podem tornar a cidade menos atractiva ou menos frequentada. Divide-se em duas subcategorias:

- Problemas: referências à existência de problemas que podem contribuir para que sejam tomadas medidas para conter o fenómeno.
- Outras questões: alusões a outras questões que podem fazer diminuir a procura deste concentrador.

Anexo 8 – Grelha de análise de conteúdo respeitante às categorias que emergiram das entrevistas com moradores-trabalhadores da cidade e respectivos indicadores

Categorias	Subcategorias	
Actores		
Ocupação do tempo		
Frequência		
Concentradores	Tipo de concentradores	
	Atractividade	
	Apropriação do espaço	
Percepção do fenómeno	Entrevistado	
	Cidade	
	Jovens	Conduta
		Papel
		Significado
	Alternativas e medidas	

1. Actores

Esta categoria inclui a nomeação e caracterização dos actores que frequentam estes concentradores juvenis.

2. Ocupação do tempo

Esta categoria comporta referências à visão dos trabalhadores/moradores sobre a forma como os jovens ocupam o seu tempo nos diferentes concentradores juvenis.

Excluem-se desta categoria as referências às representações dos entrevistados sobre esses comportamentos – estas são incluídas na categoria Percepção do fenómeno (subcategoria Conduta).

3. Frequência

Esta categoria inclui referências aos dias percebidos como sendo aqueles de maior afluência de pessoas, aos motivos para serem esses os dias mais escolhidos, e ainda referência às horas mais movimentadas.

4. Concentradores

Nesta categoria figuram referências à identificação e distinção de diferentes concentradores juvenis, mas também à percepção dos entrevistados sobre os motivos da sua atractividade.

Esta categoria abrange também referências à ocupação do espaço pelos diferentes frequentadores da cidade. Divide-se em três subcategorias:

- Tipos de concentradores: nomeação de diferentes concentradores juvenis e seu agrupamento em diferentes tipos.
- Atractividade: esta subcategoria compreende os factores vistos como capazes de suscitar a atractividade da Baixa para quem a frequenta, quer no seu sentido mais amplo, quer numa perspectiva mais específica de alguns concentradores juvenis.
- Apropriação do espaço: referências à apropriação diferencial do espaço pelas diferentes pessoas que frequentam a cidade.

5. Percepção do fenómeno

Esta categoria inclui referências à visão dos entrevistados acerca deste fenómeno. Divide-se em quatro subcategorias:

- Entrevistado: referências ao impacto do fenómeno para si e para o seu estabelecimento.

- Cidade: referências a mudanças na cidade ao longo dos últimos anos e previsão de mudanças no futuro. Esta subcategoria contempla ainda a representação dos entrevistados acerca da forma como esta revitalização está a ser operada.
- Jovens: engloba referências às representações que os entrevistados elaboram acerca das condutas dos jovens, ao papel que estes atribuem aos jovens nesta revitalização, e ainda referências ao que consideram ser o significado deste fenómeno para os jovens. Assim, a subcategoria Jovens está por sua vez dividida em três subcategorias: Conduta, Papel e Significado.
- Alternativas e medidas: nesta subcategoria figuram soluções apontadas pelos entrevistados que poderiam atenuar os constrangimentos por eles identificados.